



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
CEAO- CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
ÉTNICOS E AFRICANOS**

**PESCADORES DO RIO VERMELHO: RITOS,
TRADIÇÕES E ANCESTRALIDADE DA PESCA
ARTESANAL.**

CRISTIANE SOBRINHO COSTA

Salvador

2011

CRISTIANE SOBRINHO COSTA

**PESCADORES DO RIO VERMELHO: RITOS,
TRADIÇÕES E ANCESTRALIDADE DA PESCA
ARTESANAL**

Dissertação apresentada ao programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Estudos Étnicos e Africanos.

Orientador: Prof^o Dr^o Cláudio Pereira

Salvador

2011

CRISTIANE SOBRINHO COSTA

**PESCADORES DO RIO VERMELHO: RITOS
TRADIÇÕES E ANCESTRALIDADE NA PESCA
ARTESANAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Étnicos e Africanos.

Salvador, ____ de _____ de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Claudio Pereira (UFBA)
Orientador

Professor Doutor Jeferson Bacelar (UFBA)
Examinador Interno

Professor Doutor Wellington Castellucci Junior (UFRB)
Examinador Externo

A minha mãe Marlene Sobrinho
Costa, e meu filho Laércio Marques
de Mello filho.

A memória de meu querido pai
Gilson Alves Costa e do meu irmão
Alex Sobrinho Costa.

Aos meus afilhados Gabriel e
Nicole.

*Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar, meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar do mar
Um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer
Adeus, adeus
Pescador não se esqueça de mim
Vou rezar pra ter bom tempo, meu bem
Pra não ter tempo ruim
Vou fazer sua caminha macia
Perfumada com alecrim*

Dorival Caymmi

RESUMO

Essa investigação tem como intuito compreender os ritos, as tradições e a ancestralidade presentes no trabalho artesanal dos pescadores do Rio Vermelho. Em função da pequena produção etnográfica sobre os pescadores na Bahia, pretendo dar visibilidade ao trabalho e as relações sociais dos pescadores artesanais. Através desta dissertação pretendo realizar um registro etnográfico dos pescadores do Rio Vermelho e em particular do Porto de Santana. Os objetivos são observar, narrar e interpretar, através de pesquisa etnográfica, o trabalho, a rotina, a linguagem e os diversos elementos que compõem o ambiente dos pescadores do Rio Vermelho, compreendendo a importância da cultura e da ancestralidade sobre dos comportamentos sociais e formação identitária dos sujeitos envolvidos na pesca artesanal.

Palavras-chave: Pescadores artesanais, ritos, tradições, ancestralidade.

ABSTRACT

This research has the intention to understand the rituals, the traditions and the ancestry in the craftsmanship of the fishermen of the Red River. Due to the small production of ethnographic fishermen in Bahia, intend to give visibility to the work and social relations of the fishermen. Through this paper, I intend to carry out an ethnographic record of the fishermen of the Red River and, in particular, the Port of Santana. The objectives are to observe, narrate and interpret, through the ethnographic research, the work, the routine, the language and the various elements that compose the environment of the fishermen of the Red River, including the importance of culture and ancestry on social behavior and identity formation of individuals involved in fishing.

Key Words: fishermen, rites, traditions, ancestry.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi fruto de muita força de vontade e do apoio de pessoas importantíssimas na minha vida sem as quais ele não teria sido concluído.

Em primeiro lugar agradeço a minha mãe, que me apoiou e esteve ao meu lado enfrentando os obstáculos e as dificuldades. Ao meu Filho que sempre estava por perto, contando as páginas, e compreendendo os momentos em que não pude lhe dar atenção.

Ao meu pai Gilson Alves costa (im memoriam) grande incentivador dos meus estudos e da minha carreira acadêmica.

Aos pescadores do Porto de Santana e aos membros da Colônia Z-1, pela contribuição, paciência, cooperação, e gentileza com que me receberam.

Ao meu orientador Cláudio Pereira apoio competente com que direcionou o trabalho.

A Wellington Castellucci Junior pelas dicas, orientações, bibliografias cedidas, e grande generosidade acadêmica.

A Jeferson Bacelar, que primeiro ouviu sobre meu trabalho ainda em fase de ante projeto e fez importantes ressalvas.

Aos meus amigos do Pós-Afro, em especial a Pedro Cubas e Soraya Dopfer.

Ao Humbono José Luís Moreno Neto, pela entrevista e esclarecimentos sobre os termos Yorubás.

A Lindinalva Barbosa secretária do Pós- Afro CEAO, pela dedicação a todo corpo discente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1- O BAIRRO DO RIO VERMELHO E SEUS PESCADORES	24
2- A ATIVIDADE PESQUEIRA	31
2.1- Os pescadores do rio Vermelho	36
2.2- A importância da Mestrança	48
2.3- Relações de Gênero nas comunidades pesqueiras (O caso Dandinha do Rio Vermelho)	53
2.4- Religiosidade e ritos na pesca do Rio Vermelho	63
3- A FESTA DE YEMANJÁ	68
3.1- O presente de Yemanjá na mídia impressa e na internet	90
CONCLUSÕES	98
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	106

Lista de Ilustrações e Imagens

- 1- Mapa das imediações da Colônia dos pescadores**
- 2- Gráfico da produção Nacional de pescados 1950-2009 e a expectativa da produção pesqueira para 2011**
- 3- Gráfico da produção nacional de Pescado por Região 2009**
- 4- Casa do peso e vestígios do Forte do Rio Vermelho 1960**
- 5- Linha circular de bondes do Rio Vermelho 1943**
- 6- Escultura de Yemanjá em frente à casa dos pescadores**
- 7- Pesqueiro Arthemids**
- 8- Dandinha**
- 9- Dandinha**
- 10- Ofício do FUNDIPESCA**
- 11- Festa de Yemanjá 2011**
- 12- Festa de Yemanjá 1930**
- 13- Imagem de Yemanjá africana**
- 14- Imagem de Yemanjá Afro-brasileira**
- 15- Festa de Yemanjá 2011**
- 16- Balaio com presentes para Yemanjá**
- 17- Festa de Yemanjá 2011**
- 18- Festa de Yemanjá 2011**
- 19- Escultura de Yemanjá do Largo da Mariquita**
- 20- Festa de Yemanjá 2011**
- 21- Festa de Yemanjá 2011**
- 22- Festa de Yemanjá 2011**
- 23- Boxes de venda de peixes da casa dos pescadores**
- 24- Festa de Yemanjá 2011**
- 25- Festa de Yemanjá 2011**
- 26- Festa de Yemanjá 2011**
- 27- Festa de Yemanjá 2011**
- 28- Presente de Yemanjá 2000**
- 29- Presente de Yemanjá 2004**
- 30- Presente de Yemanjá 2004**
- 31- Presente de Yemanjá 2005**
- 32- Presente de Yemanjá 2005**

- 33- Presente de Yemanjá 2007**
- 34- Presente de Yemanjá 2007**
- 35- Presente de Yemanjá 2009**
- 36- Presente de Yemanjá 2010**
- 37- Presente de Yemanjá 2011**
- 38- Imagem de satélite da Unidade de Investigação**
- 39- Foz do Rio Camurujipe 1930**
- 40- Festa de Yemanjá 1980**
- 41- Yalorixá com folhas sagradas**
- 42- Festa de Yemanjá 2011**
- 43- Almoço dos pescadores**
- 44- Boxes de venda de pescados**
- 45- Fim de tarde, casa dos pescadores**
- 46- Casa de Yemanjá**
- 47- Pescador Vavá**
- 48- Pescador Fernando**
- 49- Limpeza do barco**
- 50- Imagem lateral da Casa dos Pescadores**

INTRODUÇÃO

Ao trabalhar na Coordenação de projeto de fortalecimento da Pesca artesanal da Bahia de Todos os Santos em 2007, da Bahia Pesca, órgão da Secretaria de Agricultura, tive que elaborar o diagnóstico participativo das comunidades pesqueiras de Salvador, compreendidas entre o Farol da Barra e Ilha de Maré. Durante a elaboração do diagnóstico, constatei que a existência de poucos estudos sociais sobre os pescadores da Bahia, a maior parte dos estudos direcionados à atividade pesqueira estão concentrados na biologia marinha, na historiografia, nos estudos nutricionais, nos estudos econômicos, e mais recentemente na arqueologia marinha.

No diagnóstico participativo elaborado pela Bahia Pesca, foram detectados a ausência de condições básicas de trabalho, moradia, saúde, educação e infra-estrutura de modo geral nas comunidades analisadas. Entre as principais questões levantadas pelos pescadores e marisqueiras estava a falta de materiais de pesca (aviamentos), transporte do pescado, materiais de conservação (gelo, freezers, frigoríficos, etc.), falta de embarcações e de manutenção nas embarcações existentes, e falta de equipamentos de orientação marítima, falta de assistência técnica, além do relato de sérios problemas de saúde ocupacional e de problemas educacionais.

A partir dessa experiência resolvi buscar fontes que refletissem sobre a vida das comunidades pesqueiras, entrando primeiramente em contato com os trabalhos de Júlio Braga, de caráter antropológico, escrito para a revista Afro-Ásia em 1970, e os estudos historiográficos de Wellington Castellucci Junior que tem a maior produção voltada para esse tema na Bahia. Essas primeiras experiências me fizeram escrever um projeto para o mestrado do Pós-Afro intitulado: “Pescadores da Gamboa: Cultura e Identidade do Povo do Mar na Baía de todos os Santos”.

Como ponto de partida percebi que os estudos sobre as comunidades marítimas ainda são muito restritos na Bahia, temos poucas publicações, principalmente no que diz respeito aos trabalhos etnográficos. Muitas monografias e dissertações foram e estão sendo desenvolvidas sobre as marisqueiras e as relações de gênero que envolvem essa atividade profissional, mas diferentemente destas pretendo fazer uma análise da comunidade pesqueira, onde os espaços ocupados por homens e mulheres, assim como as práticas culturais e de trabalho, sejam visualizados como um todo.

Apesar dos pescadores artesanais serem responsáveis por 60% da pesca nacional segundo os dados do Ministério de Aquicultura e Pesca¹, e da pesca artesanal ser responsável pela criação e manutenção de empregos nas comunidades litorâneas, poucos estudos sócio-antropológicos são dedicados a esta temática, constituindo uma grande lacuna.

A falta de estudos sobre comunidades pesqueiras na Bahia reflete na inconsistência de políticas públicas para o setor, e na falta de material de apoio para execução e elaboração de projetos sociais. Além de dados sobre o trabalho pesqueiro faz-se necessário compreender o valor cultural da pesca artesanal para o Brasil.

Nas Colônias de pesca são mantidas diversas tradições, festas, rituais, técnicas e artes de pesca, além de mitos que incorporam elementos dos povos indígenas, africanos e europeus. A partir das relações homem-mar são criados e recriados um conjunto de conhecimentos, que tem como base a relação entre o meio natural e o meio social.

Visibilizar o trabalho e as relações sociais dos pescadores artesanais é um desafio importante para o meio acadêmico, nesse sentido busco realizar através desta dissertação um registro etnográfico sobre a importância da pesca artesanal, no litoral baiano, em particular na Praia de Santana no bairro do Rio Vermelho. Os objetivos são observar, narrar e interpretar, através de pesquisa etnográfica, o trabalho, a rotina, a linguagem e os diversos elementos que compõem o ambiente dos pescadores do Rio Vermelho. Compreendendo a importância da tradição, dos ritos e da ancestralidade sobre os comportamentos sociais e formação identitária dos sujeitos envolvidos na pesca artesanal.

Ao entrar em contato com os pescadores do Rio Vermelho, percebi que mantém técnicas e equipamentos próprios de comunidades de pescadores tradicionais como varas com linhas, redes, chumbadas, barcos a remo, botes, canoas, localização através de técnicas visuais. Porém, os elementos da realidade circundante como a urbanização do Bairro do Rio Vermelho e a incorporação de equipamentos que modernizam os meios de produção como sondas e GPS's, interferem de forma fundamental nas relações sociais e identitárias dos sujeitos envolvidos no trabalho pesqueiro.

Um dos elementos que busquei na minha pesquisa foi à ancestralidade, embora muitos pescadores que atuam hoje no Porto de Santana não sejam oriundos de famílias tradicionais de pescadores, os conhecimentos dos mais velhos, os valores deixados

¹ <http://www.mpa.gov.br/#pesca/pesca-artesanal>

pelos antepassados ainda se fazem presentes e com significativa importância no trabalho dos pescadores.

Ancestralidade entendida como o traço constitutivo de meu processo identitário, que é herdado e que vai além de minha própria existência. O traço herdado se soma aos demais fatores formativos no processo identitário (...). Assim sendo, não se considera a identidade como um bloco homogêneo e imutável, mas como um processo aberto e em permanente construção, no qual dialogam vários fatores determinantes, escolhidos ou não, em contraste com a alteridade com que nos relacionamos. (FERREIRA-BITTAR, 2000:205).

Ao iniciar a minha investigação com os pescadores do Porto de Santana, tinha como objetivo realizar um trabalho de campo que envolvesse não só o pescador, como a família, analisando o papel dos homens e das mulheres no trabalho pesqueiro, assim como compreender os conflitos subjacentes ao choque de gerações entre pais e filhos envolvidos no trabalho da pesca. Também tinha o intuito de analisar a extensão do trabalho desses pescadores na sua vida comunitária, identificando como as relações de parentesco influenciam no trabalho, nas relações de convivência diária, na solidariedade, e na conservação das tradições e ritos.

Dentre os trabalhos científicos, que contribuíram para o desenvolvimento acadêmico da minha dissertação, destaco o livro “A pesca construindo sociedades” de Antônio Carlos Diegues (2004), no qual o autor mostra a interdisciplinaridade nos estudos do mar e, em particular, o papel nas Ciências Sociais, bem como a discussão prevaiente sobre o método científico de análise das comunidades pesqueiras, que foi fundamental para traçar o caminho do meu trabalho.

A relação entre os seres humanos e as águas foi significativa desde os primórdios da humanidade refletindo-se na construção social da realidade, e das relações interpessoais das sociedades costeiras. Estas para se desenvolverem tiveram que compreender os fenômenos naturais ligados a maritimidade, ao mesmo tempo em que deram aos fatos naturais uma natureza social.

A representação simbólica que o mar adquire varia de acordo com a percepção que cada povo obtém a cerca dos fenômenos naturais, assim, é através das relações entre o homem a natureza e dos enfrentamentos das adversidades das forças naturais e da interpretação desse mundo que são criados os elementos necessários para o desenvolvimento do trabalho humano, e conseqüentemente do trabalho dos pescadores.

Neste estudo procuro identificar situações objetivas e subjetivas da cultura e Representação simbólica do povo do mar, e que somente podem ser identificadas a partir de uma abordagem de natureza qualitativa. Para Minayo (2003), nas ciências sociais, a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser apenas quantificado. A pesquisa qualitativa se refere ao que há de mais profundo nas relações entre os seres humanos – a valorização da subjetividade do homem, em sua relação com a natureza, com o outro homem, com o seu ser interior, reconhecendo os grupos e seus problemas em seu contexto social, e o sujeito da pesquisa como um ser histórico, isto é, com meios de criar, recriar e transformar sua história.

Segundo Diegues (2004), até a década de 60 o número de trabalhos acadêmicos sobre as comunidades de pescadores no Brasil foram reduzidos, sendo que a maior parte eram trabalhos descritivos e empíricos. No final da década de 60 e meados da década de 70 alguns trabalhos antropológicos e sociológicos ganharam densidade metodológica e teórica, enfocando principalmente a mudança social entre os pescadores litorâneos, nessa época entrou em conflito a pesca realizada nos moldes da pequena produção mercantil e a produção capitalista que começou uma maior penetração no setor, destacando-se os trabalhos dos sociólogos Mourão (1967, 1971), Diegues (1971) e dos antropólogos Kottak (1966), Forman (1970), Ivo (1975), Ximenes (1975). A partir de então foram desenvolvidos trabalhos enfocando a pesca industrial capitalista, a organização dos pescadores, a criação de entidades de classe, o turismo, etc.

Para Diegues 2004, a quantidade e a diversidade de trabalhos direcionados a comunidades pesqueiras no Brasil, mostram um campo específico de estudo dentro das ciências sociais. A partir da década de 70, começou a se desenvolver uma área específica de conhecimento dentro das ciências humanas intitulada, antropologia marítima, socioantropologia marítima, antropologia da pesca. A antropologia marítima é hoje o campo de pesquisa especializado de estudo etnológico sobre comunidades que vivem do mar, especialmente da pesca.

O verbete antropologia marítima apareceu pela primeira vez em 1992, no Dictionnaire de L'Ethnologie et de L'Anthropologie, publicado pela Presses Universitaires de France. A antropologia marítima estuda o modo de vida específico do povo do mar, em contraste com o modo de vida das populações continentais, e as relações existentes entre estes dois mundos. Alguns antropólogos preferem o verbete antropologia das comunidades pesqueiras e halieuticas.

Existem debates sobre a definição da antropologia marítima como subdisciplina no interior da antropologia ou como simples campo de investigação antropológica, porém, segundo Diegues (2004), a maioria dos antropólogos voltados para esse estudo prefere falar de campo específico de interesse e investigação.

A especificidade dos estudos etnográficos sobre comunidades pesqueiras estão associados à instabilidade do ambiente físico a que estão sujeitos o povo do mar como: fenômenos climáticos, atmosféricos, problemas relacionados à poluição, à intervenção humana no ambiente marinho a exemplo da construção de plataformas continentais de extração de petróleo, as migrações das espécies de peixes, etc. Esses fenômenos apesar de estarem relacionados às ciências naturais, como a oceanografia, a biologia, etc. estão relacionados à realidade física do povo do mar, portanto integram a sua realidade social. É necessário que ao estudar as comunidades pesqueiras exista uma interdisciplinaridade, entre as ciências que estudam o ambiente marinho e costeiro mantendo claro e bem definido os paradigmas e métodos comuns a cada uma.

Entre os aspectos que particularizam os estudos sobre as comunidades marítimas destacam-se os aspectos simbólicos, mágicos e rituais em que muitas culturas marítimas revestem sua relação entre o homem e o mar. Muitos dos ritos sobre o mar e os seres que os habitam estão desaparecendo, porém muitos ainda persistem como as oferendas, as rezas, o ato de evitar a presença no barco de mulheres, entre outros.

Os elementos que tornam os estudos sobre comunidades marítimas específicos no interior da antropologia são segundo Diegues (1989), a variedade e a complexidade dos sistemas técnicos, sociais e simbólicos elaborados pelas populações litorâneas na apropriação do espaço marinho do qual retiram sua subsistência. Também são citados entre as particularidades dos estudos sobre comunidades marítimas, os saberes técnicos como o conhecimento do meio marinho, da fauna e da flora, técnicas de fabricação de navegações, técnicas de navegação.

As sociedades marítimas têm características próprias a serem analisadas nos estudos antropológicos.

Entre as principais características responsáveis pela diversidade das sociedades marítimas estão a valorização positiva ou negativa do mar, o modo de organização econômica e social, o lugar reservado às atividades pesqueiras na economia, o modo de integração das comunidades litorâneas na sociedade mais ampla e o caráter simbólico das relações com o mar. (DIEGUES, 2004:77).

Neste trabalho será analisada a produção pesqueira realizada dentro dos moldes da pequena produção mercantil, esta se subdivide segundo Diegues (2004) em:

- a) A forma de produção mercantil simples do pequeno produtor litorâneo: a produção dos pescadores-lavradores. Nesse caso a pesca continua sendo uma atividade ocasional do pequeno agricultor, restrita em geral aos períodos de safra (tainha, por exemplo). Aí a propriedade típica de produção é a doméstica (família e/ou grupo de vizinhança), e normalmente o pescado, além de salgado e secado para o consumo direto, é em geral vendido e constitui uma das principais fontes de dinheiro disponível para a compra de algumas mercadorias essenciais. (...) A pesca é uma atividade complementar destinada a produzir valores de troca. (DIEGUES, 2004:156-157).
- b) A pequena produção mercantil dos pescadores artesanais. Apesar da manutenção de algumas características básicas da pequena produção mercantil familiar simples, surgem alguns elementos que nos permitem falar em pequena produção mercantil ampliada. O grupo doméstico ainda que importante na atividade pesqueira, não constitui mais a base da unidade de produção e cooperação. (...) A atividade pesqueira passa a ser a principal fonte de renda, propiciando, em determinadas situações, uma maior produção de excedente, em cuja distribuição entre os pescadores passam a ser introduzidos padrões menos igualitários. (DIEGUES, 2004:159).

Os pescadores do Rio Vermelho se inserem no subgrupo da pequena produção mercantil dos pescadores artesanais, embora sejam obrigados a complementar suas rendas com outras atividades em períodos de escassez do pescado, a pesca ainda constitui para a maior parte deles, a principal forma de manutenção financeira da família.

Os itens utilizados para a construção desse estudo foram: Os objetivos da produção pesqueira; as relações sociais de produção; os instrumentos de produção; percepções do espaço de trabalho; fontes de conhecimentos da pesca; estrutura e organização social; formas de produção e transmissão dos saberes tradicionais; gênero; divisão de trabalho; conhecimento tradicional; aspectos simbólicos e religiosos da relação entre homem-mar; religiosidade.

Os sujeitos dessa dissertação são os pescadores artesanais, assim definido de acordo com o Ministério de Estado da Pesca e Aquicultura, tendo em vista o art. 87, da Constituição Federal, e de acordo com a Lei n.º 10.683, de 28 de maio de 2003, alterada pela Lei n.º 11.958, de 26 de junho de 2009, e com o Decreto de 26 de junho de 2009, bem como o disposto na Lei 11.959, de 29 de junho de 2009, e o que consta do Processo

nº 00350.000231/2010-23, Art. 2º. Para efeitos desta Instrução Normativa, considera-se:

I - Pescador Profissional: pessoa física, brasileiro nato ou naturalizado, bem como o estrangeiro portador de autorização para o exercício profissional no País, desde que atendam os demais requisitos estabelecidos nesta Instrução Normativa, e que exerça a pesca como atividade principal e com fins comerciais, fazendo dessa atividade sua profissão e principal meio de vida, podendo atuar na pesca artesanal ou na pesca industrial, definido da seguinte forma:

- a) Pescador Profissional na Pesca Artesanal: aquele que exerce a atividade de pesca profissional de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, podendo atuar de forma desembarcada ou utilizar embarcação de pesca.

Na construção desse estudo busquei manter a pertinente ligação entre a teoria e prática. Saliento que a objetividade não é realizável em ciências sociais devido às especificidades de seu objeto, mas a objetivação é possível graças ao rigor no uso de instrumental técnico. “O processo de construção que reconhece a complexidade e a especificidade do objeto: o ser humano e a sociedade.” (MINAYO, 2003, p.34-36).

Nesse trabalho foi utilizado o método etnográfico, com observações sistemáticas direta dos hábitos dos pescadores que frequentam o Porto de Santana, além de observações realizadas na festa do dia 02 de fevereiro de 2010 e 2011. A principal técnica utilizada foi a entrevista dirigida por roteiro. Realizei vinte entrevistas, entre os anos de 2010 e 2011, além das entrevistas fiz diversas observações de campo, onde conversei com os pescadores do Rio Vermelho e ouvi suas histórias. Nas entrevistas priorizei os pescadores mais antigos, já que o meu principal objetivo é o estudo das tradições e ritos. Foram utilizadas fontes orais de pesquisa e feito um levantamento sobre os estudos a cerca de comunidades pesqueiras.

Utilizei a fotografia para registrar iconograficamente os dados desta investigação, a fim de obter um registro detalhado do campo de estudo e dos pescadores. O registro fotográfico permite uma maior riqueza de detalhes, resgatando faces do passado, assim como a compreensão do presente.

A fotografia permite diferentes leituras, o que a torna subjetiva, por isso procurei interagi-las com o suporte teórico, situando-as num determinado contexto. Além do suporte teórico, intermediei as fotos com minhas observações de campo e com o depoimento dos pescadores.

negociação e adequação de condições operacionais, tais como prazos de carência, taxas de juros, períodos de amortização, etc. Podem, também, as organizações orientar e articular a oferta de cursos de capacitação técnica e gerencial adequado às suas necessidades, inclusive, visando a agregação de valor aos produtos oriundos do trabalho dos seus afiliados. (SANTOS, 2005: 76).

O Nordeste, de acordo com os dados de 2009 do Ministério de Pesca e Aquicultura, é a maior região produtora de pescado do Brasil com 411 mil toneladas/ano, seguida da região Sul, com 316 mil/ano. A região Norte está em terceiro lugar, com 263 mil toneladas, a Sudeste, com 177 mil e, por último, Centro-oeste, com 72 mil. Santa Catarina é o maior produtor entre os estados, com 207 mil toneladas/ano, seguida do Pará, com 136 mil toneladas. A Bahia, com 119 mil toneladas, é o terceiro maior produtor nacional seguida de perto pelo Ceará, com 88 mil toneladas².

O número de pescadores da região foi estimado pelo IBGE³ em 152.548, o que representa 47% dos pescadores do país, demonstrando que a pesca nos estados do Nordeste têm uma grande importância econômica e social.

Com uma produção anual acima de 120 mil toneladas, a Bahia é hoje o terceiro maior Estado na produção nacional de pescado e ocupa o segundo lugar na região Nordeste, segundo os dados da estatística pesqueira nacional de 2009. A pesca é predominantemente artesanal, absorvendo cerca de 100 mil pescadores cadastrados no estado, o que ocorre, principalmente, devido às características da plataforma continental que possui uma faixa de litoral bastante estreita e de fundo rochoso, aliada à baixa produtividade primária da água⁴.

A atividade pesqueira é uma forte característica das populações litorâneas. Na Bahia, esta atividade é predominantemente artesanal, que segundo dados da Bahia Pesca se deve à topografia da plataforma continental e às reduzidas condições de exploração dos recursos pesqueiros do estado. Uma outra característica importante é que a pesca artesanal no Estado é traduzida em duas atividades: a pesca utilizando embarcações e apetrechos de pesca para captura de peixes e crustáceos, e a mariscagem, resultante da captura, manual ou com armadilhas, de crustáceos e moluscos⁵.

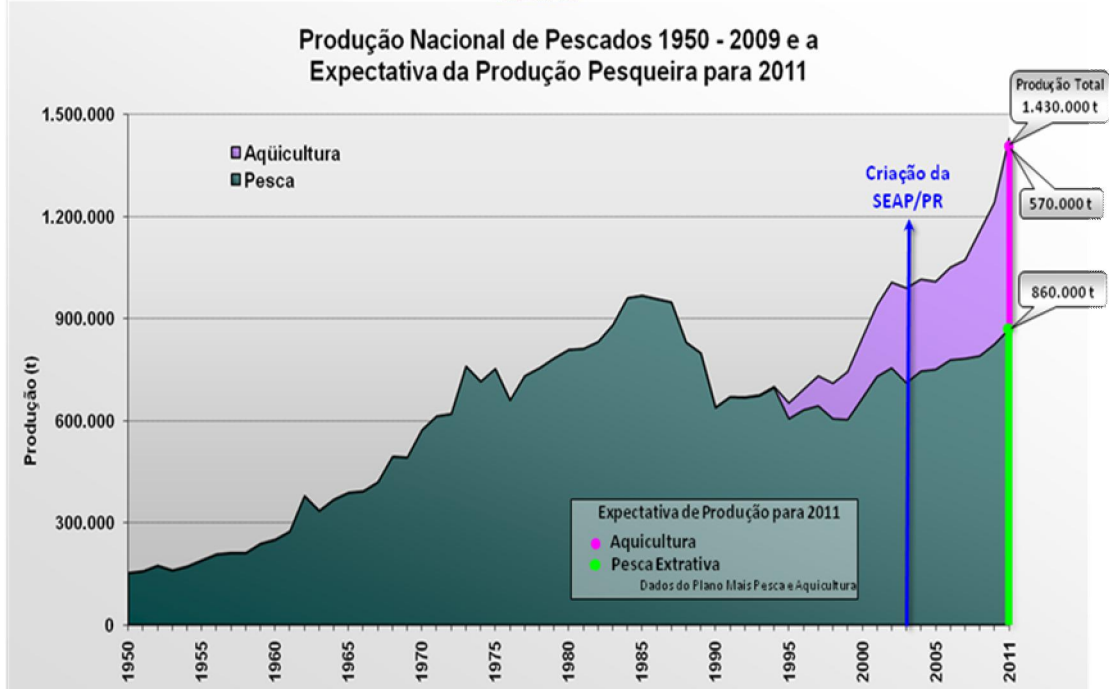
²<http://.mpa.gov.br/#imprensa/2010/agosto/nt>

³IBGE, 2000

⁴ <http://www.bahiapesca.ba.gov.br/bahia-pesca>

⁵ <http://www.bahiapesca.ba.gov.br/bahia-pesca>

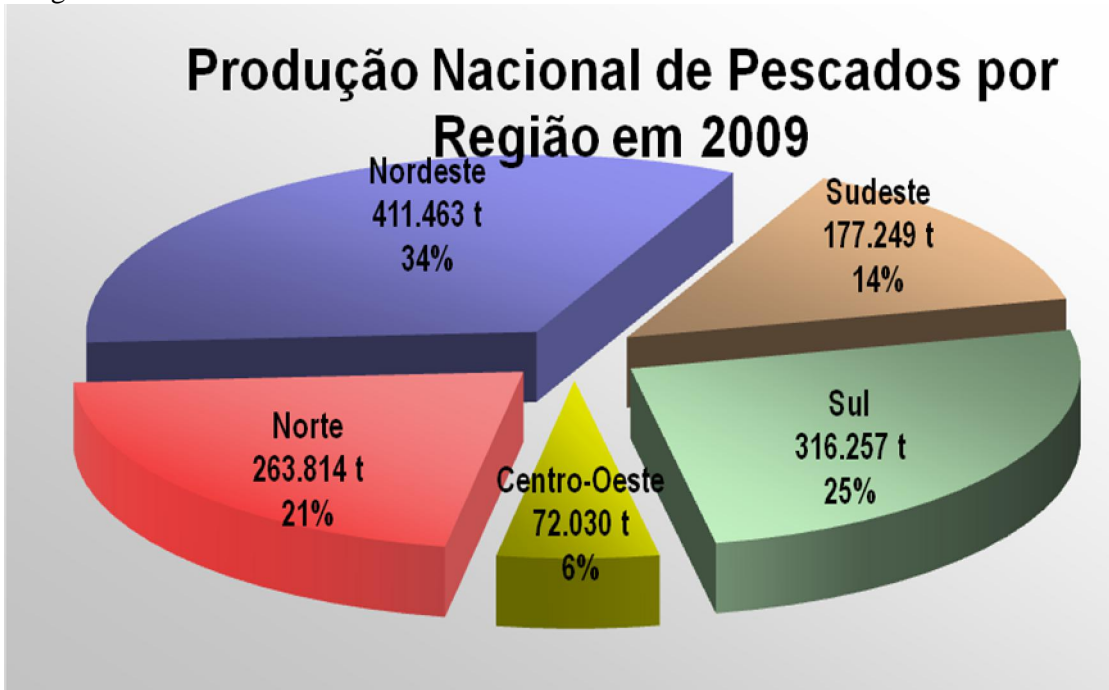
Imagem 2



Produção Nacional de Pescados

Fonte: <http://www.mpa.gov.br/#pesca/pesca-artesanal>

Imagem 3



Pescado por Regiões do Brasil

Fonte: <http://www.mpa.gov.br/#pesca/pesca-artesanal>

A costa baiana apresenta-se como a mais extensa do Brasil em linha contínua (1.188 Km). Segundo o IBGE (2004), a população residente nessa área é de 4 090 779 habitantes, equivalente a 31,3% da população do Estado. Neste litoral estão distribuídos 44 municípios e inseridas 350 comunidades pesqueiras, com destaque para a Baía de Todos os Santos, com seus 1.100 Km², e a Baía de Camamu, que juntas, apresentam um grande número de estuários, originando um complexo de manguezais de enorme potencial para o cultivo de organismos aquáticos, bem como para o sustento das populações de pescadores e marisqueiras que vivem nessas comunidades.⁶

Os locais de pesca que estão alocados à Colônia Z-1, são chamados pelos pescadores de capatazias, os membros da colônia de pesca também são chamados de capatazes, esse termo empregado desde o período imperial foi segundo Silva (1988), regulamentado pelo decreto n. 447, de 19 de maio de 1846 no qual o estado imperial autorizou o estabelecimento das Capitania dos Portos nas províncias marítimas do Império. O decreto dividia os pescadores em distritos “cada distrito será composto dos indivíduos empregados na pesca interior e exterior, que residirem em bairro ou lugarejo da cidade, vila ou costa.” (Silva, 1988:129). Para cada distrito era nomeado um capataz e quantos subcapatazes fossem necessários, cabendo ao Capitão do Porto escolher os ocupantes destes cargos, estes tinham como função matricular os pescadores e enviar a matrícula ao Capitão do Porto para que fosse dado o visto em cada certidão.

Silva (1988), argumenta que a principal função da regulamentação dos pescadores realizada em 1846 era subordinar os mesmos, sobretudo os que navegavam em alto mar, à marinha de guerra, para que os mesmos se tornassem uma reserva militar, sem que precisassem abdicar da atividade pesqueira.

Um dos pontos fundamentais que me levaram a escolha dos pescadores do Rio Vermelho foi a Festa de Yemanjá, realizada pela colônia de pesca Z-1 no dia 02 de fevereiro. Durante todo o ano, eles organizam a festa, conservam a tradição deixada pelos antepassados e recriam laços de sentimento com o espaço que consideram sagrado.

Os pescadores que trabalham no bairro do Rio Vermelho moram em áreas periféricas ao bairro, o que provoca um afrouxamento dos laços de solidariedade que existiam na época em que o bairro era configurado como uma comunidade pesqueira. Em razão do distanciamento das moradias dos membros dessa colônia, não pode ser

⁶ <http://www.mpa.gov.br/mpa/seap/Jonathan/mpa3/info-estatistica/docs/Cadastramento-da-Frota-Pesqueira-do-Litora-Norte-Nordeste.pdf>

utilizada a mesma metodologia das localidades tidas como comunidades tradicionais de pesca, composta por pessoas que vivem no mesmo local e possuem relações não só trabalhistas, mas fazem parte de uma rede familiar, ou redes unidas por laços de solidariedade. Um estudo significativo de abordagem do trabalho familiar na pesca é o de Leonardo David Fernández y José Luís Moros em seu artigo intitulado “As representaciones sociales en torno al trabajo, entre las familias de pescadores de las Isla de Zapara”(Venezuela).

Al tratar a las familias formando parte de redes sociales, se distinguen como espacios generadores de procesos permanentes de construcción de significados sociales, tanto en lo individual como en lo colectivo. A la vez, son sistemas abiertos que a través de un intercambio dinámico, entre sus integrantes y con otros grupos sociales, potencian los recursos disponibles para resolver sus supervivencias, en sus entornos inmediatos. (FERNANDES & MOROS, 2004:1).

Ao repassar os ensinamentos sobre a pesca para as novas gerações, os elementos culturais também são repassados. Porém, os conflitos subjacentes ao choque de gerações, a incorporação de novas tecnologias entre outros fatores, faz com que muito dessa cultura seja esquecida ou desapareça. Em seus estudos sobre a pesca de xaréu, Braga (1970), já demonstrava essa preocupação.

Grande parte das solenidades que outrora eram realizadas quando do início da pesca, já não se observa hoje em dia por absoluta falta de conhecimento da maioria dos pescadores. Contou-nos, entretanto, um pescador, ter alcançado uma época em que, ao iniciar-se a pesca, vinha um velho tio, descendente de africanos, à beira da praia, juntamente com os seus sobrinhos e muitas filhas-de-santo e, depois de muito cantar para as divindades africanas, colocava em uma das extremidades da rede, um pedaço de orobô, para que a pesca fosse abundante e nada de ruim acontecesse aos pescadores. O primeiro peixe pescado era levado ao velho tio, que o preparava, ficando somente com a cabeça e o restante era distribuído com os seus parentes e acólitos. Muito embora as solenidades estejam bastante reduzidas, os pescadores fazem questão de informar que sempre ao iniciar a pesca faz-se alguma obrigação, hoje quase limitada ao presente da Mãe-D'água, Janaína, a Rainha do Mar. (BRAGA, 1970:48).

Segundo o relato do técnico do Bahia Pesca e ex-presidente da Colônia de pescadores do Rio Vermelho, Pantaleão, existe um desinteresse crescente dos mais jovens em continuar a profissão de pescador, o mesmo relato encontrado por mim no diagnóstico participativo que realizei em 2008 em várias Comunidades pesqueiras da

Baía de todos os Santos, através do Projeto de Fortalecimento da Pesca Artesanal da Baía de Todos os Santos e Iguape. Porém, foi diagnosticado que muitos homens, por falta de oportunidades, terminavam sendo incorporados ao mundo da pesca pela necessidade financeira e pelo fato da família dispor de um barco ou de instrumentos de pesca. Essa hereditariedade na pesca, não foi observada por mim, entre a maior parte dos pescadores entrevistados no Porto de Santana, o que tratarei mais adiante no capítulo sobre o trabalho dos pescadores.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro é dedicado ao estudo do “Bairro do Rio Vermelho e os seus pescadores”, nele farei uma análise histórica do bairro, desde a sua colonização no século XVI até a atualidade, destacando o papel do setor pesqueiro na formação sócio-econômica local.

No segundo capítulo intitulado “O trabalho do pescador”, busquei através do trabalho etnográfico e das bibliografias sobre pescadores no Brasil, assim como dos elementos norteadores da antropologia de Comunidades pesqueiras defendidas por Diegues (2004). Traçar as experiências de trabalho dos pescadores do Porto de Santana, assim como analisar a importância das tradições, dos ritos, da ancestralidade, e das relações de gênero na formação identitária dos sujeitos envolvidos no trabalho pesqueiro, assim como compreender as transformações ocorridas no setor nos últimos anos. Neste capítulo também tratarei da mestrança, afim de compreender a importância dos saberes tradicionais para a atividade pesqueira.

No terceiro capítulo, “A Festa de Yemanjá”, tratarei da festa do dia 02 de fevereiro realizada pelos pescadores desde a década de 20 do século XX. Neste capítulo farei um estudo bibliográfico e etnográfico sobre o Orixá e sua representação em África e no Brasil, a importância do Orixá Yemanjá na história do bairro do Rio Vermelho, assim como da importância do presente oferecido às águas para o culto afro-brasileiro e para os pescadores do Rio Vermelho.

Para compreender a importância da festa como elemento norteador da tradição local, analisarei o que levou os pescadores a iniciar os ritos, como se deu a incorporação do candomblé na festividade, quais os fundamentos religiosos presentes na festa, como esses elementos norteiam a vida dos pescadores do Porto de Santana. Como a festa do Rio Vermelho é uma das principais festividades do calendário baiano e atrai não só moradores da cidade de Salvador, mas, turistas do Brasil e do mundo, realizei uma análise das publicações feitas em jornais e sites da cidade de Salvador, para compreender os principais pontos de destaque dados pela mídia à essa festa.

1- O BAIRRO DO RIO VERMELHO E SEUS PESCADORES

Desde o início do século XVI, há registros da existência de Aldeamentos Tupinambás nas imediações do Rio Camurujipe. A conquista do litoral brasileiro pelos portugueses se deu através da expulsão das tribos indígenas que viviam da caça e da pesca para a introdução de culturas agrícolas, engenhos de açúcar, formação de pequenas Vilas, e armações pesqueiras. Toda a posse da terra foi feita de forma a garantir grande aproveitamento dos recursos naturais existentes em prol do colonizador.

Segundo os relatos em 1509 ou 1510, naufragou na Costa do Rio Vermelho o francês Diogo Álvares Correa, que ficou conhecido na história do Brasil como Caramuru. “Durante o governo de Pereira Coutinho, sob o sistema de sesmaria, foram concedidas ao Senhor Diogo Álvares as terras que atualmente compreendem o bairro do Rio Vermelho, estendendo-se até a Graça e a Vitória.” (TAVARES apud IVO, 1975:29).

Verifica-se, então desde o povoamento e a conquista das terras na Bahia durante todo o período colonial, o desenvolvimento de três processos básicos que condicionaram a estrutura da atividade pesqueira nesta área, caracterizando-a como economia secundária e dependente: um processo de aculturação e difusão de técnicas de navegação entre colonizadores e nativos, e posteriormente negros africanos; a integração da atividade pesqueira numa economia de mercado; e, finalmente as transformações ocorridas nas relações de produção, vinculadas à atividade da pesca. (TAVARES apud IVO, 1975:31).

Segundo Ivo (1975), quando chegou à Bahia o governador geral Tomé de Souza, já funcionava na colônia o sistema de capitânicas hereditárias, concedendo 50 a 60 léguas de terras do litoral a donatários que, dentro desta área, administravam as terras, com privilégios e poderes concedidos diretamente pelo rei de Portugal através das cartas de doação.

Dentre muitos privilégios e poderes concedidos aos donatários, então encontra-se o “privilégio de conceder sesmarias” como uma forma de expandir a ocupação do solo, fazendo produzir a terra, e a doação da “metade da dízima do pescado”, que, parece veio alterar substancialmente as relações de produção até então existentes na atividade de pesca da Colônia, colocando os pescadores numa subordinação político- econômica aos grandes sesmeiros e donatários existentes. (TAVARES apud IVO, 1975:29).

Já segundo Lopes (1984), com a chegada do primeiro governador geral Tomé de Souza em 1549, as terras do bairro do Rio Vermelho uma légua para o Norte e duas léguas para o sertão do Rio Camurujipe, foram doadas pelo regime de Sesmaria ao seu primo D. Antônio de Ataíde, o conde de Castanheira. Fazia parte da paisagem na época, currais, armações pesqueiras e uma missão de jesuítas.

Segundo Castellucci (2005), em 1614 a administração do Brasil colônia, vivendo sob o regime de monopólio, expandiu a atividade pesqueira por todo o seu litoral, fundando entre outras armações pesqueiras a do Rio Vermelho destinada a pesca da baleia.

Sobre a pesca da baleia no Rio Vermelho Lopes (1984), afirma que as baleias capturadas eram transportadas depois de mortas para Manguinhos e Itapuã, já que lá existiam pessoas e equipamentos apropriados para aproveitar tudo que nela existia. As casas para onde as baleias eram transportadas chamavam-se contratos. O mesmo afirma que a maior parte dos arpoadores que participavam da pesca da baleia no local eram filhos do Rio Vermelho, e como a pescaria era também uma tradição africana, antes de saírem para o mar às lanchas ou baleeiras, eram realizados preceitos no candomblé. O primeiro dia da pesca da baleia na temporada era chamado pelos pescadores locais como “Dia da hora”, e neste dia a primeira baleia que passava pelo arpoador não podia ser capturada, pois acreditavam que ela lavava preceito.

O povoamento da área do Rio Vermelho cresceu em 1624, quando os holandeses invadiram a cidade de Salvador, muitos moradores foram buscar abrigo no distante lugarejo do Rio Vermelho, onde foi organizada uma resistência à invasão. Aproveitando-se da desordem da cidade muitos escravos fugiram e alguns formaram em 1629, o quilombo do Rio Vermelho, destruído três anos depois.

Segundo Lopes (1984), no século XVIII, a maior parte das terras em volta do Rio Camurujipe foi para as mãos do Marquês de Niza, incluindo a fazenda da Paciência. Quando o marquês de Niza vendeu todos os seus bens no Brasil, as terras do Rio Vermelho foram vendidas para Tomaz da Silva Paranhos, porém Manoel Inácio da Cunha, que na época recebeu do Império o título de Barão do Rio Vermelho, já tinha se tornado foreiro da maioria das terras do local, e lá vivia em sua fazenda explorando os contratos de pesca da baleia e o monopólio da comercialização do óleo.

O Porto do Rio Vermelho, foi historicamente um dos mais importantes da cidade durante o período Colonial e pós-colonial, ali desembarcavam não só a produção dos pescadores da área, mas também de diversas comunidades de pescadores da Bahia.

Figura 4



Casa do peso e vestígios do Forte do Rio Vermelho 1960,
Fonte: Arquivo da Biblioteca Juracy Magalhães Junior

O bairro do Rio Vermelho em Salvador, sempre teve tradição em desembarque e venda de pescado. Documentos dos séculos XVII e XVIII já fazem referência a uma casa de aferição das medidas das vendagens de pescado, denominada Casa do Peso instalada na praia da Mariquita. O porto da praia da Mariquita, onde a Casa do Peso estava localizada, funcionava como principal porto da costa norte do Estado.

O Porto da Mariquita, ali onde está hoje o terminal de esgoto da cidade funcionou como Porto de toda Costa Norte do Estado da Bahia. Era freqüentíssimo encontrar ali saveiros, que vinham de Mangue Seco, Subaúma, Itacimirim, Itapuã. A produção de todo Litoral Norte do estado se escoava em Salvador, através do Porto da Mariquita. (...) O peso é uma instituição colonial, em documentos do século XVII e XVIII já há referência ao peso da Pituba e do Rio Vermelho.

O peso do Rio Vermelho existiu como casa de aferição das medidas da vendagem do peixe, até que perdeu esta finalidade. Mas também tinha a função de ser uma casa comum de pescadores.

O peso estava exercendo esta função de centro de concentração de pescadores até a década de cinquenta, quando iniciou o processo de turistização da Bahia. (LOPES, 1984:64).

Em 1817, O Rio Vermelho é descrito por um viajante francês como um lugar de pesca e de fazendas foreiras. “E um povoado de pescadores de umas cem cabanas, na

foz de um pequeno rio que se lança no mar, a uma légua a leste do Cabo de Santo Antônio.” (LOPES, 1984:14).

Em meados do século XIX, houve muita disputa entre foreiros e herdeiros pelas terras do Rio Vermelho, sendo que ao morrer Tomas da Silva Paranhos possuía apenas parte reduzida do que havia comprado. Nesta época os principais núcleos de habitação eram os da Paciência, Mariquita e Santana, onde fica a igreja da Velha Matriz (Hoje conhecido como Largo da Dinha).

Segundo Lopes (1984), Até o século XIX chegava-se ao Rio Vermelho por Brotas, podendo também chegar a cavalo pela via que dava acesso a São Gonçalo, em 1822 o Conde dos Arcos, abriu a estrada conhecida como Rio Vermelho de Cima, a Dois de Julho ou Rio Vermelho de baixo foi aberta em 1859, pelo caminho do Dique do Tororó, onde hoje fica a Avenida Vasco da Gama. Em 1871 começou a funcionar o serviço regular de bonde, entre o Rio Vermelho e o Centro da cidade. Com esse incremento das vias de comunicação foi quebrando-se o isolamento da vila de pescadores do Rio Vermelho, passando a se instalar no local, pensões, chácaras, hipódromo, etc. Nesta época o Rio Vermelho transformou-se numa estância balneária para as famílias economicamente mais abastadas da cidade, já que espalhou pela cidade a fama das propriedades curativas da água salgada e muitos veranistas fixaram residência no local, em função disso, houve uma valorização imobiliária e as casas de pescadores foram afastadas para lugares menos privilegiados.

Figura 5



Linha circular de bondes no Rio Vermelho de baixo, circulando do na praça Colombo, no Largo da Mariquita em 1943.

Fonte: <http://proriovermelho.blogspot.com>

No século XX, o bairro foi se modernizando, com a chegada do calçamento e a circulação dos primeiros automóveis, mesmo com o grande avanço das construções no local, os pescadores resistiram e na antiga casa do peso, localizada na Praia de Santana, organizaram a colônia de pesca. Nas primeiras décadas do século XX, ocorreram as maiores transformações urbanísticas da área, um dos principais fatores que influenciaram essas mudanças foi à construção da abertura da via Barra/ Rio Vermelho, que passou a ser chamada posteriormente de Avenida Oceânica.

Em seus relatos sobre a década de 70, Porto Filho (1991), relata a temporada de chicharro, segundo ele os rochedos que margeavam a enseada da Mariquita, ficavam cheios de pescadores, muitas pessoas da cidade iam para pegar chicharro e ver o espetáculo. Mas, em 1972, foi construído um emissário submarino no local para despejar os esgotos da cidade de Salvador, a enseada foi aterrada, afastando e o núcleo de pescadores que aportavam no local. Além do emissário houve na época uma reurbanização do Largo da Mariquita e uma segunda ponte foi construída sobre o Rio Camurujipe.

O emissário submarino do Rio Vermelho foi construído em 1972 visando atender a expansão do sistema de esgotamento sanitário do município de Salvador. Composto por uma tubulação com 1,75m de diâmetro com 1.019m de extensão terrestre e 2.350m de extensão submarina, o emissário tem sua porção final localizada a cerca de 30m de profundidade. Os últimos 350m de sua tubulação é formado por um sistema de “difusores”, cuja principal função é distribuir a saída dos dejetos, diluindo a pluma de sedimentos e evitando que a mesma chegue a superfície. Atualmente do total de 70 difusores, apenas 15 estão em funcionamento (NUNES, 2002: 30).

A igreja matriz de Santana foi construída na segunda metade do século XIX, e sempre se destacou pelo sincretismo com os ritos africanos, a paróquia foi construída no Largo de Santana, que hoje é popularmente conhecido como Largo da Dinha. Devido ao tamanho modesto a igreja Matriz de Santana não conseguia abrigar todos os fiéis, então, foi construída uma nova Igreja na região do antigo Forte do Rio Vermelho que havia sido demolido. A Senhora Santana foi então transferida para o lado da Casa do Peso, ponto de encontro dos seus fiéis e dos pescadores.

Durante muitos anos foi festejada no Bairro a festa de Santana, o início e a data da festa surgiram de uma história de pescador. Segundo essa história, pescadores e

operários estavam jogando cartas, quando uma senhora os avisou que deviam partir porque o governo estava enviando tropas para convocá-los para a guerra de Canudos, todos acataram a sugestão, pegaram suas jangadas e se lançaram ao mar, quando as tropas chegaram não os encontraram. Após ocorrido esse episódio em 1896, resolveram reverenciá-la na data do acontecido, o último domingo antes do carnaval.

No início da década de 70, a Festa de Santana foi perdendo a força, pois a Festa de Iemanjá, havia se tornado muito mais famosa. A última tentativa de manter a festa foi a sua transferência para o dia 26 de julho, data oficial da santa padroeira do Rio Vermelho, mesmo com a mudança a participação dos fiéis e principalmente dos pescadores foi diminuindo bruscamente, fazendo com que a mesma deixasse de ser realizada.

Os barcos de pesca estão distribuídos em duas praias do bairro do Rio Vermelho, a enseada do Largo da Mariquita, onde aportam apenas barcos de pequeno porte, devido a grande quantidade de pedras e a pouca profundidade. E o Porto de Santana, uma enseada cercada por uma muralha de pedras, onde aporta a maior parte das embarcações, o local segundo os pescadores não oferece segurança para as embarcações, todos os anos em épocas de temporais e de maré alta, muitos barcos são destruídos no choque contra a muralha.

O Camurujipe e o Lucaia são os dois únicos rios que correm no Rio Vermelho, o rio Lucaia sai do Dique, vai pela Vasco da Gama e ao chegar pelas imediações do Parque Cruz Aguiar, deságua no Rio Camurujipe.

O Camurujipe, por sua vez, nasce na Mata Escura e a mais de três décadas atrás, desaguava ele todo na Mariquita. Entre 1950 e 1951, o Rio Camurujipe foi desviado bem em frente ao Iguatemi. Naquele ponto foi recomposto um divisor de águas que havia rompido, segundo raciocínio dos técnicos especializados, em épocas remotas. Recomposto esse divisor, as águas nunca mais embrejaram e o rio ganhou mais velocidade. As águas vão até ali, não mais caem no Largo da Mariquita, deságuam no Chega Nego.

Grandes partes dos esgotos da cidade que antes contaminavam a praia do Rio Vermelho foram parar no Chega Nego. Apesar do desvio sofrido pelo rio, as águas do Camurujipe continuam correndo para a Mariquita, graças somente aos pequenos afluentes que alimentam esse rio no trecho Iguatemi- Mariquita. (LOPES, 1984:63).

O bairro do Rio Vermelho hoje se encontra amplamente urbanizado, a maior parte ocupada por comércio e moradias da classe média, os bares e restaurantes são os

principais atrativos do bairro configurando-se como o maior bairro boêmio de Salvador, reduto principalmente de jovens, artistas e intelectuais.

Em uma conversa informal em frente à casa dos pescadores, os mesmos começaram a recordar as décadas anteriores e falaram que muita coisa mudou em relação ao passado. Segundo eles, antigamente os barcos aportavam no Largo da Mariquita, como não existia o emissário submarino, a entrada do rio Camurujipe era larga e a profundidade maior, naquela época era difícil se perder um barco em função das cheias da maré, hoje eles perdem por ano dois ou mais barcos. Na atualidade o Largo da Mariquita só tem condição de aportar barco de pequeno porte, pois existem muitas pedras na entrada do rio. Segundo os relatos desde a construção do emissário submarino na década de 70, durante o Governo de Antônio Carlos Magalhães, a área transformou-se num grande esgoto. Desde então foram prometidas melhorias para o porto, por vários governos, mas nenhuma obra ainda foi realizada.

Analisando a história do Bairro, não é difícil afirmar que os pescadores formaram o bairro do Rio Vermelho, o pescador foi e é importante para a construção identitária do bairro e de seus moradores. As referências a Yemanjá, aos pescadores, e as águas estão presentes nas esculturas que enfeitam o bairro, nas praças, nos bares, nos restaurantes, nas pousadas, enfim, nas áreas de comércio e lazer locais.

Atualmente o bairro é habitado principalmente pela classe média de Salvador, o mesmo possui uma atividade comercial intensa, sendo compostos por hotéis, pousadas, shoppings, lojas, cafés, supermercados e principalmente bares e restaurantes. O Rio Vermelho é famoso pela boemia, a vida noturna é intensa atraindo pessoas de todas as partes da cidade. A maior parte dos frequentadores é composta por jovens e intelectuais. Os tabuleiros de acarajé são famosos, e no fim da tarde é comum a concentração de pessoas nos pontos de venda e bares próximos para degustar as iguarias.

Embora a ocupação e o crescimento urbano do bairro, tenha sido historicamente voltado para o benefício das classes mais privilegiadas economicamente, as tradições ainda resistem e se mantém viva na memória dos pescadores e dos antigos moradores.

2- A ATIVIDADE PESQUEIRA

A atividade pesqueira que, na Bahia, inicialmente estava voltada para o auto-consumo das comunidades indígenas litorâneas direciona-se no período colonial, ao setor agrário exportador. A atividade pesqueira em Salvador e no Recôncavo baiano sempre teve importância econômica, sendo o pescado importante fonte de alimento para grande parcela da população, principalmente os mais pobres. A mão-de-obra escrava e posteriormente a de negros libertos, sempre foi preponderante neste setor, no entanto após o fim da escravidão, as atividades ocupadas pelos libertos foram desvalorizadas, ficando ao encargo dos detentores da ordem econômica vigente estabelecer as formas de remuneração dos serviços e bens prestados por estes.

Outra importante atividade primária era a pesca, o meio de vida da gente que habitava do Rio Vermelho a Itapuã. Pessoas que moravam junto ao mar; pescando para a sua subsistência diária e comercializando, eventualmente, os excedentes de porta em porta ou participando da pesca do xaréu. (BACELAR, 2001: 58-59).

Segundo Castellucci (2005), os estudos mais antigos sobre as atividades produtivas em Salvador, se concentraram mais nas áreas relacionadas à grande “plantation” (lavouras de cana-de-açúcar), nas quais o papel tanto do escravo, quanto dos homens livres e pobres foi preponderante, porém ele ressalta que havia outras atividades econômicas essenciais à sobrevivência das populações, principalmente dos centros urbanos.

Mesmo no Recôncavo clássico, lugar privilegiado pela cultura açucareira, dada a fertilidade de seu solo, a agricultura de subsistência e outras atividades de menor expressão, resistiram como alternativas à lavoura de grande extensão. Foi, portanto, nos entornos das grandes propriedades rurais que floresceram o pequeno sitiante, o roceiro, o meeiro, principais agentes fornecedores de produtos como a farinha de mandioca, o pescado e outros gêneros de primeira necessidade, consumidos pelas populações das cidades e vilas. (CASTELLUCCI, 2005: 133-134).

A mão-de-obra escrava e posteriormente a liberta, sempre foi preponderante no setor pesqueiro, no entanto após o fim da escravidão, as atividades ocupadas pelos libertos foram desvalorizadas, ficando ao encargo dos detentores da ordem econômica vigente estabelecer as formas de remuneração dos serviços e bens prestados por estes.

Outra importante atividade primária era a pesca, o meio de vida da gente que habitava do Rio Vermelho a Itapuã. Pessoas que moravam junto ao mar; pescando para a sua subsistência diária e comercializando, eventualmente, os excedentes de porta em porta ou participando da pesca do Xaréu. (BACELAR, 2001: 58-59).

Segundo Castellucci (2005), os escravos e os forros estavam envolvidos nos negócios da pesca da baleia, e após o fechamento das armações (locais de produção agrícola e pesqueira), no final do século XIX, muitos deles conseguiram constituir o seu próprio patrimônio e criar a partir do comércio do cetáceo uma rede de solidariedade, primeiro para a compra da liberdade dos cativos e depois para auxílio financeiro, para aqueles que não conseguiam constituir um patrimônio.

Em seus últimos anos, enquanto antigos senhores, donos de armações, mergulhavam numa grave crise econômica, a pesca da baleia foi o meio pelo qual ex-escravos encontravam possibilidades de sobrevivência, ascensão econômica e resgate de seus conterrâneos do cativo. (CASTELLUCCI, 2005: 167-168).

De acordo com Silva (2001), Há evidências de que pessoas de origem africana desenvolveram entre os séculos XVII e XIX a maior parte do trabalho marítimo e navegação fluvial, substituindo gradativamente as pessoas de origem portuguesa e indígena, principalmente no Nordeste. Sinteticamente o pescador artesanal é o sujeito que, por um lado, apropria-se de determinados modos do ambiente marinho e, por outro, utiliza nessa apropriação conhecimentos, instrumentos e embarcações, oriundos de um mundo social e histórico no qual predominavam a tradição oral e artesanal.

Constitui um fato que algumas das diversas nações ou etnias africanas envolvidas no tráfico atlântico entre os séculos XVII e XIX detinham um arcabouço técnico simples, de pequena escala (armadilhas, redes e embarcações), empregado na pesca marítima e litorânea e na navegação por rios e mar. Num outro contexto, na Península Ibérica ou no novo mundo, seus antigos membros pescadores ou canoieiros, agora convertidos em escravos, articularam esse arcabouço trazido de seus pontos de origem aos conhecimentos, instrumentos e embarcações que indígenas e europeus interpuseram entre eles e os meios marítimos ou fluviais locais. (SILVA, 2001:61).

Inicialmente realizada pelos índios tupinambás, a pesca no Rio Vermelho foi a partir do século XVII substituída pela mão de obra africana, tendo como uma das principais finalidades a pesca da baleia.

Para produzir um estudo sobre comunidades pesqueiras sob o ponto de vista das Ciências Sociais, faz-se necessário compreender de que forma o pensamento social incorporou os discursos de maritimidade e da antropologia das comunidades pesqueiras. O método utilizado no estudo das comunidades pesqueiras é específico, pois o mar apaga os seus rastros, inexistem documentos de mestres de barco relatando o trabalho no mar, portanto o estudo deve ser analisado a partir da história oral e das representações sociais.

Nos seus estudos sobre pescadores Diegues (2004), utiliza-se do verbete maritimidade para designar um Conjunto de várias práticas (econômicas, sociais e, sobretudo, simbólicas) resultante da interação humana com um espaço particular e diferenciado do continental: o espaço marítimo. “A maritimidade não é um conceito ligado diretamente ao mundo oceânico, enquanto entidade física é uma produção cultural e simbólica.” (DIEGUES, 2004:15).

Segundo Diegues (2004), as Ciências Sociais estiveram muito tempo, afastadas dos estudos marítimos, os estudos sobre os homens do mar não eram priorizados apesar da ampla relação entre as navegações e o desenvolvimento do pensamento científico desde a antiguidade, mesmo as atividades da pesca em si eram até o século XX, analisadas apenas em termos tecnológicos (uso de instrumentos, esforço de pesca, etc.). Diegues tem duas explicações para essa questão, ligado a fatores externos e internos a essas disciplinas.

Os fatores externos se referem, em grande parte, à concepção dos cientistas naturais (sobretudo os oceanógrafos físicos e químicos) que estudavam os mares como grandes vazios humanos, desabitados, sem intervenção humana. Por outro lado, os especialistas em oceanografia biológica estudam a retirada da biomassa pela atividade pesqueira como um processo meramente tecnológico, independente das variáveis culturais. (...) Quanto aos fatores internos, a ausência das ciências humanas, no estudo das populações humanas que vivem direta ou indiretamente dos mares se deve, em grande parte, à noção segundo a qual o estudo das comunidades marítimas deveria se inserir no estudo do “mundo rural”. O litoral, a costa, o mar e o oceano seriam simplesmente extensões do continente e as populações que viviam desses ecossistemas seriam consideradas “camponeses.” (DIEGUES, 2004:23:24:25).

A especificidade dos estudos etnográficos sobre comunidades pesqueiras está associada, à instabilidade do ambiente físico a que estão sujeitos o povo do mar como: fenômenos climáticos, atmosféricos, aos problemas relacionados à poluição, à intervenção humana no ambiente marinho a exemplo da construção de plataformas continentais de extração de petróleo, as migrações das espécies de peixes, etc. Esses fenômenos apesar de estarem relacionados às ciências naturais, como a oceanografia, a biologia, etc. Estão relacionados à realidade física do povo do mar e portanto integram a sua realidade social. Ao estudar essas comunidades pesqueiras é necessário que exista uma interdisciplinaridade, entre as ciências que estudam o ambiente marinho e costeiro mantendo claramente definido os paradigmas e métodos comuns a cada uma.

O pescador artesanal tem como objetivo do seu trabalho a captura do pescado, o mercado é o principal alvo, embora parte da produção seja destinada à sobrevivência da família. O excedente de produção é reduzido, irregular e sujeito às intempéries naturais, a baixa capacidade de acumulação de capital e a dependência do intermediário, ainda caracterizam o trabalho de pesca mercantil artesanal.

Devido às transformações sócio-econômicas por que passam os pescadores artesanais, com a introdução de novas tecnologias na pesca e o advento da pesca industrial é necessário compreender os processos de mudança social advindos das demandas da economia de mercado. As mudanças sociais ocorridas nestas comunidades devem ser relacionadas à idéia de tradição. “A tradição está relacionada ao saber fazer, esta entendida como conjunto de conhecimentos e técnicas que permitam ao pescador se reproduzir enquanto tal. Esse controle da arte da pesca se aprende com os mais velhos e com a experiência.” (DIEGUES, 2004:87).

Diegues destaca que o conhecimento tradicional dos pescadores artesanais não é pré-lógico ou pré-científico, ele é baseado na observação contínua dos fenômenos naturais recorrentes, que permite ao pescador tomar decisão sobre o momento de ir pescar, o local mais adequado e o uso das técnicas apropriadas. Sem esse conhecimento seria impossível a sobrevivência das comunidades pesqueiras. O conhecimento tradicional ajuda os pescadores a construir mapas mentais que os orientam onde e como pescar, e prever se a pesca será ou não produtiva.

Os pescadores artesanais se identificam como profissionais que dominam determinadas técnicas e saberes, que permitem aos mesmos subsistir e se reproduzir enquanto tal. Neste sentido pertencer a essa categoria, não significa apenas à

dependência dos produtos da pesca, mas dominar os segredos do mar, se locomover nele, identificar o pescado, os hábitos migratórios, etc.

O que caracteriza o pescador artesanal não é somente viver de pesca, mas é, sobretudo, a apropriação real dos meios de produção; o controle do como pescar e do que pescar, em suma, o controle da arte de pesca. O domínio da arte exige dele uma série de qualidades físicas e intelectuais que foram conseguidas pelo aprendizado na experiência, que lhes permite apropriar-se também dos segredos da profissão. É fundamental nessa caracterização a unidade entre a força de trabalho, e os instrumentos de trabalho. Esses são adaptados ao corpo humano, e sua utilização exige uma técnica especial que é o apanágio do artesão. (DIEGUES, 1983:197-198).

A arte da pesca artesanal segundo Diegues exige um período de experiência e aprendizado mais longo, que as demais formas de artesanato. O artesão geralmente trabalha com uma matéria prima relativamente homogênea como a madeira, já o pescador necessita manejar diferentes instrumentos de captura, que variam de acordo com as espécies e um meio ambiente em constante mudança. A menor falha pode destruir e danificar equipamentos, e resultar na perda de capital adquirido através de anos de trabalho.

O centro do conhecimento não se situa no fazer enquanto tal, mas, sobretudo no conhecer. O saber-fazer diz respeito a realização de determinados atos, como, saber dar o nó, soltar a poita, dar a partida no motor. Por ai é que começa o aprendizado do pequeno pescador.

Tornar-se um pescador profissional, entretanto, significa ser portador do conhecer que implica no quando, onde e por que fazer. Esse conhecer é constituído por um conjunto de idéias sobre o navegar, o movimento das marés, os tipos de fundos propícios à vida de certas espécies de pescado, noções empíricas sobre os hábitos dos diferentes peixes, etc. O importante não é conhecer um ou outro aspecto do segredo, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas à captura. (DIEGUES, 1983:198-199).

Os pescadores artesanais são caracterizados pela dependência dos comerciantes, dos proprietários não pescadores que em geral possuem mais de um barco, canos, jangada ou saveiro, e em geral não vivem exclusivamente da atividade pesqueira. Moram geralmente nas cidades ou em suas proximidades, diferenciando-se dos

pescadores – lavradores que continuam a viver distante dos centros urbanos, onde uma parcela ainda detém a posse de um pedaço de terra, onde fazem pequenas roças.

As áreas pesqueiras destinadas à pesca artesanal são geralmente divididas segundo os pescadores, entre mar de fora e mar de dentro. O “mar de dentro” se refere à faixa que vai até o desaparecimento da linha da terra, onde atuam as pequenas embarcações, nessa faixa a produção é baixa e os peixes de baixo valor comercial, o “mar de fora” se define se define ainda dentro da plataforma continental, a partir do desaparecimento da linha da terra, essa faixa só pode ser alcançada por embarcações de maior porte e motorizada, nessa faixa são encontrados os peixes tidos como nobres e de alto valor comercial.

O mar de fora significa o perigo eminente, o imprevisto das mudanças climáticas, como tempestades que podem virar as embarcações. Desses perigos só pode escapar uma embarcação a motor dirigida por quem conhece os segredos do tempo e do mar. Portanto os pescadores que se arriscam no “mar a fora” vivem na incerteza do regresso à terra firme, tendo a possibilidade da morte sempre a espreita, a fé e a religiosidade, estão sempre acompanhando esses pescadores, como demonstra as palavras do pescador Pantaleão, “Quando você pega um barco sem infra-estrutura e se aventura mar a fora, você tem que se apegar a alguma coisa”.

2.1- Os pescadores do rio Vermelho

Realizei o primeiro contato com os pescadores do Rio Vermelho, através da Colônia Z-1, Cheguei à sede da Colônia às 10h30min da manhã, havia alguns pescadores reunidos na frente da Colônia, a casa de Yemanjá como é conhecida, os presentes me olharam com curiosidade. Entrei e me apresentei ao presidente da Colônia Sr. Marcos Branco, que me recebeu com cordialidade e certa desconfiança, queria saber se tinha alguma relação com a prefeitura de Salvador. Aos poucos fui falando sobre o meu projeto e sobre a vontade de realizar uma pesquisa com os pescadores do local. De início o sr. Branco afirmou que trabalhar com “cultura” e “tradição” naquele local não era propício, pois os pescadores já tinham faz muito se afastado das tradições das comunidades pesqueiras e que a zona pesqueira do Rio Vermelho era hoje palco de conflitos. Falou, então, das políticas públicas que o governo estava disponibilizando para as áreas de pescadores artesanais de todo o Brasil, o mesmo também afirmou que

70% das verbas do Ministério de Aquicultura e Pesca, são destinadas para pescadores industriais do sul e sudeste.

Enquanto conversávamos entrou na sede da Colônia a pescadora Dandinha, única mulher pescadora mar de fora da área, o presidente me apresentou a ela e disse que eu era uma pesquisadora e queria desenvolver um trabalho sobre os pescadores daquela área. Imediatamente me dirigi a ela que ficou surpresa, perguntou como sabe meu nome e eu falei “pesquisei sobre você”, ela ficou envaidecida, me deu o seu contato e se disponibilizou para me ajudar no que fosse preciso. O presidente da Colônia Sr. Branco me falou sobre os preparativos da festa de Yemanjá, que já estavam sendo feitos à cinco meses, e me falou da falta de verbas para a organização e da busca de entidades que financiassem as atividades.

Depois do primeiro contato, voltei diversas vezes ao local, sendo apresentada a vários pescadores da área, para os quais expliquei que tipo de trabalho estava realizando e a importância do registro acadêmico da atividade pesqueira na Bahia, devido à escassez de pesquisas neste setor.

O Porto de Santana onde fica localizada a casa dos pescadores funciona não apenas como um local de trabalho, mas, sobretudo como espaço de lazer e troca de informações. Todos os dias vários pescadores, mesmo os aposentados se dirigem até o local, lá contam suas histórias, bebem, jogam dominó, conversam sobre os seus problemas, planejam as pescarias e procuram auxílio e informações na Colônia, Portanto se caracteriza como um espaço de manutenção e renovação dos laços de identidade e solidariedade.

A comunidade de pescadores do Rio Vermelho é composta em sua maioria por trabalhadores negros, a maior parte possui outras profissões e utiliza a pesca como complemento para o sustento. Dos cerca de 1200 filiados à Colônia, apenas 50 mulheres são cadastradas, dessas 12 trabalham no Porto de Santana e apenas uma pesca mar de fora que é Alessandra Gondim Fernandes, de 28 anos, a referida Dandinha.

Ao iniciar minha pesquisa, esse caso Dandinha me chamou muita atenção. Levantei alguns questionamentos: Por que existia apenas uma mulher pescadora mar de fora entre os pescadores? Como seria o tratamento dessa mulher nesse meio profissional? Quais são as principais dificuldades para a inserção das mulheres na pesca? Por esses motivos achei de fundamental importância escrever um capítulo tratando as relações de gênero nas comunidades pesqueiras e o caso Dandinha.

Os pescadores que realizam as suas atividades no Porto de Santana são artesanais, Todos são associados à Colônia de Pescadores Z-1, que os representam legalmente perante os órgãos públicos e demais entidades da Sociedade civil.

Porto Filho (1991), relata uma entrevista dada ao Jornal Tribuna da Bahia pelo pescador Eustáquio Bernardo de Sena, de 83 anos, onde fala sobre a construção da casa dos pescadores.

Ao lado da antiga igreja de Santana, havia uma casinha chamada de peso. Era ali que os pescadores se reuniam para vender o peixe, e pagavam por cada mil réis, um dízimo de sessenta reis para a igreja, que segundo o mesmo se sustentava disso. Ele conta que os pescadores só foram saber que não precisavam pagar nada a igreja, quando o Comandante Pina que estava organizando a Colônia de pescadores, disse que a igreja tinha que ser sustentada pelas famílias e não pelos pescadores, depois disso o Comandante Pina concedeu uma licença para que eles construíssem uma casinha no terreno da marinha, onde ficava a casa do peso, após desavenças com a igreja, os pescadores começaram a construção da Colônia, cada pescador catava as pedras e trazia a areia, e com o dinheiro que antes era dado a igreja foi construída a casa dos pescadores. (JORNAL TRIBUNA DA BAHIA apud PORTO FILHO, 1991:57).

Porém, a história da construção da casa dos pescadores, sem os detalhes do comandante e das desavenças com a igreja, também foi relatada para mim pelo pescador mais antigo da Colônia de Pescadores do Rio Vermelho, Sr. Portela, de 88 anos, ele enfatizou que foi com os braços deles, que a casa dos pescadores foi erguida.

Na frente da casa dos pescadores fica uma Escultura de Yemanjá em gesso, de autoria do escultor Manoel Bonfim, colocada no local em 1970. Trata-se de uma escultura de uma sereia feita de gesso, assentada sobre pedestal de concreto revestido com apliques variados, conchas e pedras portuguesas. A obra é de propriedade da Colônia de Pesca Z1. Ao perguntar aos pescadores qual era a imagem de Yemanjá para eles, a maior parte apontou a escultura como referência.

Desde meados do século passado os pescadores do bairro vivem cada vez mais afastados do local, alguns moram em bairros periféricos ao Rio Vermelho, mas há outros que moram bem distantes e poucas famílias mantêm contato próximo com a Colônia de pesca.

Figura 6



Escultura de Yemanjá da Casa dos Pescadores.

Fonte: <http://www.flickr.com>

Geralmente em comunidades pesqueiras tradicionais a família dos pescadores participa ativamente das atividades ligadas à pesca, o mar de dentro é reservado geralmente às mulheres e os filhos dos pescadores também participam do manejo e comercialização do pescado. No caso específico do Porto de Santana há uma participação familiar restrita na atividade pesqueira, alguns familiares de pescadores que frequentam o Porto de Santana realizam atividades em outras áreas como venda de bebidas e alimentos, esse é o caso de quatro famílias de pescadores do local. Já na festa de Yemanjá a quantidade de famílias que praticam esta comercialização aumenta. Existem poucos pescadores no local que herdaram esta profissão dos pais, diferente de outros bairros de Salvador como a Gamboa, a Pituba, Itapuã, Rio Vermelho que existem gerações de familiares que vivem da pesca.

Pelo fato da maioria dos pescadores do Porto de Santana não desempenharem um trabalho familiar, acaba existindo uma grande rotatividade entre os membros da tripulação das embarcações, isso faz com que os laços de confiança que permitem o repasse dos ensinamentos acerca dos segredos do mar e principalmente dos pesqueiros nem sempre sejam formados. O resultado é que muitos acabam adquirindo os conhecimentos sobre pesca e as tradições relacionadas à profissão, de forma autônoma e através de um longo período de observação do trabalho do mestre.

Até a década de 70, a pesca próxima a praia era muito farta o que atraía pessoas de toda a cidade, espécies como a pititinga, peixes pequenos que atraem os maiores eram muito frequentes, até hoje ainda existem essas espécies no local, embora em menor quantidade. Existe um pesqueiro próximo à praia do Rio Vermelho que se chama

Pedra da Onda, que fica a 200 m da praia e que pode ser alcançada por pequenos botes de alumínio e de fibra de 3,5 m a 5,0 m que com três ou quatro pescadores embarcados.

Até a década de setenta os pescadores conseguiam capturar nos pesqueiros próximos ao Porto de Santana em média 40 a 50 kg de peixes em um pequeno período de tempo, voltando para a praia desembarcando e voltando pro mar e conseguiam fazer o que eles chamam de três marés, isso era bastante interessante em termos financeiro. Essa facilidade na captura atraía muita gente para o bairro, pessoas que não possuíam relações familiares com os pescadores, mas que foram atraídas pela possibilidade de ganhar dinheiro no local.

A maior dificuldade relatada no aprendizado inicial da pesca artesanal é conhecer os pontos de pesqueiros, na imensidão do mar a rede não pode ser jogada em qualquer ponto, pois nem todo lugar tem peixe. A localização das áreas de pesca realizada pela maioria das embarcações existentes no Porto de Santana, ainda é feita através do método da triangulação, onde as observações de pontos fixos no continente orientam a localização no mar. Quanto a sua origem os pesqueiros são diferenciados em pesqueiros artificiais (naufrágios, emissários submarinos, recifes artificiais) e pesqueiros naturais (afloramentos rochosos, bancos de algas, recifes de corais).

Nesta técnica a acuidade visual e o poder de memorização são as ferramentas mais importantes utilizadas pela maioria dos pescadores do Porto de Santana para uma localização rápida e precisa dos pesqueiros. Quando vão para o alto mar, os pescadores seguem a direção que chamam de rumo, através da memorização e da experiência conseguem ter a noção da direção que estão tomando. Chegando no local que o mestre indica como pesqueiro, eles começam a chamada sondagem, técnica que é explicada por Nunes (2002).

As profundidades são obtidas através de cabos, com tamanhos previamente conhecidos, que são lançados ao mar até alcançarem o fundo; à medida que é recolhido, o cabo é medido, normalmente usando como unidade de medida a “braça”. No porto de Santana, uma “braça” equivale em média a 1,70m. Para a identificação do substrato marinho é utilizada a técnica da “sondagem com chumbada” que consiste na utilização de uma “chumbada” com sua porção inferior furada ou fendida, pesando entre 2 ou 3 kg, presa a um cabo. Quando lançada ao mar as vibrações transmitidas pelo cabo resultantes do impacto da “chumbada” com o fundo, associados as partículas de sedimento que possam ficar presos na mesma, permitem aos pescadores avaliarem o tipo de substrato marinho. (NUNES, 2002:61).

Em todas as áreas em que foram realizados o diagnóstico participativo no ano de 2007, pelo Órgão Bahia Pesca, uma questão relativa à saúde do pescador se mostrou unânime em todas as comunidades. Problemas relacionados à diminuição ou perda da visão, isso segundo os mesmos acontece, pois, o principal método utilizado pelo pescador é o de triangulação, tendo como base a visão, e geralmente fazem isso sob o sol e sem nenhuma proteção.

Cada mestre possui seus pesqueiros preferidos, alguns estão próximos ao Porto de Santana, mas, esses segundo eles já se encontram “batidos”, ou seja, muitos pescadores pescam no mesmo local e a quantidade de peixes é limitada, fazendo com que procurem outras áreas, como por exemplo, a área de Morro do São Paulo.

Em sua dissertação de mestrado “Habitats essenciais para os peixes explorados pela frota linheira do Porto de Santana, Rio Vermelho, Salvador –Bahia”, realizada em 2002 no Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia. Aliné Sá Nunes registrou um total de 130 pesqueiros visitados pela frota do porto de Santana.

Figura 7



Naufração do Navio Arthemids⁷,
Fonte: Dissertação de Mestrado de Alina de Sá Nunes

Estes pesqueiros se distribuem desde a plataforma interna, a partir de 10m de profundidade, até a região do talude com profundidades superiores a 100m. Para estes 130 pesqueiros foi registrado um número de viagens que varia entre 1 e 217. (...) Devido à facilidade de localização, produtividade e diversidade

⁷ A presença do naufrágio a partir de 1980 forneceu uma estrutura rija, que passou a ser utilizada como local de abrigo e substrato para diversas formas marinhas. “O pesqueiro denominado Arthemids é constituído por restos do casco do navio “Kavo Arthemids” com cerca de 173 m de comprimento que afundou em 1980 sobre o Banco de Santo Antônio (BSA) na entrada da Baía de Todos os Santos (BTS)”. (NUNES, 2002:90-91)

de espécies, os pesqueiros formados por conjuntos de feições rochosas e fácies sedimentares, ditos “áreas de pesca”, são os mais visitados. Já os pesqueiros ditos “pontuais”, cuja localização é dificultada pelo pequeno tamanho, aliado à sua menor produtividade e diversidade de espécies, são os pesqueiros menos visitados. A exceção são os pesqueiros pontuais localizados muito próximos à linha de costa, bastante visitados pela frota não motorizada e pelos mestres menos experientes. (NUNES, 2002:84).

Uma das dúvidas que tinha ao iniciar esse trabalho foi se existia uma determinação da área de pesca, se existia por parte de alguma colônia ou comunidade pesqueira alguma restrição territorial. Porém os pescadores deixaram claro que o mar é um espaço liberto, que acolhe a todos, “O mar é um espaço sem fronteiras, não existe limite para a pesca no litoral da Bahia, só quem pode impedir o pescador de pescar em determinada área, é a marinha ou a capitania dos Portos, por faltar algum equipamento, tipo colete salva vidas, bóia circular, extintor de incêndio, etc.” (Pescador Fernando).

Para Maldonado(1994), as noções e práticas que determinam a territorialidade na pesca, não podem prescindir do desenvolvimento tecnológico dos grupos envolvidos no trabalho pesqueiro e das condições ecológicas de cada lugar, que irão influenciar de forma determinante na época e na localização da pesca.

O mar se constitui como um patrimônio da humanidade, comum à todos, no entanto sua exploração depende da forma que cada grupo social o percebe, delimita e divide, construindo territórios marítimos. “O lugar, a existência local dos fenômenos tanto no espaço físico como no social e que lhes confere essência, significado e transcendência. É localmente que nos situamos e é localmente que as coisas acontecem.” (MALDONADO, 1994:34).

Através dos tempos as noções de territorialidades são fundamentadas pela tradição, e pelos conhecimentos repassados pelos mais velhos, essa noção de tradição está dimensionada a partir da capacidade do homem de conferir significado simbólico ao espaço, inclusive ao espaço social em que ocorrem as suas relações, construindo lugares.

Sendo o homem um ser que interpreta, compreende constantemente a si mesmo e aos outros na interação social, servem-lhe o tempo e o espaço como Pré-concepções para pensar a natureza, o mundo que construirá no seu confronto com ela e as relações em que entrará com outros indivíduos nesse mesmo processo. (MALDONADO, 1994:36).

Apesar da liberdade de deslocamento dos pescadores, um dado está preocupando a muitos, que é a pesca industrial. Embora não seja intensiva no litoral baiano, os grandes navios pesqueiros capturam os cardumes em suas rotas de migrações antes de chegar ao pesqueiro, esse fato apesar de preocupante ainda não afeta de forma significativa a captura do pescado no local. “O mar ainda continua sendo um bem inapropriável privadamente. Mas, o acesso ao mar, como meio de produção, vai se restringindo àqueles que atuam acima de um determinado patamar tecnológico.” (MANESCHY, 1995:135).

Relativamente ao nível de desenvolvimento das forças produtivas da sociedade brasileira, a mera reprodução social desses pequenos produtores na pesca, na mesma escala e com os mesmos padrões de consumo, representa uma defasagem em termos técnicos e sociais e, conseqüentemente, uma possível tendência à inviabilização de seu modo e vida e trabalho. (MANESCHY, 1995:141).

Embora os pescadores estipulem o tempo em que ficaram embarcados, não existe uma rigidez nessa determinação. A maior parte relatou que sabem a hora que vão para o mar, mas não sabem a hora que voltam, não existe um tempo determinado, às vezes saem na intenção de vir no outro dia e retornam na mesma hora, às vezes saem com a intenção de vir com dois dias e vem com três, quatro, por que quando a pescaria não está proveitosa eles insistem. O tempo para permanecer no mar não é fixo, depende se o pescador alcançou ou não seu objetivo.

O tempo e o espaço nas comunidades marítimas são componentes essenciais para a orientação do comportamento tecnológico e da organização social dos pescadores. Diversos fatores interferem na construção temporal do trabalho do pescador, como a mobilidade dos cardumes, as marés, o desempenho das embarcações, os equipamentos disponíveis, etc.

Seu Fernando que possui um saveiro a motor geralmente vai pro mar na segunda feira e volta na quinta ou sexta. A embarcação possui geladeira, fogão, e utensílios para se manterem no mar, os barcos são pequenos e não possuem conforto, se chover colocam capas ou plásticos na cabeça. Quando vão para o mar compram gelo, alimentação, combustível que é o mais caro, e faz-se um investimento, esperando receber de retorno duas vezes maior. O pescador fica na pendência de cobrir o

investimento, depois que cobrir o que foi gasto, vem o lucro. O que determina o tempo de ficar no mar é o retorno do investimento.

A autonomia esta relacionada com existência ou não de motores, que identifica quais as distâncias possíveis de serem exploradas pela frota. A “habitabilidade”, caracterizada pela presença ou não de convés, indica o tempo de duração das viagens, já que a ausência do convés dificulta a permanência no mar, devido ao fato dos pescadores ficarem expostos as intempéries. Estes dois fatores limitam as distâncias das zonas de pesca onde esta frota atua, influenciando diretamente a composição dos desembarques, peso desembarcado e no tamanho médio dos indivíduos. (NUNES, 2002:56).

A autonomia em relação à duração da pescaria se relaciona à existência ou não de motores, o que também influencia na distância a ser percorrida pela embarcação. A existência ou não de convés no barco é um fator determinante na duração das viagens, nas embarcações sem convés os pescadores ficam expostos às intempéries climáticas. O tamanho e o tipo da embarcação, portanto, interfere diretamente no resultado dos desembarques.

A atividade da pesca é extremamente desgastante para o pescador, após uma grande jornada no mar o pescador pretende vender de forma mais rápida possível o seu pescado mesmo que o preço seja menor que o estipulado pelo mercado, no caso do Porto de Santana existe cinco boxes de venda de peixes que pertencem à Casa dos Pescadores e que são terceirizados. Os peixeiros que trabalham nestes boxes compram todo o pescado que os pescadores do Porto de Santana e do Largo da Mariquita capturam.

Quando os pescadores do Porto de Santana estão sem capital para investir na pesca, geralmente contraem empréstimos junto aos pesqueiros da área. Sendo assim, cabe ao peixeiro estipular o valor de compra do que for capturado e na impossibilidade do pescador não conseguir uma quantidade de pescado suficiente para cobrir o empréstimo, sua dívida é prorrogada para a próxima pesca desvalorizando novamente o seu produto.

O ingresso dos novos pescadores que no Porto de Santana começa geralmente com o trabalho de estiva, ou seja, quando os pescadores chegam ao porto eles vão carregar o pescado, levar os apetrechos e aviamentos para a casa dos pescadores, puxar os barcos para a areia, lavar os barcos, etc. Iniciando assim uma atividade correlata a da pesca e uma aproximação com os pescadores, em troca desse trabalho eles recebem

peixes pequenos chamados pelos pescadores de bufamba, essa pratica acaba sendo bastante lucrativa, pois, ao final do dia eles juntam uma quantidade de peixe às vezes superior àquela dos pescadores que foram para o mar.

A relação entre os recém chegados e os pescadores da área inicialmente é conflituosa, a aceitação não se dá de imediato, porém com o tempo as rejeições são atenuadas e os mais novos passam a integrar as tripulações dos barcos locais. Muitos pescadores da área iniciaram dessa forma.

Em todas as entrevistas quando perguntei quais os principais problemas encontrados na área, um dado foi citado com preocupação pelos pescadores que é a inserção das drogas no local, sendo que a principal é o crack⁸. Os principais usuários são os pescadores mais novos. Por ser uma droga altamente viciante e não existir uma permissividade da tripulação embarcada para sua utilização, esse usuários que antes estavam integrados no trabalho da pesca, passam a não mais serem aceitos pelas tripulações, além do fato de que não conseguem se distanciar por muito tempo da praia onde utilizam a droga e adquirem novas remessas com maior facilidade. Esses usuário passam a se ocupar de pequenos trabalhos de estiva, da pesca da sardinha ou pititinga na própria enseada da praia de Santana, ou de levar devotos de Yemanjá para depositar oferendas no mar próximo a praia. Como essas atividades são constantes no local, sempre conseguem dinheiro para comprar a droga.

Segundo o pescador Vavá, na época que ele aprendeu nos anos 60, pegou muita gente “braba” e muitas vezes apanhava para realizar o trabalho corretamente. Segundo ele os mais jovens não querem seguir o caminho, as “coisas certas”, eles não querem usar os equipamentos, não querem usar uma sinalização, e sempre acontecem acidentes na área.

De vez em quando se ouve dizer que o navio pegou um e matou, pegou um barco e levou, por que eles não querem aprender, isso só acontece com os que vão chegando. E ai vão dando trabalho aos outros não só aos pescadores da área, como a Capitania. Aqui na terra tem um problema e ai vem sempre alguém, vem a SAMUR, e no mar não, é a água e o céu ai só. Só vai ai quem tem negócio, mas quem olha pensa que é fácil. (Pescador Vavá).

⁸ Crack é uma droga, geralmente fumada, feita a partir da mistura de pasta de cocaína com bicarbonato de sódio. É uma forma impura de cocaína e não um sub-produto.

Os equipamentos utilizados pela maioria dos pescadores locais são tradicionais e artesanais, sendo o corpo do pescador uma extensão do equipamento de pesca. 30 embarcações entre botes e saveiros do Porto de Santana utilizam GPS e dez utilizam ecossonda, sendo que destes vinte e um equipamentos foram adquiridos há onze anos através de um financiamento governamental.

O ecossonda mostra o relevo do fundo do mar, a profundidade, em alguns casos mostra os cardumes e a temperatura da água. O GPS marca o ponto através dos eixos cartesianos e coordenadas, então quando os pescadores encontram os pesqueiros apoitam⁹ o barco e neste local conseguem uma grande quantidade de pescado.

Segundo Branco, pescador e presidente da Colônia é comum aparecer no local proprietários de barcos com GPS e ecossonda vindo de outras localidades. Eles contratam os pescadores mais experientes e ao chegarem ao local dos pesqueiros fazem a marcação com os equipamentos, se apropriando desse conhecimento adquirido com anos de profissão.

Não existe relato entre os pescadores do local e nem dos órgãos competentes sobre a pesca de bomba no local, sendo esse método sempre relatado com reprovações pelos pescadores locais. Para maior parte dos pescadores, quem utiliza essa prática não pode ser chamado de pescador, esse relato não só corresponde às entrevistas do Rio Vermelho como foi presenciado por mim em uma reunião que eu participei enquanto coordenadora do Bahia Pesca junto a presidentes de colônias e associações de pescadores da Baía de Todos os Santos, em 2008.

A pesca de bomba não só degrada o ambiente marinho matando diversas espécies, destruindo o relevo submarino, os corais, as espécies que habitam esses corais e que servem como alimento para os peixes maiores. Além da destruição do habitat marinho, a bomba mata uma quantidade de peixes superior a que pode ser recolhida pelo pescador artesanal, além de inutilizar grande parte dos peixes mortos pela ação do explosivo. Essa pesca traz um grande perigo para àqueles que fazem o seu uso, existindo comunidades de pescadores como, por exemplo, a do município de Cações, próximo a ilha de Itaparica, onde uma grande parte dos pescadores locais foram mutilados ou mortos por essa prática. A dinamite utilizada na pesca de bomba é vendida ilegalmente e existe um controle do Exército Brasileiro sobre a aquisição desse

⁹ Ancorar o barco

explosivo, portanto usar a bomba para pescar constitui crime perante a legislação brasileira.

A maior parte dos donos de embarcação do Porto de Santana também participa do trabalho pesqueiro, sendo que alguns desenvolvem outras atividades e possuem outras fontes de renda, estes deixam os barcos sobre os cuidados de um mestre. Apesar da importância e da responsabilidade, o mestre não proprietário, obtém na pescaria o mesmo lucro dos demais membros da tripulação. Proprietários ou não, são os mestres que escolhem a tripulação, o que lhes confere autoridade e respeito.

A maior parte das tripulações existentes na área não é fixa, os pescadores que não possuem embarcação geralmente trabalham num sistema de arrendamento, sendo que 10% de todo pescado que ele capturar no mar será entregue ao dono da embarcação. Os pescadores da área geralmente executam dois tipos de pesca, a de linha junta, onde o pescado é dividido igualmente entre os membros da tripulação e o de pesca separada, onde cada um fica apenas com o que capturou, sendo que do montante coletado a parcela do dono da embarcação deve ser entregue.

As pescarias são sempre realizadas em grupos, não se pode pescar sozinho, pois, os ricos são grandes e a noite esses ricos aumentam. Nas rotas dos pescadores do Rio Vermelho, passam muitos navios e as pequenas embarcações de madeira e de fibra não são detectadas pelos seus radares. Durante a pesca um dos tripulantes tem que se manter acordado e vigiando para impedir que ocorra um acidente. As pequenas embarcações que são feitas ou possuam algum equipamento de metal, podem ser detectadas pelos grandes navios, pois estes possuem um equipamento chamado refletor de radar que automaticamente desvia a rota evitando os acidentes. Quando um navio entra em choque contra uma pequena embarcação geralmente não percebem o impacto e seguem normalmente a sua rota, tornando esses naufrágios na maioria das vezes fatal para todos da tripulação atingida.

A Colônia Z-1 juntamente com a paróquia de Santana, realiza uma parceria para a doação de cestas básicas às famílias de pescadores mais carentes visando minimizar o impacto econômico em épocas em que não podem ir para o mar.

Os pescadores do Rio Vermelho não recebem do governo o seguro defeso¹⁰, pois, os peixes pescados no local não estão inclusos. A única espécie pescada no local

¹⁰ O seguro defeso é uma modalidade de seguro-desemprego e tem por finalidade promover a assistência financeira temporária ao pescador, no período em que se encontra proibido de exercer sua atividade, no chamado período de defeso (piracema). Piracema - Período em que os

que o IBAMA inclui no seguro defeso é a lagosta que esta com sua captura suspensa através de portaria oficial, desde 2007, o camarão que também pode ser incluído no seguro defeso, não existe mais na área desde a construção do emissário, e o robalo é pescado em quantidade insuficiente no local, para ser incluso no seguro. Todo ano a lagosta é impedida de ser capturada de novembro a maio, porém, na área ninguém recebe este seguro defeso, pois não se cadastraram antes da portaria, de 2007, que proibiu a captura. Mas, em outras áreas àqueles que se cadastraram antes da portaria supracitada estão recebendo.

As ações governamentais relativas aos investimentos financeiros da pesca artesanal, ainda são insuficientes para garantir uma melhoria de vida para os pescadores, grande parte dos investimentos de órgãos como o Bahia Pesca são direcionados à carcinicultura (criação de camarões em viveiros), criação de peixes em cativeiros, fazendas de ostras e para a pesca industrial. Embora o Ministério da Aquicultura e Pesca criado em junho de 2009 que substituiu a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP), sinalize para a ampliação de investimentos no setor, essa realidade ainda não se concretizou na prática para os pescadores da Bahia.

Um grande problema que impede a falta de acesso aos projetos governamentais também é a necessidade de adquirir o investimento junto aos bancos públicos, e a exigência de garantias impostas por estes, sendo a certidão negativa junto ao SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) um dos maiores entraves.

2.2- A importância da Mestrança

Os pescadores vivenciam e expressam em seus relatos a ética da igualdade quando no mar, diferente do individualismo prevalecente nas relações da terra e de mercado. “O ethos igualdades se coloca como um elemento nivelador das diferenças e confere solidez, às prestações na ausência de obrigações contratuais e de apropriação formal ou contínua do mar. Essa ética também se desenvolve perante a imensidão do mar e diante do perigo constante do afastamento da terra.” (MALDONADO, 1994:47).

peixes formam cardumes saem das baías e lagos, viajando pelo canal dos rios em busca de áreas apropriadas para a desova. Nesse período os peixes estão cansados pelo esforço da migração, tanto que se descuidam das suas estratégias de proteção, tornando-se presas fáceis. A captura nessa fase interfere no processo da reprodução, conseqüentemente na renovação dos estoques pesqueiros.

O mestrança no trabalho da pesca tradicional insere-se como um elemento mediador de conflitos, existentes entre o mundo da terra e o mundo do mar. A autoridade exercida pelo mestre do barco, não tem como expectativa e fundamento o medo, a submissão e nem mesmo a obediência. Ela objetiva a cooperação voluntária, sua relação hierárquica se impõe através de características particulares, sendo a principal deles o zelo pelo segredo. A confiança é o principal meio para obter a partilha das informações sobre a náutica, o meio e a pesca.

Assim, o segredo de que o mestre é guardião e detentor, tem um conteúdo de informações que podem ser ocultadas ou reveladas em intensidades diferentes, mas se trata também de feixes de relações morais e afetivas, de acordos éticos da ordem da solidariedade enquanto competência tecnológica e enquanto participação comum no processo de trabalho. (MALDONADO, 1994:47).

A ética da igualdade na pesca se relativiza na medida em que se articula com a hierarquia presente no universo pesqueiro, o distanciamento prolongado da terra, os modos como se dão a circulação de informações no mar, se orientam por óticas e éticas diferentes das que prevalecem na terra.

Os pescadores precisam igualar-se para poder pescar bem, a desempenhar cada um sua tarefa sem confundir e deixar enredar-se linha, covos e redes, sem perder o prumo da vela na hora do vento bom, sem perder o tempo e sem errar (...), a cooperação que por sua vez viabiliza a náutica, informa a pesca e confere aos pescadores a liberdade que acreditam ter e que como a igualdade se inspira na imensidão e na mobilidade do mar.(MALDONADO, 1994:49).

Apesar da autoridade do mestre do barco, tudo que será realizado na pescaria é combinado anteriormente em terra, os pesqueiros que serão visitados, os tipos de iscas utilizadas, os mantimentos para a viagem, quantos dias ficaram no mar. Segundo a maior parte dos entrevistados, não há desarmonia da equipe embarcada, as maiores brigas se dão em terra em parte fruto da ingestão de bebidas alcoólicas apontadas como um dos elementos desagregadores da área por grande parte dos entrevistados. "Não existe briga, você abre mão de tá em outro trabalho pra viver perto da natureza, no mar, se houver briga não vale a pena". (Pescador Fernando).

Compreender os segredos do mar é a principal dificuldade da pesca artesanal, a sorte é uma das principais questões citadas por todos os entrevistados, mesmo possuindo instrumentos modernos e conhecendo os segredos, a sorte não deixa de ser um importante apoio para a pesca. Segundo seu Portela, 88 anos, a pescaria é uma “caixa de segredo”, depende da sorte, o mesmo relata que já teve ocasião de chegar ao pesqueiro e pegar 480 kg de peixe, só um peixe tinha 38 kg, e no outro dia chegou no mesmo local, jogou a rede e não pegou nada.

Dentro de 30 dias se o pescador conseguir 15 dias de pescaria, ele tem que colocar a mão pro céu. A pescaria depende da lua, da maré, e da sorte. Eu tenho uma boa quantidade de rede aqui, mas na lua cheia eu não coloco, pois a rede enrola toda. Cada peixe tem um tipo de lua, tem peixe que é pra pegar na pedra. Quando o cara tá bem equipado que pode viajar, dez, doze horas mar adentro, e aí ele pega peixe, pois, muitos pesqueiros estão bem batidos, são muitos pescadores pescando na mesma área. Geralmente se perde uma manhã, pra se achar onde estão os peixes, e onde tem profundidade, mas com a sonda, ela avisa imediatamente a profundidade e a existência do cardume. Se colocar a rede na areia não pega nada, pois os peixes ficam nas pedras, se o peixe ficar na areia o tubarão vem e come. (Pescador Portela).

O conhecer do velho pescador se distingue pela sabedoria que se diferencia do saber fazer, a sabedoria não apenas significa dominar os aviamentos de pesca e sim dominar onde e quando utilizá-los, essa sabedoria não se adquire apenas pela experiência, mas ouvindo os mais velhos e pescando com eles, essa sabedoria segundo Diegues (1983), também é denominada de “sorte”.

Tem que aprender lua, maré, vento, e Também sobre o mar. Tem gente que olha para o mar, e pensa que ele tá parado, mas não tem nada parado aí, as águas estão rolando, tem muita gente que sobra por que não sabe das correntes, pra onde for a água corre, ela não tá parada, ela tem força, ela tá mansa, mas a água tá correndo, a corrente sempre tem, Só vai aí quem tem negócio, mas quem olha pensa que é fácil. (Pescador Vavá).

Os conhecimentos sobre dos pescadores artesanais são em geral repassados através da ancestralidade e da oralidade, é a observação do trabalho dos mais velhos e mais experientes que propiciam a apreensão dos conhecimentos da pesca. Ramalho (2006) exemplifica de forma clara a importância do conhecimento ancestral.

É a partir daí que os segredos aquáticos são revelados aos mais novos e que se entende as artimanhas das águas. Assim pescadores são desvendados, caminhos descortinados, técnicas de manejo das armadilhas e náuticas trazidas à luz, explicitando as maneiras e os métodos usados para se mapear, ordenar e gerenciar o território mar-de-dentro e mar-de-fora. (RAMALHO, 2006:150).

As inovações tecnológicas como a sonda e o GPS estão sendo incorporadas em algumas embarcações do Porto de Santana, o que facilita o trabalho do pescador. Porém essas inovações fazem com que conhecimentos importantes que valorizam o trabalho da mestrança como, por exemplo, a marcação visual dos pescadores e que só é obtida após anos de prática sejam substituídas pela tecnologia. “À medida que as novas técnicas são inseridas no trabalho da pesca e que as embarcações tornam-se mais modernas, ou seja, equipadas com instrumentos tecnológicos e com motores potentes, a sabedoria ou a “sorte” cedem lugar para a experiência e à técnica.” (DIEGUES, 1983:195).

A inserção de novas tecnologias facilita o trabalho do pescador, porém, essas mudanças sofrem resistência por parte dos mais velhos, e estes mesmo utilizando equipamentos novos como (bussola, GPS, ecossonda), deixam claro que os mesmos não substituem os seus conhecimentos e que a forma antiga de pescar é mais vantajosa.

Agora tá tudo fácil, mas, pra quem começou no passado não foi, agora tem motor, mas antigamente era na vela e no remo, tinha que saber dominar o vento, aí a pessoa tinha que aprender mesmo. Na pescaria sempre aparece uma coisa mais nova, agora o ritmo da gente é um só, não tem coisas novas certa, existe a bussola, a sonda, antes se procurava o local das pedras com uma chumbada pesada, hoje não, liga a sonda e ela explica onde tem as pedras, a fundura, e se tornou mais fácil, muitos dos mais antigos não querem usar as novas técnicas, mas os mais novos que não tiveram os conhecimentos dos mais antigos, aí vão pela sonda, pela bussola, o trabalho é mais fácil, mas, nunca é igual como a forma original de pescar. (Pescador Vavá).

Em todas as entrevistas realizadas e observando as conversas dos pescadores do Porto de Santana, o termo “sorte” foi sempre citado, mesmo possuindo os conhecimentos necessários para o trabalho pesqueiro, e estando diante de um mestre experiente, a “sorte” é colocada como fundamental para o trabalho. Entretanto, a experiência do mestre e os segredos que este acumula sobre o mar, se fazem fundamentais para modificar a sorte dos embarcados.

Na pescaria, a noção de sorte, que é apanágio dos bons pescadores e, sobretudo uma qualidade pessoal dos mestres, se expressa em fenômenos que ocorrem nas tensões específicas do seu meio social, no cruzamento de outras noções como a cooperação e a competição, refletindo-se na estabilidade das tripulações e no resultado da pesca, nessa medida ela é mais do que um dom espontâneo que beneficie alguns pescadores, propiciando-lhes sempre localizar bons roteiros e pontos de pesca até encontrar a “pedra” e quiçá tornar-se mestre. (MALDONADO, 1994:163).

Embora, o termo “sorte”, seja entendido no universo mais amplo como algo independente e alheio ao comportamento e à vontade humana, no universo pesqueiro, ele está associado ao saber fazer, a “sorte” apesar de ser algo involuntário, pode ser alcançada pelo conhecimento do ambiente marinho e dos sinais da natureza.

Os termos em que se constituem o “efeito sorte” formam uma ideologia tão ligada à mestrança, que nessa retórica, a sorte do bote, da tripulação, se amalgamam em disposições pesqueiras, senso de independência, visão aguçada, conhecimentos secretos, com que se descobrem “pedras” e se constrói a sorte do mestre. (MALDONADO, 1994: 164).

Além dos conhecimentos necessários para a obtenção da posição de mestre, o mesmo deve ser capaz de guardar os segredos, esse sigilo é fundamental para a manutenção dos pequenos grupos pesqueiros, na medida em que guardam os segredos, e valorizam os conhecimentos ancestrais.

Guardar o segredo é crucial para o mestre e para a equipe que ele conduz, sendo uma arma fundamental na pesca artesanal. O segredo, de fato, é um dos cernes primordiais para a manutenção do respeito ao mestre, uma vez que tem que possuir um acervo de conhecimentos desconhecidos por outras tripulações,..., para alguém extrair um segredo da boca do mestre é preciso que faça por merecê-lo. (RAMALHO: 2006:156).

Para Maldonado (1994), a “sorte” é utilizada para explicar as diferenças de desempenho e renda dos botes, sendo fundamental à ideologia da mestrança. Para ela as etnografias sobre comunidades pesqueiras identificam a ordenação social da sorte, no paradoxo de tensão e competição vivenciado pelos pescadores. Nesse sentido a “sorte” é conquistada através de muito trabalho e capacidade de liderança, cabendo ao mestre

administrar os perigo e os conflitos. Na medida em que compartilha os seus conhecimentos, o mestre refaz e renova as relações sociais

As tentativas de explicar as diferenças e as relações de poder se afiguram no construto ideológico do carisma e da sorte que os próprios mestres alimentam, recobrando de segredo as suas estratégias pessoais, acobertados pela corroboração da tradição. A relevância social da ideologia da mestrança tem levado à discussão sobre se o seu caráter é mais infra-estrutural ou se pertence a domínios mais abstratos e a certas afirmações como a que se trataria de um “efeito”, de uma imagem, de algo fantasmático criado pelos mestres que com isso justificariam em termos de prestígio e de renda os seus privilégios, mantendo para si a primazia nas relações de poder e de mediação (MALDONADO, 1994:164).

Independente de ser ou não uma estratégia de manutenção de hierarquia ou de privilégios, são os mestres que possuem e repassam os conhecimentos, conhecimentos estes que não se encontram registrados nos livros, nem nas cartas náuticas. As águas apagam os registros e esses se propagam á luz da memória e dos ensinamentos. O desejo de todos que entram na profissão de pescador é se tornar um mestre, tanto no sentido produtivo quando simbólico. Ele é o detentor dos segredos.

2.3- Relações de Gênero nas comunidades pesqueiras (O caso Dandinha do Rio Vermelho)

Na década de trinta o romancista Jorge Amado escreveu seu livro “Mar Morto”, em que retratava a vida dos pescadores artesanais residentes na Gamboa de Baixo, uma área em que foi fixada uma das mais antigas comunidades pesqueiras na Bahia. Esse livro tem como enredo principal o romance de Guma e Lívia, Guma um pescador “homem do mar” e Lívia uma “mulher da terra”.

Amado exalta os valores do povo do cais, relata seus medos, suas crenças e suas formas de se relacionar com os perigos do mar e com o povo da terra. A personagem Lívia tem o destino traçado para as mulheres do cais, entregues ao futuro duvidoso de seus maridos, pais e filhos; as mulheres do mar vivem cotidianamente na espera angustiante do retorno das embarcações, para elas o futuro é incerto perante a possibilidade da perda do homem que mantém a família. No final desse romance a personagem Lívia perde seu grande amor Guma num naufrágio, porém não se entrega

ao do destino de miséria nas fábricas e de prostituição, que segundo o autor esperava as viúvas do mar, ao lado da valente personagem Rosa Palmeirão toma as velas do saveiro “Paquete Voador”, deixado por Guma e se entrega ao trabalho do mar, no leme e no comando das velas as duas personagens enfrentam com luta os desafios, que até então era destinado apenas aos homens

Hoje passados setenta e quatro anos em que esse romance foi escrito, as aventuras de Livia e Rosa Palmeirão ainda não seriam facilmente escritas fora da ficção, as mulheres ainda são excluídas da pesca mar a fora nas comunidades pesqueiras e muitas vezes impedidas de entrar na profissão. Mesmo que o impedimento não seja direto, os saberes tradicionais que envolvem a pesca artesanal são passados principalmente pelos “mais velhos” e existe não só o desinteresse em que as mulheres ocupem esse espaço, historicamente ocupado por homens, como existem vários mitos repassados por gerações de que o ingresso de mulheres nas embarcações dá azar e a pesca não rende.

Dandinha como é conhecida é a primeira pescadora a se cadastrar na Colônia Z-1 do Rio Vermelho, e até os dias atuais é a única pescadora mar de fora da cidade de Salvador. Na infância morava na Boca do Rio com sua família e seu pai que era funcionário da Embasa, onde trabalhava como mecânico industrial, e sempre levava os filhos para a praia pescar nos momentos de folga. Aos doze anos passou a frequentar a praia do Rio Vermelho para pescar de vara nas pedras, até que aos quatorze anos a levaram pela primeira vez para o mar de fora e, a partir daí, ela se encantou com a profissão e resolveu se tornar uma pescadora.

Dandinha enfrentou uma série de dificuldades e de empecilhos até conseguir se regularizar na profissão. A pescadora costuma sair em pescarias que chegam a durar três dias mar de fora e chega a trazer uma carga de mais de 150 Kg de peixe. Ela informou que passou por diversas situações de discriminação, e de boicote ao seu trabalho, sendo que a principal dificuldade encontrada para desenvolver a profissão foi encontrar quem a levasse para o mar, e a sua regularização como pescadora junto a Colônia Z-1. Segundo relato da pescadora, quando sua pesca rendia mais que a de algum dos homens presentes logo era motivo de chacota. “Eles brigavam entre si e sempre sobrava pra mim. Não aceitavam e não aceitam o fato de eu conseguir pescar mais do que eles.” (Pescadora Dandinha).

Muitos pescadores da área ainda não aceitam levar a pescadora Dandinha na sua embarcação, mesmo quanto o sistema da pesca e de arrendamento, a mesma relata que

muitas vezes pensou em desistir da profissão, mas era incentivada por alguns companheiros de trabalho a continuar. Ela pescou até o oitavo mês nas duas gravidez e com insistência conseguia que um pescador amigo a levasse para alto mar. É através do trabalho como pescadora que ela sustenta sua companheira e seus dois filhos de dez e de cinco anos.

Figura 8



Recebendo embarcação da (SEDES)
Fonte: <http://www.osollo.com.br>

Figura 9



Pescando no mar de fora
Foto gentilmente cedida por Dandinha

Dos cerca de 1.200 filiados na Colônia Z-1, apenas 50 são mulheres e dessas, 12 trabalham no Porto de Santana. Sendo que uma trabalha mar a fora, uma trabalha juntamente com seus filhos numa rede de agulha e é proprietária de dois botes de madeira conhecido como catraias, e 10 trabalham mar de dentro com vara de linha.

Dona Helena possui duas catraias e uma rede de agulha. Há cerca de vinte anos resolveu investir na pesca, já que seu marido não é pescador, ela trabalha junto com seus filhos. O objetivo da pesca com rede de agulha é capturar o cardume, principalmente de agulha ou agulhão. Para que a rede seja colocada no mar são necessários dois barcos, a rede de agulha possui cerca de 150m de comprimento, ao detectar os cardumes, a rede é jogada ao mar com as extremidades do cabo da rede preso as duas catraias, as embarcações então realizam o cerco. Após o fechamento, a rede é recolhida manualmente e o peixe é transferido para o barco por meio de puçá¹¹.

¹¹ Usado com a finalidade de embarcar o peixe, o puçá (ou passaguá) é normalmente confeccionado com madeira ou alumínio. Seu corpo é constituído de um cabo de tamanho variável e um aro na extremidade, onde se prende uma rede cônica. Se bem usado, é a ferramenta mais segura para o embarque dos peixes.

Geralmente Dona Helena captura cerca de 300 a 400 kg de peixe em cada puxada de rede.

Em 2008, foi realizado um trabalho de conclusão de curso de jornalismo da FIB (Faculdades Integradas da Bahia), sobre a pescadora Dandinha, intitulado “Senhora do Mar”. Neste Ubaldo Marques Porto Filho, conta que a pesca de camarão era abundante no Rio Vermelho até a década de 70, também existia muitos mariscos na área, porém os homens não praticavam esse tipo de pesca, só as mulheres. O quadro de marisqueiras e pescadoras de camarão era muito numeroso, mas, com as construções realizadas nas margens dos rios que cortam o bairro e as canalizações de esgotos, os rios foram morrendo, os camarões e mariscos desapareceram, e com eles as pescadoras de camarão e marisqueiras da área.

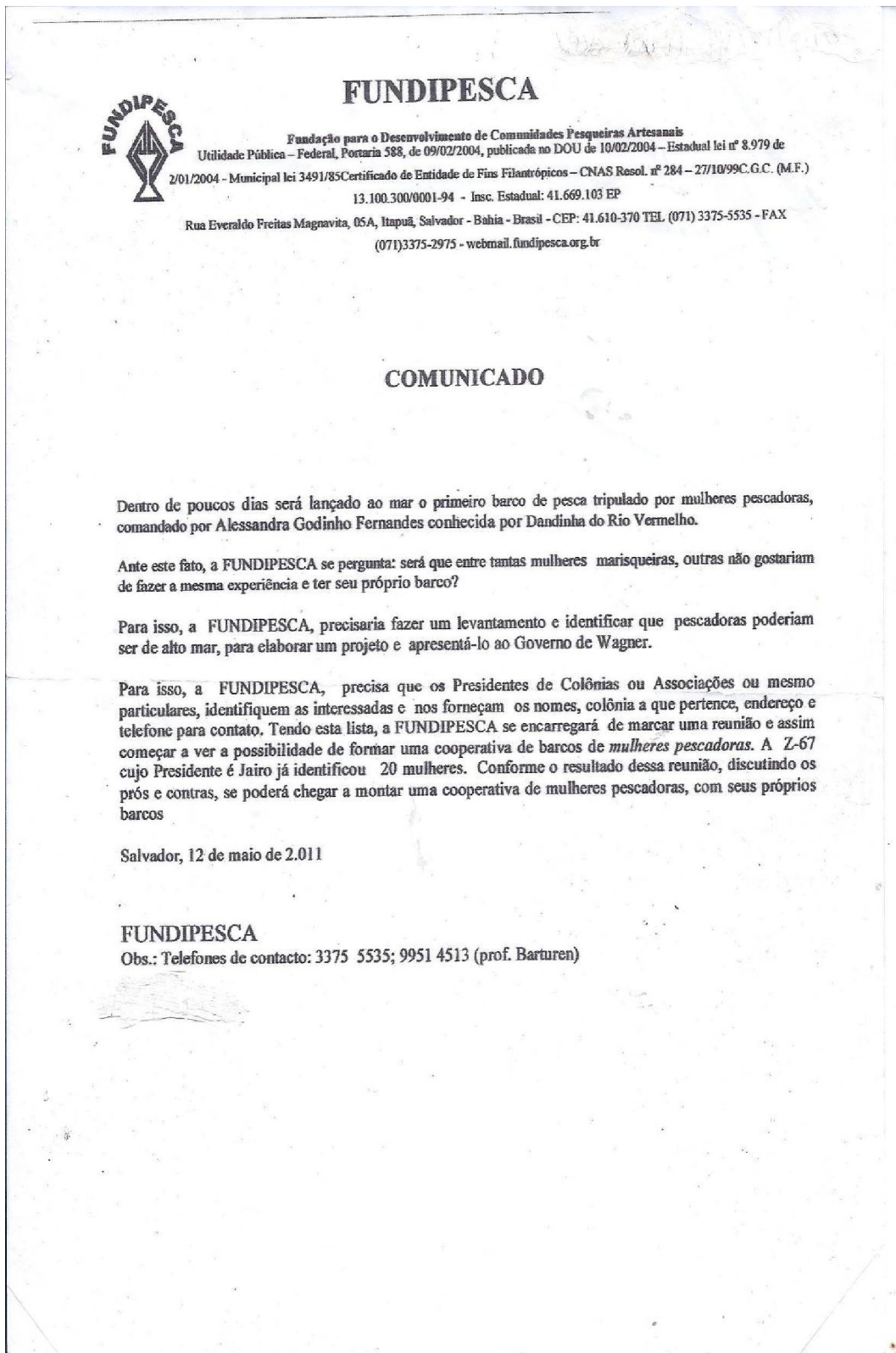
Em 04 de março de 2010 através do projeto pescando renda, em parceria com o FUNDEPESCA e a Colônia Z-1 Dandinha conseguiu adquirir sua primeira embarcação. A entrega dessa embarcação ainda não foi realizada, a data prevista para a entrega da embarcação é agosto de 2011.

O objetivo da SEDES (Secretaria de Desenvolvimento), com a embarcação que será doada a Dandinha é organizar uma tripulação de mulheres pescadoras, incentivando assim que outras mulheres que não conseguem acesso ao trabalho de pescadora, entrem na profissão¹².

O pescador e técnico da Bahia Pesca Pantaleão, me relatou um fato ocorrido na ilha de Cacha Preggo, segundo o mesmo, estava pescando juntamente com sua esposa e filha quando uma menina se aproximou e perguntou o que elas estavam fazendo, quando a esposa falou que estava pescando, a garotinha ficou assustada e disse que mulher não podia pescar senão ficava doente. Essa superstições são uma das formas de controle social exercidas sobre as mulheres em comunidades pesqueiras, elas são tomadas como crenças e incorporadas como valores.

¹² Três pescadoras filiadas à Colônia Z-1 pertencem à comunidade da Gamboa, elas pescam mergulhando sem a ajuda de compressor, e o principal objetivo de sua captura é o peixe ornamental. Por cada peixe ornamental chegam a ganhar R\$ 80,00, sendo a atividade bastante lucrativa. A maior dificuldade que as mesmas encontram para exercer a profissão é a falta de embarcação, dificultada ainda mais pela peculiaridade do trabalho desenvolvido por elas.

Imagem 10



Documento enviado pela FUNDIPESCA à Colônia de pescadores Z-1 e gentilmente cedida pelo presidente Branco.

Outro importante fato foi relatado por Pantaleão, segundo o mesmo, o programa Boa Pesca do governo estadual doou quinze canoas para os pescadores e marisqueiras do município de São Felix, das quinze canoas, duas foram entregues as mulheres para o deslocamento até o manguezal. Assim, os técnicos do Bahia Pesca selecionaram algumas mulheres e ensinaram a usar o motor e manejar a embarcação, na semana seguinte voltaram à área para uma reunião de avaliação do projeto e encontraram os pescadores indignados com a atitude dos técnicos, pois, segundo eles as mulheres não tinham que dirigir os barcos, quando elas quisessem usar as embarcações, seus filhos homens ou maridos as levariam. Segundo os técnicos, apenas as mulheres viúvas e separadas se prontificaram a continuar dirigindo as embarcações. Esse fato exemplifica a relação de poder a que estão submetidas às mulheres nas comunidades pesqueiras.

O homem que vai para o manguezal pegar caranguejo ou ostra é pescador, a mulher que desenvolve o mesmo trabalho é marisqueira, o homem só realiza o trabalho de mariscagem quando não possui nenhum artefato de pesca, já a mulher é tradicionalmente afastada do trabalho direto com a pesca, restando para ela apenas o mangue, a praia e os arrecifes.

Trabalhar no manguezal é visto pelos homens como um trabalho depreciativo, lendo o livro de João José Reis (2003), rebeliões escravas no Brasil, um fato me chamou atenção. O autor conta um episódio ocorrido no Engenho de Santana em Ilhéus, onde os escravos, que em sua maioria eram crioulos¹³, se rebelaram em duas ocasiões. Numa delas no final do século XVIII, eles pararam o trabalho, se aquilombaram e exigiram do senhor as suas condições para voltar à ativa. Segundo Reis, as exigências mostravam a discriminação dos crioulos em relação aos parceiros africanos e entre essas ele destaca: “Não nos há de obrigar a fazer camboa, nem a mariscar, e quando quiser fazer camboas e mariscar mande os seus pretos de Minas.” (REIS, 2003:325).

As relações de gênero nas comunidades pesqueiras são marcadas pelas divisões de trabalho e pela hierarquização dos papéis atribuídos a homens e mulheres. As atividades ligadas ao mar são desempenhadas por ambos, mas os territórios onde o trabalho feminino e o trabalho masculino atuam são marcados por relações de poder, que definem não só a vida das comunidades pesqueiras e o imaginário popular, mas, as garantias trabalhistas destas profissionais que até hoje não tem os seus direitos de cidadãs garantidos pela previdência pública.

¹³ Afro-brasileiros que haviam nascido e se socializado na escravidão.

Apesar de possuírem um papel fundamental na manutenção financeira da família, na administração doméstica e no desempenho de trabalhos diversos como mariscagem, comércio do pescado, produção de artesanatos, empregos no mercado formal e informal que garantem uma renda familiar estável e a subsistência das famílias nos períodos onde há escassez de pescado, estas mulheres tem o seu papel invisibilizado, e construído a partir de uma perspectiva sexista que marca o papel da mulher em diferentes contextos sociais e históricos.

O uso do conceito mulher traz implícito tanto a dimensão sexo biológico como a construção social de gênero. Entretanto, a reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal- passiva, emocional, etc- como forma de lidar com os papéis de gênero. Na prática aceita-se a existência da natureza feminina e outra masculina, fazendo com que a diferença entre homens e mulheres sejam percebidas como fatos da natureza. (BAIROS, 1995:459).

Embora as mulheres não participassem diretamente da pesca, a distribuição do pescado, a contabilidade e o comércio eram atividades onde exerciam, como exercem até hoje grande participação, com ressalta Castellucci (2005) em relação à pesca da baleia.

A carne, considerada produto depreciado e ordinário, era geralmente destinada a alimentar os escravos trabalhadores das armações e vendida às ganhadeiras, que as salgavam e as moqueavam e posteriormente saíam vendendo pelas ruas de Salvador e vilas do Recôncavo. (CASTELLUCCI: 2005:137).

No estudo realizado por Anete Brito Leal Ivo “Pesca: tradição e dependência”, ela relata o papel das negras escravas na intermediação do pescado, as chamadas “negras de ganho”, vendedoras de peixes exerciam essa atividade em favor de seus senhores.

...e da mesma forma que as negras regateiras (vendedoras ambulantes) e que chamam ganhadeiras, que comprando-o em outra parte não mostrassem despacho de saída da casinha que devera haver,..., é inevitável passar por quatro ou cinco mãos, antes de chegar às do que compra para comê-lo; todos sabem desta desordem, mas ninguém a emenda, por ser aquele negócio como privativo de ganhadeiras que de ordinário são, ou foram cativas de casas ricas, e chamadas nobres com as quais ninguém quer se intrometer pela certeza de que tem que de ficar mal, pelo interesse que comum tem as senhoras naquela negociação.

Vendem as ganhadeiras o peixe a outras negras, para tornarem a vender, e a esta passagem chamam carambola. (VILHENA apud IVO, 1975:45).

Segundo Escallier (1999), em seu estudo sobre as mulheres de Nazaré na economia de pesca, quando a sobrevivência de uma comunidade depende da exploração da pesca, todos os seus membros participam do processo produtivo, ficando geralmente para a mulher as funções técnicas, sociais e econômicas nos seios das comunidades marítimas, assim como uma divisão espacial do trabalho, enquanto os homens desenvolvem suas atividades no mar, as mulheres desenvolvem em terra.

Nas atividades pesqueiras artesanais a mulher vem desenvolvendo a sua força de trabalho com dinamismo, mesmo não sendo visível o seu trabalho, elas enfrentam a discriminação, os riscos, e as ameaças que a profissão exige e que têm consequências graves nas famílias. Com grande capacidade de resistência as mulheres de comunidades pesqueiras se dividem entre as responsabilidades com as tarefas domésticas e tarefas pesqueiras, enfrentando adversidades para escoar seu produto, concorrendo com a pesca industrial, e com isso sofrendo com o precário acesso a assistência médica, linha de financiamento, educação, lazer, moradia, direitos previdenciários e trabalhistas.

Conforme observação de Maneschy (2000), ganha relevo hoje as abordagens de gênero e identidade que direcionam nosso olhar para a divisão de trabalho entre os sexos e as gerações. Trata-se de uma dimensão geralmente pouco valorizada no âmbito dos estudos, que privilegiam a situação do homem pescador, principalmente no âmbito políticos e das organizações sindicais de pescadores onde ainda predomina uma concepção restritiva em relação à mulher. Segundo Alencar apud Maneschy (2000), as atividades femininas tendem, pois, a ser multidirecionadas, ao contrário das masculinas, geralmente centradas em uma ou duas atividades principais, como por exemplo, pesca e lavoura. Esse fato reforça a invisibilidade de seu trabalho e dificulta sua identificação como trabalhadoras, nessa condição ficam excluídas dos correspondentes direitos sociais e previdenciários.

Segundo Woortmann (1991), em seus estudos sobre comunidades pesqueiras no Nordeste, a classificação do espaço natural é também uma classificação de espaços sociais e de domínios pertinentes a cada gênero. Num plano mais geral, o mar é percebido como domínio do homem, em oposição a terra domínio da mulher. No entanto, essa classificação bipolar se relativiza e se decompõe em outras oposições como que de menor escala.

O mar se subdivide em mar de fora, mar alto, ou mar grosso, espaço do trabalho masculino por excelência, e em mar de dentro (entre a praia e os arrecifes) onde tanto homens como mulheres exercem atividades produtivas. A terra, por sua vez, subdividia-se tradicionalmente entre o espaço da agricultura e a praia, o primeiro concebido como essencialmente feminino, e o segundo como um espaço intermediário onde, tal como no mar de dentro, trabalhavam tanto mulheres como homens.

Woortmann (1991) faz uma importante análise dos estudos sobre comunidades pesqueiras, enfatizando o cuidado que se deve ter com o ponto de partida do pesquisador, para ela a classificação do espaço depende do contexto em que se produz o discurso, se a ênfase está na separação entre os gêneros, a classificação operada é a mais geral, opondo o mar à terra, o homem à mulher. É também a classificação que melhor convém à identidade geral (masculina) da comunidade e ao discurso público. Contudo, se a ênfase se coloca na variedade de atividades desenvolvidas, na cooperação entre homens e mulheres, e no ponto de vista das mulheres, a bipolaridade se decompõe e se relativiza. A oposição mais ampla é aquela apresentada ao estranho, inclusive o pesquisador, quando este vai à procura do ponto de vista "do grupo", isto é, "de pescadores".

É afirmado também por Woortmann (1991) que os homens não ignoram a subdivisão de cada domínio natural; a divisão do mar em de fora e de dentro é fundamental enquanto apropriação de recursos naturais necessários à reprodução social. Para eles, contudo, há como que uma diferença hierárquica entre os dois mares: o mar de fora tem maior valor social que o de dentro, pois é através dele que se constrói sua identidade; é nele que realizam o saber característico de seu gênero e exercitam sua coragem no enfrentamento do perigo. Do ponto de vista das mulheres, o espaço tradicional mais importante era o das terras onde se realizava a agricultura, as terras soltas, de apropriação comunitária, de onde elas derivavam seu reconhecimento social, enquanto a praia era um domínio secundário no que se refere à sua identidade, ainda que também um espaço de trabalho.

Para Melo e Matos (2005), a exploração das mulheres no sistema global capitalista, contribui ao longo da história para aumentar as desigualdades entre homens e mulheres, o paradigma dominante ignora o trabalho não remunerado, tornando invisível a contribuição de algumas atividades desempenhadas em sua maioria por mulheres como produtiva.

Segundo Melo e Matos (1991) a dominação exercida sobre as mulheres e sobre os negros são causadas por interesses práticos e relações sociais substantivas, porém para que essa dominação de fato aconteça, dominadores e dominados devem compartilhar um imaginário inteligível e persuasivo o suficiente para que esta dominação encontre sentido entre os seus participantes. “Racismo e sexismo são representações ideológicas de representações essencialistas do mundo; são desdobramentos metafóricos da mesma estrutura que lê nas diferenças biológicas capacidades e incapacidades coletivas”. (MELO e MATOS apud SUÁREZ, 1991:13).

Para Stolke (2004), o termo gênero começou a ser utilizado na década de 70 para designar a construção cultural e as bases ideológicas do tratamento desigual dado a homens e mulheres, assim como a dominação das mulheres pelos homens. Nos anos 70 segundo Stolke as feministas escolheram o termo gênero para afirmar que a desigualdade e a opressão das mulheres em relação aos homens não dependem do sexo biológico próprio da espécie humana, as relações de gênero são fenômenos sócio-culturais.

Entre as várias definições sobre gênero, Scott (1995), destaca que o gênero é um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. A subordinação apresenta-se de formas diferentes de acordo com a cultura, religião, economia, classe, raça, nação, etnia e a ocupação. Tanto nas áreas urbanas como nas áreas rurais, trabalhadoras, camponesas, agricultoras e pescadoras sofrem preconceitos e discriminação. Estas últimas ainda mais exploradas e marginalizadas por questões distintas, como mitos e crenças, não se costuma dar a devida importância aos seus trabalhos. Assim Scott conclui que a desvalorização da mulher em todas as dimensões é histórica, é importante avançarmos nos estudos sobre as desigualdades de gênero e a contribuição das mulheres à economia, principalmente em relação ao trabalho que lhes é reservado definido muitas vezes como menos qualificados, não produtivo e sem valor.

No decorrer da história colonial e pós colonial do Brasil, o papel dos homens e mulheres negras foram reprimidos, discriminados e relegados a categorias de subalternização. A cultura dos povos europeus foi imposta como superior, em detrimento da cultura dos povos africanos, estes foram acusados de selvagens, sem história, e sem capacidades intelectuais de se adaptar a um mundo que os europeus viam como perfeito e ideal. No entanto, mesmo fora de seu continente e submetidos a um

regime cruel de servidão e de exploração física e psicológica, os africanos e seus descendentes conseguiram manter diversos traços de sua cultura e de seus costumes.

No Brasil, a cultura africana está presente em todos os traços constitutivos da identidade nacional, sendo necessário um resgate da história dos africanos no Brasil e de seus descendentes, a fim de repensar o papel destes povos no cotidiano brasileiro e desmistificar as crenças que justificam as desigualdades e os preconceitos. A mulher negra tem um histórico de resistência contra a discriminação, e de luta pela manutenção de suas famílias, discriminada por sua cor, por sua classe, por seu gênero e muitas vezes por sua religião, sempre se manteve como peça chave da vida política e econômica do Brasil.

2.4 Religiosidade e ritos na pesca do Rio Vermelho.

As histórias de pescadores, que são passadas pelos mais velhos, o que os Yorubás chamam de Itan, são ensinamentos que procuram mostrar aos mais novos como se comportar perante o mar. Independente das tecnologias empregadas o mar é configurado como uma caixa de segredos, a sorte, não é um fenômeno abstrato e isolado, para que se tenha a sorte devem seguir certos ensinamentos.

Hoje os mais novos não acreditam mais nas histórias, não tem demonstram interesse, desfazem e dizem que a história agora é outra, não sabendo eles que o mar sempre desmancha, depois quando o mar vem e quebra tudo vão correr atrás da Prefeitura.(Pescador Vavá).

Para compreender o modo de vida do povo do mar é necessário compreender as realidades materiais e imateriais que o cercam. Elementos que unidos dão sentido as suas práticas e garantem uma construção identitária da categoria. “Das águas não brotam apenas peixes, crustáceos, marés, mangues, corais, mas também homens, com suas práxis sociais, que expressam os contornos adquiridos na vivência no (e com o) mar-de-dentro e mar-de-fora.” (RAMALHO, 2006:167).

As principais festividades religiosas relacionadas aos pescadores do Rio Vermelho são o dia de São Pedro, realizado em 29 de junho, data em que também se comemora o dia do pescador, e a festa de Yemanjá, realizada no dia 02 de fevereiro.

O dia dos pescadores em 29 de junho inicia-se com uma missa realizada na Igreja de Santana, às 7:00 da manhã, após a missa os pescadores cruzam os remos na porta da igreja por onde passam as imagens de São Pedro (padroeiro dos pescadores) e nossa Senhora de Santana (padroeira do Rio Vermelho), as imagens partem para uma pequena procissão marítima do Porto de Santana até a Pedra da Sereia, que fica no limite entre o bairro do Rio Vermelho e o bairro de Ondina, e novamente retornam à igreja. Após a procissão marítima os pescadores se dirigem à biblioteca Juracy Magalhães Junior, onde são recepcionados com um café da manhã, assistem palestras com temas voltados para a pesca e recebem homenagens. À noite os pescadores e os fiéis saem novamente em procissão com as imagens até a Praia da Paciência.

Muitas histórias ilustram esses mitos relacionados à natureza, uma dessas histórias é de que se deve voltar para a praia se o barco for arrastado três vezes antes de ir para o mar, isso se constitui um mau presságio e insistir pode ser perigoso. Uma história interessante é a da “bomba de vento”:

A bomba de vento quando forma lá, o cara tem como desmanchar ela, o cara viu que vem uma bomba de vento e aponta pra ela que ela desfaz, ela apontou você olha e diz uma bomba de vento vai cair ali, ai você aponta o dedo e com cinco minutos ela desmancha. A bomba de vento é uma espécie de redemoinho, se ela passar por cima do barco vira na hora. Deveriam levar mais a sério a natureza, a maioria desfaz, zomba, tem gente que acha que é mais forte que o mar, tem que saber, conhecer e levar a sério. (Pescador Vavá).

Muitas “histórias de pescadores” são contadas pelos pescadores do Rio Vermelho, nessas histórias elementos da religiosidade afro-brasileira como o Marujo e Yemanjá, são os mais presentes entre os relatados. Existem também mitos relacionados ao mar, à natureza, ao respeito que se deve ter ao embarcar. Os relatos mostram que a natureza se revela simbolicamente através de sinais e que estes devem ser observados e obedecidos.

Formular histórias (ou estórias) sobre a territorialidade marítima e estuarina significa intimidade do ser humano com o ambiente natural da pesca, gerando uma relação de indivisão entre ambos, onde “cada território (ou espaço) tem seus seres, suas histórias e ritmo de existir. (RAMALHO, 2006:149).

Um dos rituais citados por alguns pescadores, como comum nas pescarias é o agrado a Marujo, alguns levavam carteiras de cigarro e bebidas para serem oferecidos a esta entidade quando estão no mar. Segundo o pescador Branco, há dez anos, ele estava em um saveiro pescando o dia inteiro, num pesqueiro que sempre dava muito peixe, e não conseguia pegar nada, até que resolveu dar uma carteira de cigarros para Marujo. Ele conta que não acreditava muito nas histórias contadas pelos companheiros sobre Sereias, Marujos e outras entidades relacionadas ao mar. Porém, depois que depositou a oferenda, decidiu jogar a rede novamente e dessa vez ela veio cheia de peixes, e a partir deste dia sempre leva a carteira de cigarros para marujo quando vai ao mar.

Marujo é uma entidade relacionada às religiões afro-brasileiras, relacionada às águas, que tem a função de leva e trás, de correio entre os mortais e os Orixás do mar. O Marujo é um espírito (Egun na linguagem Iorubá) de um homem do mar. As principais oferendas para essa divindade são bebidas alcoólicas e fumos (cigarros, cigarrilhas, charutos). As filhas e filhos de santo que incorporam o Marujo apresentam sinais de embriaguês, sempre cambaleantes pela bebida e pelo balanço do mar, pedem bebidas fazendo sinal em direção à boca com o polegar direito. No candomblé e na Umbanda o Marujo é saudado com esse ponto.

*O Martin pescador
Que vida é a sua
É bebendo cachaça e caído na rua
Marujo era um homem rico
Mais logo ele empobreceu
Porque o dinheiro que ele tinha
A cachaça comeu
Pisa no massapé e escorrega
Quem não sabe andar leva queda
Se eu jogar rede no mar você não pega
Se eu jogar rede no mar você não pega não
Eu bebo sim
Eu bebo muito bem
Eu bebo com meu dinheiro,
Não é da conta de ninguém
“Quem tem, tem. Não precisa mandar buscar!”*

O sincretismo existente na pesca inicia-se, assim que o pescador pisa na água, neste momento ele se benze e faz o gesto da cruz herdado do catolicismo, após entrar no barco muitos retiram moedas do bolso e jogam para Marujo e quando chegam ao pesqueiro oferecem charuto ou cigarro e cerveja preta, abrindo a garrafa e depositando lentamente no mar. Após esse ritual fazem seus pedidos de boa pesca e fartura. Essa

oferenda para marujo é feita uma vez por semana por aqueles que acreditam nessa entidade.

A casa de Yemanjá é o principal elo entre os pescadores e a religiosidade afro-brasileira, mesmo aqueles que não são adeptos do candomblé ou da Umbanda zelam pelo espaço e frequentemente acendem velas pedindo proteção ao Orixá. Entre os entrevistados apenas um foi enfático em não crer na existência do mundo espiritual e na relação entre este e a prática da pesca. Os pescadores mais antigos sempre levam oferendas para Yemanjá quando vão para o mar, esse mesmo costume herdado dos antepassados nem sempre são seguidos pelos mais novos e abolido pelos convertidos às religiões protestantes.

Nós sempre levamos fé e confiamos, e sempre conservamos as coisas como achamos, já tem muitos que não respeitam desfaz, mas nós profissionais mesmo, respeitamos, respeitamos o vento, trabalhamos certo, quando a gente desconfia, vem embora, não fica insistindo, desconfiou vem embora, por que pode melhorar ou piorar. Tem um tempo, desconfiou que vai ter um tempo, vem embora, por que se melhorar ou não estamos salvo. Tem gente que não respeita insisti e leva a pior. O pescador mesmo tem que conhecer tudo, antes de acontecer, e quando acontecer, isso é passado pelos mestres. Principalmente problema de vento, o cara tem que conhecer, quando o vento bate três vezes, todas três vezes o barco recuou, pode vir embora que pode dar qualquer problema. Por que quando ele vem, já vem com uma pressão que ninguém pode suportar. Ai o cara tem que conhecer. Mas os mais novos não querem levar nada disso à sério. (Pescador Vavá).

Os que permanecem ligados aos cultos afro-brasileiro relacionam sempre o sucesso da pescaria ao Orixá e quando realizam pescas fartas compram um balaio no qual colocam oferendas e depositam na gruta de Yemanjá na pedra da sereia ou no mar, “Os mais velhos ensinam que deve sempre zelar as águas e confiar, que ai sempre teve uma dona, o mar não é de qualquer um, tem dona”. (Pescador Vavá). Esse ritual esta acontecendo cada vez com menos freqüência entre os pescadores, pois os mais velhos estão morrendo ou se aposentando e os que estão ingressando na pesca mostram resistência em relação às tradições religiosas.

Outro ritual realizado por alguns pescadores mais velhos do Porto de Santana, e citado em algumas entrevistas, é que após realizarem uma boa pescaria, o mestre do barco, escolhe um peixe grande e bonito e oferece de volta ao mar, como presente à Mãe D’Água e para que a mesma continue abençoando a pesca.

O sincretismo entre as religiões afro-brasileiras e católica se faz presentes no cotidiano dos pescadores do Rio Vermelho e evidencia-se em suas práticas diárias de trabalho. Essas práticas religiosas reforçam o sentimento de pertença à profissão, os laços de amizade e solidariedade, dão visibilidade aos pescadores do Rio Vermelho e criam sobre o espaço marinho uma valorização positiva e um respeito sobre o os saberes ancestrais.

3- A FESTA DE YEMANJÁ

A festa de Yemanjá realizada no dia 02 de fevereiro no Bairro do Rio Vermelho é uma das mais importantes festas populares da cidade de Salvador, ela é organizada pela Colônia de pescadores Z-1, que está localizada na casa de Yemanjá, antiga casa do peso, ao lado da Igreja de Santana. Os pescadores se organizam todo ano para manter a oferenda para o Orixá afro brasileiro, contando com o apoio de vários órgãos e entidades. Várias versões sobre o início da festa são relatadas e contadas não só por pescadores, mas também por estudiosos.

Figura 11



Casa dos pescadores do Rio Vermelho, na festa de Yemanjá com uma grande fila de fiéis esperando para depositar oferendas na casa de Yemanjá na manhã do dia 02 de fevereiro de 2011.

Entre a praia do Canzuá e da Paciência, por cima das pedras, havia uma gruta muito grande que os antigos diziam que era a casa da Sereia ou Mãe D'água, porém ela não morava mais ali e a gruta estava abandonada. A gruta era muito grande e parecia uma casa, cabia um homem em pé. Era uma espécie de salão onde cabiam muitas pessoas, havia lugares que diziam que eram prateleira, pilão e outras coisas. O mais importante é que no meio do salão havia uma poça em forma de banheira, que conservava sempre água doce, que minava das próprias pedras. Muita gente quando estava com sede, ia beber água ali, pois a água era muito boa.

Diziam que a mãe D'água depois que tomava banho doce, ia para aquela pedra em frente da gruta perto do mar, que se

chamava Pedra da Mãe D'água, ou Pedra da Sereia, como chamam até hoje, sentava-se e ficava penteando os cabelos, naquela pedra juntava muita gente para pescar porque dava muito peixe. (LOPES, 1984:13).

A gruta da sereia é um local onde se colocam presentes para a Mãe- D'água ou Yemanjá, essa tradição existe há muito tempo, bem anterior à tradição do presente dos pescadores. Ainda hoje o local é considerado por fiéis e pescadores como sagrado.

Uma das principais versões para o início do presente do dia 02 de fevereiro, é que o mesmo veio da idéia de um pescador na década de 20, é difícil precisar o ano, de acordo com os dados que obtive, alguns datam 1924 e outros 1926. Na época os pescadores tinham como principal celebração a Festa de Santana, existia uma irmandade no local composta principalmente de operários e pescadores em sua maioria negros, eles que organizavam as festas, procissões e todos os atos da igreja. Segundo Lopes (1984), os brancos foram tomando conta dos festejos e principalmente da festa dedicada a Nossa Senhora de Santana.

Um pescador de nome Alípio teve a idéia de fazer uma festa para eles já que não podiam tomar parte da festa dos brancos, e também tinha a preocupação de manter os festejos dos pescadores, para que não acontecesse como outras festas de pescadores da cidade que estavam acabando foi proposto por Alípio um presente à Mãe D'água no dia 02 de fevereiro, que era o dia de Nossa Senhora das Candeias. (LOPES, 1984:13).

Os primeiros responsáveis pelo presente na versão de Lopes (1984) foram três pescadores: Alípio Capenga (que tinha esse nome por um defeito na perna), Saturnino (apelidado de Satu), e Florentino (apelidado de Fulô). Também tomaram parte no presente Olavo e Clemente Tanajura, esses últimos eram peixeiros, ou seja, negociavam peixe. Os cinco auxiliados por outros pescadores conseguiram uma caixinha de papelão, cada um colocou seu presente, enfeitaram com flores e fitas, fizeram seus pedidos, colocaram a oferenda numa embarcação. No caminho até o local onde depositaram o presente, foram seguidos por outras embarcações do Rio Vermelho, que levavam familiares e amigos. Quando chegaram num local apropriado colocaram os presentes no mar sempre entoando cânticos para Yemanjá.

Segundo Lopes (1984), por serem muito ligados ao catolicismo, os pescadores resolveram celebrar a festa da Mãe D'Água no dia 02 de fevereiro, data importante para a igreja católica em louvor a Nossa Senhora de Candeias. Pela manhã eles celebravam

uma missa para a Padroeira dos pescadores e do bairro do Rio Vermelho Nossa Senhora Santana. Assim agradavam à Santa católica e a tarde levavam o presente de Yemanjá que é a rainha dos mares e protetora dos que vivem em cima d'água. Nos anos seguintes, seguia-se a celebração da missa pela manhã e a tarde o presente de Yemanjá, até que na década de trinta o padre da igreja de Santana, não quis realizar a missa, mas, voltou atrás diante de muitos pedidos. Porém, na hora da celebração da missa e com a igreja cheia de fiéis, pescadores e suas famílias, o padre fez um sermão dizendo que era ignorância deles festejar uma mulher com rabo de peixe. Revoltados e ofendidos, os pescadores saíram da igreja e decidiram não mais celebrar a missa, colocar apenas o presente à tarde para Yemanjá.

Lopes (1984), também relata outro importante fato que marcou a história do presente de Yemanjá. Os pescadores estavam encontrando algumas dificuldades e imprevistos na ocasião do presente, então um deles que era adepto do candomblé, disse que o presente não estava em ordem, e que essa era uma obrigação feita na África, e que Yemanjá ficaria satisfeita se fossem seguidos os preceitos do candomblé e apesar deles se considerarem católicos, deveriam respeitar a crença dos africanos. O conselho foi seguido e como no Rio Vermelho não tinha casa de candomblé, foram procurar outros bairros. O candomblé escolhido, então, foi o de Julia Bugar, que ficava na Língua de Vaca, perto do Gantois. A mãe de santo então explicou como fazer a oferenda, e a mesma foi iniciada na noite do dia 01 de fevereiro, e levada na cabeça durante a madrugada por um homem, que a deixou na casinha dos pescadores, e é dessa forma que o presente é feito até hoje.

Aos 83 anos, o pescador Eustáquio Bernardino de Sena, um dos fundadores da festa, deu um importante depoimento ao jornal Tribuna da Bahia, em 1970.

A festa foi feita pela primeira vez em 1924, por 29 pescadores, dos quais apenas quatro ainda estão vivos: Eu, Pedro Moita, José Moita e Sibien Moita". Em 1924, o dia 2 de fevereiro caiu num sábado. A festa foi aberta com uma missa na Igreja de Senhora Santana, a santa da devoção dos pescadores do Rio Vermelho. Na época a pescaria estava muito fraca, e alguns compradores começaram a perguntar a eles por que não davam presentes a Mãe D'Água, os pescadores Basílio Cocal, Olavo, Ananias e Clemente Tanajura que acreditavam em bruxaria, resolveram se juntar a eles na oferenda. Eustáquio contou também que, logo após a missa, um grupo partiu da praia de Santana com um saveiro para levar o presente da Mãe d'Água:

Sáímos às dez horas e as onze estávamos de volta. (TRIBUNA DA BAHIA ON LINE, 01/02/2010)¹⁴.

Procurei saber dos pescadores sobre a história do início da festa, alguns nomes apareceram em várias entrevistas, mas sempre mudavam alguns detalhes ou até mesmo toda a história. Inicialmente muitos entrevistados, não quiseram falar muito sobre a festa, e se tornavam arredios quando a pergunta se tratava de Yemanjá. Aos poucos, conversando sobre outras histórias, eles foram se abrindo e falando da crença no Orixá, que muitos denominaram a “moça”, a “véia”, a “dona”.

Figura 12



Festa de Yemanjá no dia 2 de fevereiro de 1930. No alto a partir da esquerda o quartel do Forte do Rio vermelho e a pequenina casa do peso.
Fonte: <http://www.acirv.org>

Seu Portela, 88 anos, o mais velho pescador filiado à Colônia Z-1, no início não se mostrou muito receptivo à entrevista, mas ao me aproximar foi solícito e apesar de deixar claro que não falaria me apresentou a outros pescadores. Durante a entrevista de seu Fernando, pescador, 58 anos, seu Portela ficou a vontade e várias vezes se aproximou e deu importantes relatos para essa pesquisa.

Segundo seu Portela, em seu breve relato sobre o início da festa, cinco pescadores levaram o presente numa caixinha de charuto, depois disso começou a dar peixes no Rio Vermelho, No ano seguinte, começou a aparecer mais gente. O barco chamado Rio Vermelho, pertencente a seu Portela, há 32 leva o presente de Yemanjá, Segundo ele, tudo que ele faz dá certo, gastou esse ano R\$ 2.500,00 na pintura do barco

¹⁴ <http://www.tribunadabahia.com.br/news.php?idAtual=38203>, Publicada:01/02/2010 01:34|
Atualizada: 01/02/2010 01:29

e depois conseguiu o dinheiro de volta, pois, depois que ele coloca o presente fica com sorte.

Uma das versões mais detalhadas que tive foi de seu Valdimiro Soares 70 anos conhecido como Vavá, ele contou que quem iniciou a festa foi um senhor chamado Ioiô, ele começou com um pequeno balaio e uma jangada, alguns colegas ajudaram colocando espelho e pente, e daí o presente foi crescendo. Segundo ele, esse senhor morreu no mar, as águas levaram o corpo e esse não foi achado, só acharam a jangada pura. Segundo ele Yemanjá levou esse senhor, não só ele, mas o pescador Amorzinho que também ajudou a fazer o presente, os dois caíram dentro d'água e só foram achadas as jangadas. Amorzinho eles ainda viram cair, foram no mar, mas não acharam o corpo, voltaram para a terra chamaram a policia, depois avisaram aos filhos que foram buscar a jangada. “Se não achou o corpo Yemanjá levou, alguma coisa acontece, se a pessoa morre e o corpo não aparece em lugar nenhum, algum sumiço deu por lá”. (Pescador Vavá)

Dentre as festas religiosas relacionadas aos pescadores de Salvador, a festa de Yemanjá é a única que não possui sincretismo religioso com o catolicismo, sendo o candomblé e a Umbanda, as principais religiões presentes na festa. Diversas barracas são montadas na areia com filhos e filhas de santo, que prestam oferendas à rainha do mar, sendo que alguns ministram passes com pipocas e folhas nos fiéis. Para compreender melhor o significado de Yemanjá no candomblé e na Umbanda, realizei uma entrevista com o Humbono¹⁵ José Luiz Moreno Neto do Terreiro Ile Axe Obá Koso Lokè Omi, situado no município de Simões Filho. Embora as representações afrobrasileiras possuam significados e entendimentos variados de acordo com as interpretações dadas pelos diversos terreiros e pelas diversas nações de candomblé existentes na Bahia e no Brasil, achei importante trazer esse depoimento para compreender a representação religiosa do presente e do Orixá Yemanjá. Também realizei uma análise bibliográfica sobre o Orixá Yemanjá no candomblé e na Umbanda.

No início da entrevista o Humbono enfatizou a necessidade de pedir licença à Exú¹⁶, aos Orixás e aos próprios antepassados, para falar sobre os Vodun¹⁷, afim de que

¹⁵ Equivalente a BabalOrixá na nação Jeje.

¹⁶ Exú é a figura mais importante da cultura iorubá. Sem ele o mundo não faria sentido, pois só através de Exú é que se chega aos demais Orixás e ao Deus Supremo Olodumaré. Exú fala todas as línguas e permite a comunicação entre o orum (mundo espiritual) e o aiyè (mundo dos homens).

os mesmos permitissem falar aquilo que tem que ser entendido e compreendido, pois, segundo o mesmo, muitas coisas são awo¹⁸, o que foi dito não só representou as vivências e experiências como sacerdote, mas, aquilo que foi transmitido pelos antepassados e antecessores, e contado como história e como exemplo.

Há vários itan que contam a questão de se depositar oferendas diversas aos rios, em troca principalmente de fertilidade e prosperidade. Em cada rio, e que no caso do Brasil ganhou mais relevância o mar por conta das transformações que a religião teve no país, todas as Yabás¹⁹ recebem oferendas, e diferente de outras religiões como o catolicismo em que existe uma promessa, e que uma vez cumprida recebida a dádiva, é paga com aquilo que se prometeu, no caso do candomblé não. Primeiro se oferece, para depois receber a dádiva, o atendimento do pedido. Para que esse pedido seja atendido, embora seja pedido às mães, as Yabás, esse pedido é atendido por intermédio de Exú, é ele que leva os pedidos para que sejam ouvidos pelas Yabás, no caso do presente de Yemanjá, pela mãe, Yemanjá que é a própria mãe de Exú. (Humbono José Luis Moreno Neto).

Itan (nome singular e plural) é o termo em iorubá para o conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros componentes culturais dos iorubás. Os iorubás aceitam o Itan como fato histórico, confiam no itan como sendo a verdade absoluta na resolução de disputas. Os itan são passados oralmente de geração a geração. Os Itan servem como espécies de histórias morais, onde são passados ensinamentos de como agir, como se comportar frente a situações e principalmente do respeito aos princípios religiosos.

Conta o Itan de Oxum que um rei africano da terra de oxum, no rio que do mesmo nome, prometeu à Yabá que se ele vencesse a guerra ele ofereceria a ela jóias e pérolas. Passado o período de guerra e com sua vitória conquistada, o rei foi aclamado pelo povo por ter conseguido vencer um momento que punha em risco a nação. O rei então volta ao Rio Oxum e deposita nas águas as coisas mais preciosas que possuía no reino, as melhores jóias. Só que uma das oferendas prometidas pelo rei à Oxum, foi pérola e esse era o nome da mulher que o rei havia desposado. O Orixá então lhe cobra que Pérola seja oferecida ao rio, e não houve nada que fizesse com que Oxum voltasse atrás.

¹⁷ Vodun- Encantados que representam as forças da natureza, o mesmo que Orixá, porém na nação Jeje.

¹⁸ Sigilo, que é uma das formas de se preservação dos ritos e que também só podem ser passados para aqueles que são iniciados no candomblé.

¹⁹ Yabas- Mulheres ancestrais e mães ancestrais, que muitas delas se tornaram divindades conhecidas como Orixás.

Uma das principais lições desse Itan segundo o humbono, é que se tem que ter muito cuidado com aquilo que a gente pede, ou ao que for oferecido para o Orixá. Aquilo que é dito ou falado, tem força e muitas vezes é cobrado, tem que haver temperança e cuidado quando se trata com o Orixá, por que, nesse sentido eles podem cobrar o que realmente se ofereceu.

Em relação a se ofertar, se ofertava muito a Olokum, que é o Orixá das águas salgadas, que dependendo da religião é visto como homem ou como mulher, aqui no Brasil o sincretismo de Yemanjá ficou em relação ao mar, mas a própria saudação à Yemanjá Odoyá, significa salve a mãe do rio. No Brasil Yemanjá, que nasce no Rio Ogun na África, ganha a força e a proporção do mar. Os rios e as águas em geral são ligados às Yabás, seja ela que Yabá for, tem maior peso Oxum e Yemanjá, mas existe Nanã que é a Orixá dos pântanos, das águas salobras, misturadas; Euá o Orixá dos lagos, das lagoas, da água parada. Mas toda e qualquer Yabá pode ser reverenciada em relação à água, o próprio Oxalá que é o senhor da purificação, que nos dar o ar, que nos dá a respiração, que é o criador de todos os seres humanos, que dá equilíbrio e paz a todos, ele também pode ser reverenciado nas águas. (Humbono José Luis MorenoNeto).

Uma das coisas que se pede a Yemanjá é a fartura, ela é a grande senhora das águas, a ela pede-se que dê seus filhos que são os peixes. As músicas de Yemanjá, no candomblé, falam o tempo todo da água, o Orixá e a água se confundem. Num dos pontos cantados para Yemanjá fica bem claro a referência à pesca:

*Ê nijé nilé lodô
Yemanjá ô
Acota pé lê dê
Iyá orô miô*

Significa, “quem é a grande senhora das águas, é a ela que nós pedimos os seus filhos que são os peixes”, a todo o momento as músicas de Yemanjá falam da água. É a Yemanjá e a Oxum que se perde a fartura em relação à pesca.

Os preparativos do presente do dia 02 de fevereiro começam, quase um ano antes. A Colônia se organiza, entra em contato com as entidades e órgãos para solicitar apoio, e para definir a organização do evento. Um dos principais momentos dessa organização é a escolha do Terreiro de candomblé que realizará a festa. O presente é trazido à Casa dos pescadores na manhã do dia 02, porém para que isso aconteça, muitos preceitos são anteriormente realizados, principalmente o agrado a Exú.

Sem Exú nada se concretiza ou nada se faz no candomblé, o presente religioso não é apenas um ato ou uma devoção, existe todo uma parte que é velada, que é guardada, que é sigilo e que não fica aos olhos de todos. É muito importante se agradar a Exú antes de um presente, principalmente num momento em que se reúne uma multidão, onde existem pessoas das mais distintas energias, dos mais distintos caráter, dos mais distintos caminhos e destinos, e que não estão presentes na festa só por devoção. Muitos dos que participam da Festa, estão pelo lado profano, pela bebida, nesse momento Exú pode trazer a desordem, uma vez que ele não foi agradado, não foi zelado. Uma das principais coisas que se deve acontecer antes do presente, é agradar a Exú, e existem diversas formas de se agradar a ele, que não necessariamente tem que ser uma oferta da dimensão da que foi oferecida à principal divindade homenageada. (Humbono José Luis Moreno Neto)

Para se oferecer presente aos Orixás, são necessários alguns preceitos, que se forem quebrados se denomina quebra de axé. Àqueles que participam diretamente da elaboração da oferenda, passam por procedimentos de purificação, como banho de folhas sagradas, ficar por algum tempo na roça de candomblé recebendo axé, fazer obrigações para os Orixás, fazer resguardo sexual, não comer determinados tipos de alimentos, não usar determinado tipo de roupa, não ingerir bebida alcoólica, ou seja, precisam na linguagem do candomblé estar de corpo limpo.

Para o candomblé não seguir esses preceitos significa a perda do encanto e da força do que se faz, por que o Orixá para o candomblé é o encantado, é um elemento da natureza, não existe Yemanjá separada da própria água, não se pode oferecer presente às Yabás e ao mesmo tempo estar contrariando elas, por que elas são forças da natureza, então o presente também deve ser uma forma de agradar à natureza, para que seja devolvido em forma de energia.

O presente de Yemanjá no Brasil está envolto de um grande sincretismo em relação ao Orixá, relacionando-a com a sereia, com a Iara, com Janaina, aos olhos do não iniciado no candomblé, ou do leigo, muitas vezes todas as divindades relacionadas ao Orixá Yemanjá se torna uma coisa só. A principal imagem de Yemanjá difundida no Brasil é de uma mulher branca vestida de azul, que é totalmente distinta do que se tem enquanto imagem africana do Orixá.

A figura da grande mãe volumosa e de seios fartos que amamenta seus filhos com generosidade, se mesclou com as diversas imagens de Nossa Senhora e fez surgir uma figura cuja aparência assume padrões estéticos europeus - uma mulher alva, de formas esguias, cabelos lisos e longos.

Em candomblés de diversas nações na Bahia é normal a existência de pinturas nas paredes, quadros e estatuetas com imagem do Yemanjá oriunda do sincretismo. A maior parte dos pescadores do Rio Vermelho associou essa imagem ao Orixá.

Figura 13



Imagem de Yemanjá na versão africana, leva na mão o abebé, que é um leque de metal em forma circular.
Fonte: caixadepandora.blogspot.com

Figura 14



Imagem da Yemanjá branca
Fonte: caixadepandoran.blogspot.com

A maior parte dos terreiros de candomblé de Salvador prefere oferecer seus presentes às Yabás Yemanjá e Oxum, separado do dia 2 de fevereiro no Rio Vermelho. Segundo o humbono José Luis Moreno Neto, isso se dá principalmente pelo ambiente festivo, envolto de bebidas alcoólicas e energias diversas, e porque a celebração religiosa não tem uma identidade total com o candomblé. O momento do dois de fevereiro é um momento ecumênico.

O presente de Yemanjá e Oxum do Rio Vermelho acolheu a todos, desde àqueles que são do candomblé ou da umbanda, àqueles que não conhecem a religiosidade presente no Orixá, mas, que buscam a ajuda da divindade e lhes ofertam presentes em troca de alguma dádiva.

Figura 15



Homenagens a Yemanjá no dia 02 de fevereiro
Fonte: Arquivo da autora

Embora seja uma festa realizada em grande parte pelos terreiros de candomblé e umbanda, muitos que não fazem parte do povo de santo, rendem suas homenagens à Yemanjá, como esse grupo de amigas que levaram suas oferendas e dançam para o Orixá. A festa tem espaço para todos, desde àqueles que possuem compromisso com o Orixá, àqueles que buscam integrar-se ao espetáculo.

Os presentes oferecidos às Yabás geralmente tem significados próprios da cultura, mais ampla, difundidas pela mídia, pelo imaginário popular. Geralmente são oferecidas coisas que agradam à mulher, como pulseiras, brincos, colares, pentes,

maquiagem, mas para o candomblé, os presentes que realmente agradam o Orixá têm outros significados relacionados ao axé, porém mesmo as pessoas de candomblé também colocam objetos como, por exemplo, pulseiras que é visto como algo que agrada muito Yemanjá e Oxum.

Figura 16



Descrição: Um dos balaios principais com oferendas como escova, prendedores de cabelo, colares, gloss, sabonete e outros adereços do universo feminino.

Fonte: Arquivo da autora

O presente não pode ser feito por qualquer um, pois os Orixás têm certos nuances, os kekê²⁰, e tudo que é usado no axé, é devolvido à natureza. Existem certas prerrogativas para se cuidar dos Orixás e vodun, essas prerrogativas são oriundas de uma tradição e muitas vezes são ditas por indicações do (jogo de búzios) onde o Orixá fala o que vai querer no presente, a própria Yemanjá, ou Oxum ou outros Orixás é que dizem o que deve e o que não deve ser colocado.

Para os membros dos cultos afro-brasileiros existem diversos sinais que indicam a aceitação ou não do presente pelo Orixá, a depender da leitura desses sinais, ou da consulta ao jogo de búzios pelo sacerdote pode-se saber se a Yabá foi agradada com as oferendas. A aceitação pode ser reconhecida pela própria incorporação do Orixá, se o

²⁰ Kekê- mimos, coisas que agradam os Orixás.

presente demorou ou não de afundar, e ainda há a crença de que não existiu a aceitação se ele retornou à praia.

No caso da Festa de Yemanjá do Rio Vermelho, a grande expectativa, é que o presente principal afunde o mais depressa possível. Amado (1956), em seu romance *Bahia de Todos os Santos* faz referência a aceitação do presente, ele conta que se Iemanjá aceitar a oferta dos filhos marinheiros é que o ano será bom para as pescarias, o mar será bonançoso e os ventos ajudarão aos saveiros; se ela o recusar, as tempestades se soltarão, os ventos romperão as velas dos barcos, o mar será inimigo dos homens e os cadáveres dos afogados boiarão em busca da terra de Aiocá.

Segundo Vallado (2002), embora o culto a Yemanjá, tenha se propagado á vários povos iorubanos, na África é uma divindade local, no Brasil sua regência sobre o rio Ogun foi transferida para o mar e muitas de suas atribuições sofreram mudanças, adaptando-se à novas realidades sócio culturais. Yemanjá foi primordialmente cultuada pelos ebás (ègbá), povos pertencentes a uma região situada entre as cidades de Ifé e Ibadan na Nigéria. Após o século XIX, ocorreu a expansão dos ebás, através das guerras entre etnias e conseqüentemente a disseminação de sua cultura, o culto a Yemanjá foi levado para Abeocutá e demais povoações ao longo do rio Ogun, sendo Yemanjá a ele associado.

Ainda segundo Vallado, o culto original a Yemanjá se associa ao plantio e colheita de inhames e coletas de peixes, de onde se origina seu nome Yemonja (Yeye Omo Eja) mãe-dos-filhos-peixes, divindade regente da pesca. Mesmo com a transferência de Yemanjá do rio Ogun para o mar no Brasil, no candomblé o Orixá continua sendo saudado com a expressão originalmente africana Odoiyá, que significa mãe do rio.

Um aspecto importante do culto à Yemanjá no Brasil é a relação entre o Orixá e a figura da rainha do mar, sendo essa geralmente representada através da figura da sereia. Essa associação exerce grande relação com os pescadores.

Este aspecto marítimo desenvolveu-se associando Iemanjá, à figura da Sereia, não só a européia, mas também a africana, conforme descrito por Zora Seljan que, citando Luis de Câmara Cascudo, conta nos a cerca dessa figura da Mitologia angolana. São três sereias conhecidas em Angola, a primeira é chamada Quianda uma sereia marítima que vive nos arredores de Luanda e por toda orla do Atlântico angolano. A segunda é Quitula, que mora nos rios e Lagoas, montes e matas, uma espécie de Iemanjá terrestre. A terceira é Quixibin que vive em Ambaca e

pode ser masculina ou feminina, vivendo nos rios e Lagoas da região. (SELJAN apud VALLADO, 2002:21-22).

Embora a festa seja para Yemanjá, várias entidades relacionadas ao mar no candomblé e na umbanda, também se fazem presentes na festa, como marujos, caboclos, ciganas. Essas entidades são muito diferentes dos Orixás, alguns bebem e fumam, criando uma mistura de elementos e tradições.

Figura 17



Roda de candomblé, com o caboclo boiadeiro²¹
incorporado em um dos filhos de santo.

Fonte: Arquivo da autora

No Rio Vermelho, a Colônia de pescadores oferece á Yemanjá o presente principal, que é ofertado juntamente com o balaio principal ao Orixá. O que faz desse presente o “principal”, é justamente ser oferecido pelos pescadores que são os organizadores da festa, porém, existem vários outros balaios que são oferecidos ao mar na festa de Yemanjá, e para cada terreiro que participa da festa, o seu presente é o principal.

²¹ O Caboclo Boiadeiro é alegre, destemido, valente, brincalhão. É um egun, ou seja, um espírito dos mortos que servem de intermediação com o além. Teriam vivido no sertão na lida com o gado e usa chapéu característico de couro.

A umbanda também está presente na Festa do Rio Vermelho, porém a forma que o Orixá Yemanjá adquiriu nessa religião tem influências de várias vertentes inclusive no cristianismo. As duas principais fontes que influenciaram o surgimento da Umbanda foram o candomblé e o catolicismo, além dessas duas matrizes houve também a influência da religiosidade indígena, do Kardecismo, além da presença de cultos esotéricos e orientais. Segundo Barros (2006), vários elementos principalmente católicos foram incorporados aos Orixás africanos, a imagem de Yemanjá, ganhou na Umbanda características bem próximas a da virgem Maria, branca, com cabelos compridos e vestes azuis, não só teve sua imagem diferenciada do Orixá original africano, como possui características bem diferentes no que diz respeito aos caracteres pertencentes ao culto do candomblé.

Figura 18



Terreiro de Umbanda de Pai Menininho de Feira de Santana,
Tendo ao fundo a imagem da virgem Maria, do Jesus Cristo e de Yemanjá.
Fonte: Arquivo da autora

A presença de Exú, o mensageiro, que faz a ligação entre o mundo dos Orixás e o dos homens, é vista pelo catolicismo como a representação do mau e da escuridão, portanto Exú precisa ser afastado, ou doutrinado. Segundo Ortiz a Umbanda reinterpreta a religiosidade afro brasileira a partir do bem e do mau, do que é certo e do que é errado segundo a sociedade Ocidental, “podemos afirmar que os Orixás da Umbanda são entidades brancas, enquanto Exú é a única divindade que conserva traços de seu passado negro- sugestivamente ele se associa ao reino das trevas”. (ORTIZ, 1999:133).

Segundo Ortiz (1999), a intermediação entre o mundo dos homens e dos Orixás que no candomblé se dá através de Exú, não está presente na umbanda, a figura de Yemanjá herdou do candomblé o mito de grande mãe, senhora das origens. Na Umbanda Yemanjá possui a dualidade de Orixá sereia e de virgem branca, às vezes a divindade assume a forma de sereia, às vezes de moça branca e sensual, ao contrário do candomblé onde o culto a Yemanjá não assume a proporção hierárquica de outros Orixás como Oxalá e Ogum, na Umbanda Yemanjá comanda ao lado de Oxalá enquanto Orixá maior. O contraponto à figura de Yemanjá na Umbanda é a pomba gira. Além das imagens produzidas a partir das representações do Candomblé e da Umbanda, a figura de Yemanjá no Brasil, ganhou elementos híbridos de outras culturas, como as sereias de mitos europeus, trazidas pelos portugueses e as Iaras, Mães D'águas e outras figuras ameríndias.

A Iemanjá criada no Brasil, que viajou para o sul e para o norte, é outra, embora conserve o título de “Rainha do mar”. Às vezes é sereia, outras ninfa e recentemente até virgem, identificando-se mais com a virgem Maria, a tal ponto que suas devotas no Rio ficam ofendidas lendo casos da Iemanjá africana, de grande força sexual, e também as passagens contadas pelos pescadores da Bahia, da sereia linda que atrai os jovens na flor da idade para dormir com eles no palácio na Beira do Mar.(SELJAN apud BARROS, 2006:34)

Figura 19



Escultura de Yemanjá do artista plástico Tati Moreno, localizada no Largo da Mariquita(Rio vermelho). Inaugurada em 1991.

Fonte: Arquivo da autora

O culto à Yemanjá adquiriu no Brasil uma proporção de culto superior, aos demais Orixás do candomblé, muitas pessoas procuram as praias no primeiro dia do ano para oferecer presentes, flores a Orixá, independente de serem ou não integrantes das religiões afro-descendentes. O escritor Jorge Amado, tem um papel fundamental na popularização do Orixá entre os brasileiros, em obras imortalizadas como Mar Morto, ele se refere ao Orixá como Iemanjá dos cinco nomes.

Iemanjá, que é dona do cais, dos saveiros, da vida deles todos, tem cinco nomes, cinco nomes doces que todo mundo sabe. Ela se chama Iemanjá, sempre foi chamada assim e esse é seu verdadeiro nome, de dona das águas, de senhora dos Oceanos. No entanto os canoieiros amam chamá-la de Dona Janaína, e os pretos, que são seus filhos mais diletos, que dançam para ela e mais que todos a temem, a chamam de Inaê, com devoção, ou fazem suas suplicas à princesa de Aiocá, rainha dessas terras misteriosas que se escondem na linha azul que as separa das outras terras. Porém as mulheres do cais, que são simples e valentes com Rosa Palmeirão, as mulheres da vida, as mulheres casadas, as moças que esperam os noivos, a tratam de Dona Maria. (AMADO, 1992:67)

Segundo o humbono José Luis Moreno Neto, embora tenha ampla popularidade no Brasil, principalmente por conta da sua relação com o mar, dentro do candomblé, Yemanjá apesar de ter uma ampla importância, e de ser um Orixá divino, não tem uma significação maior que outros Orixás como Ogum e Oxalá.

Figura 20



Yalorixá e Ogãs esperando para levar a oferenda ao mar.
Fonte: Arquivo da autora

A pesquisa sobre o Orixá e a entrevista com o Humbono me deu um olhar diferenciado sobre a festa de Yemanjá, embora até então já estivesse participado de diversas cerimônias religiosas no candomblé, ainda me considerava e me considero leiga, em relação a grande parte do que acontece. Portanto parti do princípio de que não poderia compreender a festa do dia 02 de Fevereiro, toda sua complexidade e a relação entre os atores envolvidos, sem esclarecer esses pontos.

No dia da festa de Yemanjá é construído um barracão ao lado da casa de Yemanjá, esse barracão tenta reproduzir a imagem dos barracões existentes nos terreiros de candomblé, geralmente é feito com três divisões, numa parte fica a Yalorixá²² do terreiro escolhido para confeccionar o presente dos pescadores, ela chega geralmente de quatro às cinco horas da manhã, juntamente com seus filhos e filhas de santo, trazendo o balaio principal.

Quando o balaio principal chega, os Ogã²³ do terreiro jogam milho branco sobre a mesa em que será colocado o balaio, ritual que serve para abrir o caminho à chegada do balaio principal. A Yalorixá e suas Filhas de Santo colocam o balaio principal sobre a mesa, esse mesmo terreiro, já entregou na noite anterior o presente de Oxum, no Dique do Tororó. A outra parte do barracão é reservada aos fiéis, uma espécie de corredor, onde as pessoas passam para ver os presentes e colocar suas oferendas nos balaio principais, à medida que os balaio vão enchendo, são entregues à comissão organizadora a Colônia de Pescadores que colocam os balaio num palco em frente ao mar. O fundo do barracão é ocupado pelos Ogã do terreiro e pelos Filhos de Santo responsáveis pelos cânticos dos Orixás e pelos batuques.

A Yalorixá Valdelice Maria dos Santos, mais conhecida como Aice do Terreiro de Candomblé Odé Mirin, faz o presente a mais de 15 anos, ela é responsável pelo jogo de búzios que irá determinar os preceitos que serão colocados no presente principal e por comandar a cerimônia.

²² YalOrixá ou Iyá (mãe) ou ainda YalaOrixá é uma sacerdotisa e chefe de um terreiro de Candomblé.

²³ Ogã- Homem cuja principal função é manter o terreiro em ordem, fazendo pequenos concertos, a pintura, auxiliando nas despesas, fazendo serviços que exige força física e pelar os animais de quatro pés sacrificados, há vários Ogãs com diferentes funções num terreiro.

Figura 21



Fundo do barracão, onde os Ogã e demais filhos de Santo tocam os pontos, ou seja, a música para os Orixás.

Fonte: Arquivo da autora

Figura 22



Local do Barracão onde fica a mãe de Santo, as Ekedes e os balaios principais.

Fonte: Arquivo da autora

Após a chegada do balaio principal, a Yalorixá inicia o ritual invocando o Orixá, que se manifesta através de uma das filhas de santo, dançando para todos e abençoando a festa. Após a chegada do Orixá Yemanjá, os fiéis que esperam a chegada do presente desde as quatro da manhã, sem se retirar do local, entregam seus presentes e flores à

Yalorixá, que vai colocando no balaio principal ou entregando para as Ekedes²⁴, para que sejam separados os presentes mais belos, que então serão colocados no dentro do andor do presente principal. O presente principal chega geralmente às cinco e trinta da manhã, tanto o balaio como o presente principal são recebidos por uma alvorada de fogos de artifício.

O presente principal tem que ser confeccionado e colocado no andor seguindo os preceitos do candomblé, os membros da comissão da festa responsáveis pela confecção do presente tem que seguir as orientações da Yalorixá, como fazer uma limpeza de corpo, não beber e nem manter relações sexuais.

Muitas famílias de pescadores aproveitam o festejo do dia 02 de fevereiro para vender bebidas e alimentos.

Figura 23



Boxes de venda de peixes da casa dos pescadores
Fonte: Arquivo da autora

Os pescadores participam ativamente das atividades da festa, através da organização do evento. Além disso, conseguem um bom retorno financeiro levando os fiéis na embarcação para depositar suas oferendas ao mar.

²⁴ Ekede- Mulher que tem como função: auxiliar o Orixá, dançar com ele, vesti-lo, enxugar seu suor durante a dança (por isso que trazem sempre uma toalha no ombro), etc. Geralmente é escolhida pelo próprio Orixá.

Figura 24



Descrição: Imagem da Festa do dia 02/02/2011

Fonte: Arquivo da autora

Neste ano de 2011, uma grande preocupação da Organização da festa foi com a poluição do mar, fazendo uma campanha de retirada dos plásticos que envolvem as flores, e principalmente dos vidros de perfume, membros da comissão organizadora da Colônia z-1, atuaram permanentemente nesse intuito.

Figura 25



Descrição: Pescador- membro da comissão organizadora da festa retirando os frascos de alfazema.

Fonte: Arquivo da autora

A casa de Yemanjá também é muito freqüentada por fiéis e turistas que participam da festa, muitos se aglomeram desde cedo para deixar oferendas próximo às

imagens que ficam no interior da casa, sendo essa parte da festa também organizada pelos pescadores.

Todos os pescadores que entrevistei participam ativamente da festa de Yemanjá, mesmo os que afirmaram não acreditar, no culto ao Orixá e a outras entidades ligadas ao mar como marujo, participam da festa, apenas um dos entrevistados se mostrou totalmente incrédulo.

No ano de 2009, o então presidente da colônia resolveu criar uma Associação independente da colônia de pesca para organizar a festa de Yemanjá, este episódio causou grande revolta por parte dos pescadores, que fizeram um ato público e um movimento para retirar o presidente. Os antigos presidentes da colônia então se reuniram e destituíram o presidente nas vésperas do festejo do dia 2 de fevereiro, mantendo a festa com os pescadores.

Figura 26



Pescadores organizando a entrada fila de fiéis
Fonte: Arquivo da autora

Figura 27



Oferendas depositadas na casa de Yemanjá
Fonte: Arquivo da autora

O pescador Vavá não aparece na sede da Colônia Z-1 no dia da festa de Yemanjá, pois tem responsabilidade com o presente dos Filhos de Gandhi. Para ele os fundamentos são importantes e não basta chegar ao local e arriar o presente, deve segurar o balaio e esperar ele virar. “O negócio lá é sério, tem que segurar o presente, apumar e deixar que ele afunde por si, todo mundo que vai jogar uma oferenda é com um pedido e com a fé, as pessoas trazem com confiança na gente, então a gente tem que saber como fazer”.(Pescador Vavá).

O respeito ao presente, à crença de quem está oferecendo foi relatada em todas as entrevistas realizadas, todos conheciam os histórias de pessoas que eles acreditavam terem sido castigadas por não respeitar e tentar se apropriar do que foi lançado ao mar. O pescador Vavá relatou um caso de uma pessoa “de fora” que chegou a praia do Rio Vermelho no dia da festa de Yemanjá com um relógio todo de ouro, ela explicou que era o presente da vida dela e que ha muito estava pra oferecê-lo à Yemanjá, um dos pescadores da área viu e se interessou em levar esse balaio tendo, segundo o mesmo, a intenção de se apropriar do relógio. O mesmo colocou a oferenda trazida pela pessoa no barco e foi sozinho levá-la ao mar, a embarcação só percorreu poucos metros e virou com o balaio e os documentos dele, o relógio que não foi encontrado e precisou que os pescadores da área chamassem um reboque para socorrê-lo. Segundo o pescador Vavá, ele não levou fé no que a mulher chegou pra fazer, ele queria ficar como relógio. Nesse mesmo ano morreram duas pessoas afogadas, quando o barco em que estavam virou saindo da enseada. Segundo ele esse ano o fundamento do balaio foi feito com fundamentos errados, “tinha até cabeça de bode no balaio, se ele visse que tinha a matança, nem haveria o presente, (Pescador Vavá)

Esse episódio do afogamento foi relatado pelo pescador Pantaleão, na época ele era presidente da Colônia, foi feita uma reunião pela comissão da festa de Yemanjá para escolher o candomblé que faria o presente, o que segundo o mesmo acontece todo ano. Nesta reunião, houve certo tumulto, os pescadores não queriam a mesma Yalorixá do ano anterior, pois segundo os mesmos esta tinha realizado o preceito errado, colocando matança no meio, o que fez com que houvesse um acidente no dia da festa, e uma pessoa morresse. Os mesmos então escolheram um novo terreiro, freqüentado por um dos membros da comissão.

O presente da Colônia Z-1 tem um lugar certo para ser colocado, que é de conhecimento dos pescadores, existem três canais pra deixar o presente, quando o cortejo sai tarde é depositado em um dos dois canais mais próximos, no terceiro canal a distância é triplicada e geralmente, só colocam o presente nesse ultimo local quando o cortejo marítimo sai cedo. Os presentes levados por fiéis são deixados pelos pescadores num local próximo à praia, porém, com profundidade suficiente para que eles afundem. Mas os presentes que possuem fundamentos religiosos devem ser colocados no local certo.

Para o pescador Antônio Alves, 53 anos, Yemanjá é meio mulher meio peixe e muitos já a viram, pois, segundo ele para vê-la basta ter olhos. Para ele o que mais atrai

quando vêem “a moça”, como ele a chama, é o seu canto. Ele conta que já houve no local o caso de um pescador que foi pegar os presentes deixados para Yemanjá, depois que ele retornou à praia houve uma grande chuva e todos os barcos ficaram a salvo, à exceção do dele, depois desse episódio o mesmo ficou cego.

3.1- O presente de Yemanjá na mídia impressa e na internet.

Para Ramos (2009), a fotografia tem papel fundamental no jornalismo impresso, as imagens não apenas ilustram, mas, fornecem veracidade ao acontecimento. Geralmente as imagens dos jornais são registradas pelo repórter fotográfico, que nem sempre estão acompanhados pelos repórteres de texto, ambos seguem uma pauta sobre o que relatar e nem sempre estão juntos no local dos acontecimentos. Portanto, embora texto e imagem sejam complementares no jornalismo, nem sempre àquele que registrou a imagem tem a mesma percepção do fato que aquele que produz o texto.

Nos últimos anos a internet vem ocupando um espaço fundamental nas pesquisas acadêmicas, e é possível encontrar nas páginas da internet, livros, artigos, revistas e publicações diversas, além de registros de acontecimentos importantes que antes estavam restritos aos arquivos.

Pesquisei algumas reportagens do principal jornal de circulação da cidade de Salvador “A Tarde”, do dia 03 de fevereiro. O meu objetivo foi compreender qual o principal enfoque dado à festa pelo, quais as principais imagens mostradas, como o Orixá Yemanjá é descrito, e as relações entre as imagens e os textos.

O grande destaque para a festividade é sem dúvida o presente principal, na maioria dos sites e capas de jornais, ele estava estampado. O segredo em torno do presente, do que será ofertado aos Orixás, faz à notícia ainda mais atrativa, todos descrevem o que Yemanjá ganhou e se o presente foi aceito, ato que se dá quando o presente afunda, se o presente não afundar significa que Yemanjá não aceitou e que o ano não será de fartura na pesca. O que faz o presente ser chamado de presente “principal” é o fato de ser oferecido pelos pescadores.

As imagens de Yemanjá sempre predominam no presente principal, neste ano de 2000, foi oferecido uma concha, com uma imagem do Orixá em forma de Sereia.

Figura 28



A tarde- 03/02/2000- presente principal sendo depositado ao mar.

O presente de 2004 ganhou destaque pela imagem da Yemanjá branca, vestida de azul, escrito “A imagem e semelhança de Iemanjá”. A reportagem começa com a Yalorixá Aice, mãe de Santo que cuida a anos do presente de Yemanjá. O repórter enfatiza que todos que foram ao barracão levar suas oferendas se encantaram com a beleza da imagem.

Figura 29



A tarde- 03/02/2004- Procissão para levar o presente principal ao mar.

Figura 30



A tarde-03/03/2004- Presente principal é colocado nas águas do mar do Rio Vermelho.

Em 2005 foi oferecida uma imagem de Yemanjá, de 1,60m de altura, moldada pelas mãos de um pescador, Zé Coió e como há trinta e seis anos colocada no barco Rio Vermelho. Ao lado, três pescadores, quatro membros do terreiro Odé Mirim e dois da Capitania dos Portos percorreram o trajeto de três milhas náuticas e junto com os demais que seguiram o cortejo lançaram a oferenda no mar.

Figura 31



Presente oferecido em de 2005
Fonte: <http://www.flickr.com>

Figura 32



Presente de 2005
Fonte: <http://www.flickr.com>

No ano de 2007, um cavalo marinho foi oferecido como presente principal. É comum que imagens deste animal aquático sejam oferecidas pelos devotos. Segundo a lenda, o cavalo marinho é o guardião da casa de Iemanjá, sendo ele o seu mensageiro mais rápido. Nessa reportagem o jornal deu ampla ênfase ao fato do presente ter demorado por ser aceito por Yemanjá, na reportagem o responsável pelo texto escreve:

O mais curioso é que esse ano a grande rainha parece ter demorado a aceitar o que lhe foi oferecido. Um grupo de pescadores e salva vidas demorou algum tempo dentro d'água pressionando a imagem para baixo, que recusava a afundar. Bombeiros que acompanhavam o cortejo mergulharam para prestar auxílio..., o jeito encontrado foi amarrar uma espécie de âncora improvisada, com ferro ao objeto. (A TARDE, 03/02/2007)

Figura 33



Presente oferecido em 2007

Fonte Jornal A tarde

Figura 34



Presente de 2007

Fonte: <http://www.flickr.com>

No ano de 2009 foi oferecida uma imagem do peixe mero, pois a espécie estava desaparecendo do Litoral baiano e em risco de extinção.

Figura 35



Presente de 2009

Fonte: <http://www.flickr.com>

No ano de 2010, o artista plástico Washington Santana confeccionou para o presente principal, uma escultura de Yemanjá Negra, mesmo com os cabelos compridos e lisos e traços europeus, a Yemanjá negra ganhou grande destaque. E essa novidade no presente principal, foi amplamente divulgada no jornal, inúmeras entrevistas foram divulgadas no jornal, perguntando às pessoas a opinião a cerca da imagem de Yemanjá ofertada. As reportagens não mostraram críticas feitas à imagem.

Figura 36



Presente de 2010

Fonte: <http://liciafabio.uol.com.br>

Em entrevista dada pelo artista Washington Santana ao site mencionado o mesmo afirmou “nada mais justo que reverenciar Iemanjá dessa forma, esta cidade é negra”. Porém a imagem da sereia negra causou polêmica entre os pescadores, o presente foi de iniciativa do presidente da Colônia Senhor Branco, a iniciativa de Branco foi homenagear o Orixá africano, mas, o presente não agradou a todos. Um pescador me relatou com revolta que ano anterior foi oferecido uma Sereia Negra, depois apontou para a Sereia branca da frente da casa dos pescadores, e disse “a nossa é essa aí que você tá vendo”. Segundo o mesmo, houve muita gozação e vários pescadores ficaram revoltados, “A gente não aceita por que a nossa nação não é essa, a nossa nação é Angola, do culto afro brasileiro, a nossa é branca, o canto da outra é diferente, a mulher linda nossa é essa aí, dos cabelos bonitos e compridos”. (pescador anônimo)

Enquanto mulher negra, envolvida em causas de combate ao racismo e demais discriminações, não pude deixar de ficar frustrada com os comentários, principalmente por se tratar de quase um consenso entre os pescadores locais. No entanto a análise feita sobre imagem de Yemanjá difundida no Brasil e a compreensão do sincretismo que envolve o Orixá, torna compreensível a reação dos pescadores.

No ano de 2011, os pescadores da Colônia tiveram uma desagradável surpresa na Festa de Yemanjá, o artista plástico a quem foi encomendado o presente principal não enviou a imagem, que segundo o presidente seria de Yemanjá com uma grande pérola. Seu Vavá enfatizou que nesse ano, o presente deu errado, mas para ele Yemanjá reconhece os esforços dos pescadores e está observando quem a enganou.

Yemanjá é quem bem vê quem fez a coisa errada, e não foram eles da colônia, quem fez é que paga, ele pensa que não paga, mais paga. Se ela fosse vingativa, eles pagavam na hora, mas vão pagando aos pouquinhos, pra saber o que é que fez. Quem não leva a sério, vez em outra recebe a cipoada, no tempo que eu tava aprendendo o barco já virou no mar e depois disso aprendi. (Pescador Vavá).

O episódio foi amplamente divulgado pela mídia televisiva e impressa, o jornal A tarde de maior circulação na cidade relatou o ocorrido.

Artista plástico engana pescadores e Iemanjá ganha presente improvisado.

Um incidente interestadual botou um fim à surpresa que a Colônia de Pesca Z1 estava preparando para saudar Iemanjá neste 2 de Fevereiro. Segundo o presidente da colônia do Rio Vermelho, responsável pela organização da homenagem à Orixá rainha do mar desde a década de 20 do século passado, Marcos

Santos Souza, os pescadores este ano foram vítimas de um golpe sem precedentes na história da festa.

"Contratamos um artista plástico de São Paulo para confeccionar o presente deste ano e acertamos entre R\$ 5 e R\$ 6 mil pelo valor da escultura, além dos materiais. A peça deveria ter sido entregue desde novembro. No início ele nos garantiu que entregaria, mas tinha tido problemas porque um familiar havia morrido. Aguardamos esse tempo todo e nada", contou Marcos.

Ainda segundo o presidente da Z1, o presente deste ano seria uma grande concha com uma pérola dentro. Os pescadores também aguardaram até o último minuto, confiando na boa fé do artista, só que ele sumiu e não deu nenhum retorno. Assim, os pescadores tiveram de improvisar a oferenda. Para isso, pegaram a imagem de Iemanjá que fica no peji da Casa do Peso (a casa do Orixá, na Colônia) e colocaram no balaio principal. O presente foi organizado a partir das 15h30 e levado para o mar às 17h desta terça.

Esta foi a primeira vez, desde que começou a tradição de homenagens à Iemanjá, que o presente oficial dos pescadores para a Rainha do Mar não chegou ao barracão do Rio Vermelho no momento da alvorada, que acontece, todo ano, a partir das 4h. A ausência do presente gerou muita especulação ao longo do dia. Segundo informações iniciais de um pescador chamado Fernando Santana, a oferenda teria sido danificada no trajeto para Salvador. "Ano passado também aconteceu um probleminha, mas o presente foi consertado rapidamente. Desta vez foi grave. Isso nunca aconteceu", disse, decepcionado, logo de manhã cedo. (A TARDE ON LINE- 02/02/2011).

Figura 37



Presente de Yemanjá 2011

Fonte: www.atarde.com.br

Comparando o semblante dos pescadores do ano de 2011, que carregam essa imagem, é impossível não compará-la com as fotos exibidas nas reportagens anteriores, o orgulho que geralmente estampa aos olhos dá lugar para preocupação, o percurso do presente foi modificado, não havendo a procissão com a imagem pelas ruas do Rio Vermelho até as escadarias do Porto de Santana. A imagem desceu pelas escadarias de acesso à casa dos pescadores. A foto em si, fora da reportagem e no olhar de quem desconhece a festa de Yemanjá do Rio Vermelho, não descreve muito, mas o conjunto de crenças e valores que estão embutidos na imagem é que fazem diferença na hora utilizá-la na pesquisa social.

Seu Vavá enfatizou que nesse ano, o presente deu errado, mas para ele Yemanjá vê quem faz a coisa errada, o mesmo enfatizou que os culpados não foram os pescadores, nem os membros da Colônia, mas o Orixá vê quem faz as coisas erradas e estes é que serão responderam pelo ato.

A festa de Yemanjá expressa todo o sentido da tradição e oralidade dos pescadores do Rio Vermelho, ela reforça os laços de pertencimento ao mar, integra a colônia de pescadores e seus membros ao universo macro da cidade de Salvador, e expressa a dialética existente entre o material e o imaterial no trabalho marítimo.

CONCLUSÕES

Fazer uma dissertação sobre os pescadores na Bahia, não é uma realização apenas pessoal, mas uma necessidade de visibilizar uma categoria profissional que tanto contribuiu historicamente para a formação da identidade brasileira e baiana. A música, a poesia, as artes de forma geral sempre exaltaram os pescadores, o povo do mar, suas histórias, seus mistérios, esse mundo tão secreto e tão inspirador, que provoca curiosidade, amor e temor.

Trabalhar no mar, não é apenas realizar um ofício laboral, é saber respeitar, compreender, obedecer, aprender. Sempre aprender com os mais velhos, com a natureza, com os presságios, é saber usar a razão e a intuição para mergulhar num universo que desde os primórdios hipnotiza homens e mulheres, e nunca se revela por inteiro.

O ato dessa dissertação foi desafiador, por um lado me deparei com uma falta de material acadêmico sobre o tema. Existe uma enorme lacuna na área das Ciências Sociais de trabalhos sobre pescadores no Estado da Bahia, encontrei, entretanto, alguns trabalhos acadêmicos relativos ao trabalho das marisqueiras. Inexistem documentos feitos pelos próprios pescadores que registrem suas histórias, e seu modo de trabalho, não existe um manual para ser pescador artesanal, essa é uma profissão de tradição oral, os conhecimentos são repassados pelos mais velhos, mesmo com a inserção de novas tecnologias no setor, a figura do Mestre detentor do conhecimento é fundamental para a manutenção dessa categoria.

Houve muita resistência na obtenção de alguns dados que considero primordiais para esta dissertação:

- Recolher informações sobre Yemanjá- Tive que refazer várias vezes a pergunta sobre o Orixá, e a maior parte do que foi obtido se deu nos relatos da festa do dia 02 de fevereiro.
- Recolher as histórias que vivenciaram no mar- Quando perguntava por essas histórias, muitas vezes existia um silêncio, ou respondiam outra coisa, depois de muita conversa, algumas histórias surgiram normalmente, sempre relacionadas a algum acontecimento.
- Recolher informações sobre os ritos relacionados ao mar- a maior parte informou que não realizavam ritos, porém em outras partes do roteiro sempre

citavam que alguém fazia algo para agradar ao mar, como por exemplo, chegar da pescaria e oferecer o maior peixe de volta às águas.

- Recolher informações sobre os segredos- Este ponto foi completamente ignorado, pois, segundo os mesmos os segredos não podem ser revelados.

Ao estudar autores como Antônio Carlos Diegues, percebi que os problemas enfrentados na minha dissertação não eram exclusivos. A antropologia de comunidades pesqueiras foi fundamental, para o desenvolvimento desse trabalho.

A especificidade dos estudos etnográficos sobre comunidades pesqueiras está associada à instabilidade do ambiente físico a que estão sujeitos o povo do mar como: fenômenos climáticos, atmosféricos, aos problemas relacionados à poluição, à intervenção humana no ambiente marinho a exemplo da construção de plataformas continentais de extração de petróleo, emissários submarinos, as migrações das espécies de peixes, etc. Esses fenômenos estão relacionados à realidade física do povo do mar, integrando assim a sua realidade social.

Iniciei esta dissertação analisando a minha unidade de investigação, que foi o bairro do Rio Vermelho e seus pescadores, tinha como objetivo compreender a trajetória de implantação da pesca no local, ao mesmo tempo verificar em que sentido a pesca teve importância para a economia e para construção identitária do Bairro. Neste capítulo verifiquei que a pesca teve importância fundamental na estruturação do Bairro, e nas relações de produção ali estabelecidas. Embora negligenciada nos livros de história, como bem ressalta Castellucci, a pesca teve importância fundamental no período colonial.

As técnicas de pesca usadas até hoje, foram herança dos índios, dos portugueses e dos escravos africanos, estes últimos inseriram no trabalho pesqueiro suas tradições e suas crenças, e mesmo submetidos a um regime de exploração e de afastamento das suas raízes culturais, criaram formas de inserir o seu imaginário e os elementos pertencentes à sua realidade no ambiente do mar.

Muitos objetivos traçados inicialmente, não puderam ser cumpridos, como as entrevistas e observações sobre a família e a vida em comunidade, pois quase não existe trabalho familiar na área. Muitos pescadores ao serem entrevistados se possuíam filhos no trabalho pesqueiro fizeram questão de dizer que não e informaram as profissões que estes filhos estavam ocupando, em setores bem diferentes da pesca. O estudo comunitário também não pode ser realizado no Porto de Santana, pois os pescadores

estão dispersos em vários bairros da cidade de Salvador, e para se dirigir ao local, a maior parte utiliza o transporte público coletivo.

Foi relatado por boa parte dos entrevistados o choque entre os mais novos que ingressam na profissão e os mais velhos, segundo os relatos muitos não aceitam os conhecimentos tradicionais, não demonstram interesses pelas histórias e desfazem dos conhecimentos dos antepassados.

Muitas vezes o pescador investe e não obtém o retorno. Além disso, a maior parte do lucro do pescado fica nas mãos dos negociantes, em suma, os pescadores se mantêm historicamente submetidos a exploração dos atravessadores e das classes dominantes.

A inexistência de infra estrutura portuária no local, dá grande prejuízo aos pescadores que muitas vezes tem sua embarcação destruída pelas marés. Falta no Porto de Santana investimentos governamentais no setor de produção, armazenamento, aviamentos, saúde para os pescadores, e principalmente para a aquisição de embarcações, pois a maior parte dos pescadores da área não são proprietários de barcos.

Na medida em que novas tecnologias são incorporadas à pesca, o próprio efeito sorte sofre alterações. A procura de um pesqueiro pelo mestre, quando navegando mar a fora necessita de conhecimento, sorte e destreza. Porém, os novos equipamentos como sonda e GPS que mostram os cardumes, as pedras, os naufrágios, faz com que os mais jovens que ingressam na profissão e tem a oportunidade de fazer parte de uma tripulação de barco que contem essas inovações e facilidades resistam aos conhecimentos ancestrais.

Acidentes envolvendo jovens pescadores têm sido registrados no Porto de Santana, segundo os mais velhos, isso acontece pela resistência em aceitar os conhecimentos ancestrais. Contudo, após os primeiros anos na profissão, quando o jovem passa a compreender os segredos do mar e decide se tornar um mestre as relações com os saberes ancestrais se modificam e eles passam não só a assimilá-los e respeitá-los como reproduzir o que aprendeu.

A experiência, a vivência e os conhecimentos adquiridos na vida do mar, fazem com que ao contrário de muitas categorias profissionais, os mais velhos sejam respeitados, mesmo quando não mais trabalham no mar, continuam próximos da Colônia como seu Portela 88 anos, a quem todos respeitam na área. Nos momentos em que todos conversavam e seu Portela entrava na conversa, todos calavam ouviam com respeito as suas colocações.

A quantidade de peixes capturados pelos pescadores do Porto de Santana vem diminuindo gradativamente, eles relacionam essa diminuição entre outros fatores à pesca industrial que impedem que os cardumes cheguem aos pesqueiros. A exemplo, da espécie de peixe conhecida como (olho de boi), que costuma aparecer com maior frequência entre o período de abril e maio, porém no ano de 2011 poucos foram capturados.

Os mitos e as histórias de pescadores, não só engrandecem e valorizam a profissão de pescador, como servem de ensinamentos que ajudam os pescadores a lidar com as incertezas do mar e a respeitar a natureza. A simbologia existente entre o ser humano e as águas, não só no Rio Vermelho como nas demais comunidades pesqueiras tradicionais, exprime a interpretação das vivências cotidianas no mar e das necessidades de compreensão do espaço em que estão inseridos.

A festa de Yemanjá se mantém como um grande elo entre os pescadores e suas tradições, o mar não é apenas uma realidade material para esses pescadores, nele existe toda uma simbologia que se expressa cotidianamente na práxis social. As práticas sociais e simbólicas integram-se a vida cotidiana desses pescadores garantindo a própria reprodução do trabalho e do sentimento de pertencimento ao espaço profissional ao qual estão inseridos, ou seja, o mar.

O festejo do dia 02 de fevereiro faz com que os pescadores recebam ajuda material, não só na data, mas durante todo o ano, com a circulação de fiéis que procuram a Praia de Santana com o objetivo de depositar oferendas. Além do apoio material, o envolvimento com a festa estimula a persistência do grupo de pesca.

Embora os pescadores do Rio Vermelho estejam inseridos num ambiente urbano, não vivam em local comum ligados por laços de parentesco, estejam submetidos ao sistema de exploração capitalista e muitos não sejam proprietários dos meios de produção, ainda conservam traços constitutivos da cultura e tradição, que podem ser observados em comunidades de pescadores tradicionais, que marcam as diferenças e as particularidades do povo do mar.

Sem dúvida trabalhar com pescadores é uma experiência única, para compreender, mesmo num ambiente tão adverso e inserido numa realidade neoliberal, que as tradições do passado ganham ressignificações, são readaptadas, mas, se mantêm vivas na práxis cotidiana dos pescadores do Rio Vermelho.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Mar Morto: romance**. Rio de Janeiro. Record, 65ª ed, 1992.
- _____, Jorge. **Bahia de Todos os Santos (Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador)**. 4a ed. São Paulo: Martins, 1956. 310 p.
- BACELAR, Jeferson. **A Hierarquia das Raças: negros e brancos em Salvador**- Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- BAIROS, Luiza (1995). **“Nossos femininos revisitados” in estudos feministas**. Rio de Janeiro, IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n.2.
- BARROS, Cristiane Amaral de. **Iemanjá e Pomba Gira: Imagens do feminino na Umbanda**. Dissertação de mestrado do programa de pós graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.
- KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- BENTO, Maria Aparecida. **“A mulher negra na mercado de trabalho”**. In estudos feministas, Rio de Janeiro, vol. 3, n 2, IFCS/UERJ.
- BRAGA, Júlio Santana. **Notas sobre a pesca do xaréu: Folclore e compromisso religioso**. Afro- Ásia, 10, 1970, pp. 43-65.
- CASTELUCCI JR, Wellington. **Pescadores e baleeiros: A atividade da pesca da baleia nas últimas décadas dos oitocentos-1860 a 1888**. Afro-Ásia, 33, 2005, pp. 133-168.
- _____. **Pescadores da Modernagem: cultura, trabalho e memória em Tairú, Bahia (1960-1990)**. São Paulo: Annablume, 2007.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant’ana. **A pesca construindo sociedades: leituras emj antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo: Núcleo de apoio a pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras/ USP, 2004.
- _____. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. Ensaios, São Paulo: Ática, 1983.
- _____. **A pesca no litoral sul de São Paulo**. Dissertação (Mestrado), FFLCH-USP, São Paulo, 1973.
- ERNÁNDEZ, Leonardo David y MOROS, José Luís. **Representaciones sociales en torno al trabajo, entre las familias de pescadores de las Isla de Zapara (Venezuela)**. Revista de Ciencias Humanas y Sociales, Maracaibo v.20, n.44. mayo 2004

- ESCALLIER, Christine. **O papel das mulheres de Nazaré na economia haliêutica, etnográfica.** Universidade de Paris, tese de doutorado, Vol. III(2), 1999.
- FERREIRA, A e BITTAR, M. **Educação jesuítica no Brasil colonial.** São Carlos, 2000.
- FORMAN, S. **The raft fishermen: Tradition and change in the Brazilian peasant economy.** Indiana University Press, Indiana, 1970.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Cidades Negras. Africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista -Século XIX.** Rio de Janeiro: Editora Alameda, 2006.
- IVO, Anete Brito Leal. **Pesca: tradição e Dependência: um estudo dos mecanismos de sobrevivência de uma atividade tradicional na área urbano-industrial da Salvador.** Dissertação (Mestrado) FFCH-UFBA, Salvador: Bahia, 1975.
- KOTTAK, C. **The structure of equality in Brazilian fishing community.** Columbia, Univ. Press, 1966.
- LOPES, Lucídio, **Rio Vermelho e suas tradições: memória de Lucídio Lopes.** Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador, 1984.
- MANESCHY, Maria C. **Da Casa ao Mar: papéis das mulheres na construção da pesca responsável.** Seminário Internacional da Pesca Responsável, em Beberibe-Ceará, 1997.
- _____. **Ajuruteua, uma comunidade pesqueira ameaçada.** Belém: UFPA, CFCH, 1995.
- MALDONADO, Simone carneiro. **Mestres e Mares: Espaço e indivisão na pesca marítima-** São Paulo: Annablume, 2ª Ed, 1994.
- MELO, Maria de Fátima Massena e MATOS, Martha Maria Vasconcelos. **Gênero na Pesca e Economia Familiar: subordinação e subvalorização.** Apresentação de trabalho: Gênero Segurança Alimentar e Meio Ambiente ST. 37, UFRPE, 2004.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22 ed. Petrópolis: Editora vozes, 2003.
- MOURÃO, F. **Pescadores do litoral sul do Estado de São Paulo.** Tese (Doutoramento), FFLCH-USP, São Paulo, 1971.
- _____. **A pesca no litoral sul do estado de São Paulo: O pescador Lagumar de Iguape- Cananéia.** Dissertação (Mestrado), USP, São Paulo, 1967.
- NUNES, Alina Sá. **Habtats essenciais para os peixes explorados pela frota “linheira” do Porto de Santana, Rio Vermelho, Salvador-Bahia.** Dissertação (Mestrado), Instituto de Geociências- Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2002.

- OLIVEIRA, Vinicius Pereira de. **Escravos, marinheiros, embarcações e pescadores negros no mundo atlântico de Rio Grande/RS (século XIX)**. 4º encontro de escravidão e liberdade no Brasil colonial. Curitiba, 2009.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro Negro: Umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo; Brasiliense, 1999.
- PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Rio Vermelho**. Salvador: AMARV, 1991.
- RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. **“Há esse povo do mar!”: Um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana-** São Paulo: Polis: Campinas, SP: CERES (Centro de Estudos Rurais do IFCH- UNICAMP), 2006.
- RAMOS, Cleidiana Patrícia C. **O Discurso da Luz (Imagens das Religiões Afro-Brasileiras no Arquivo do Jornal A Tarde)**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia, 2009.
- REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835**. Edição revisada e ampliada- São Paulo; Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Marcos S.S. **A cadeia produtiva da pesca artesanal no Estado do Pará: Estudo de caso nordeste Paraense**. Amazônia: Ci. & Desenvolvimento, Belém, v.1, n.1, jul. /dez. 2005.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Educação e realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.
- SILVA, Luis Geraldo. **Os pescadores na História do Brasil: Colônia e Império**. Recife: Vozes, vol. 1, 1988.
- STOLKE, Verena. **‘La mujeres puro cuento: La cultura del genero’**. Revista estudos feministas (Rio de Janeiro). Vol. 12, n. 2, 2004.
- VALLADO, Armando. **Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- WORTMANN, Ellen F. **Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste**. Série antropologia, 111, Brasília, 1991.
- XIMENES, R. & NEIVA, G. **Síntese sobre observações relativas à pesca no Estado do Amazonas**. SUFRAMA, Manaus, 1975.

Outras Referências:

A Tarde, edição de 03/02/2000

A Tarde, edição de 03/02/2004

A Tarde, edição de 03/02/2007

Cadernos de Estudos Sociais: Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Pesquisas Sociais, Recife: Massangana, Vol. 24, n°. 2, jul./ dez., 2008.

ARAÚJO, Luciana & PADILHA, Rosário. **Senhora do mar**. TCC- Jornalismo, FIB, 2008,1 vídeo- disco (35 min): NTSC: som, color.

Sites:

<http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-de-pescador>

http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generedh/gen_categoria.html

<http://www.irdeb.ba.gov.br/soteropolis/?p=549>

http://www.osollo.com.br/noticia.php?id_noticia=4626

<http://www.aucar.com.br/hierarquia.html>

<http://www.atarde.com.br/noticia.jsf?Id=5681487>

<http://www.acirv.org/hp/revista.asp?id=17&tipo=geral>

<http://www.mpa.gov.br/#pesca/pesca-artesanal>

<http://www.tribunadabahia.com.br>

<http://www.bahiapesca.ba.gov.br/bahia-pesca>

http://www.mpa.gov.br/#imprensa/2010/AGOSTO/nt_AGO_19-08-Producao-de-pescado-aumenta

<http://www.mpa.gov.br/mpa/seap/Jonathan/mpa3/info-estatistica/docs/Cadastramento-da-Frota-Pesqueira-do-Litora-Norte-Nordeste.pdf>

Anexos

Roteiro de entrevistas

Sobre a atividade da pesca:

- Ü **Fale um pouco da sua trajetória profissional.**
- Ü **Quem lhe passou os conhecimentos necessários para o trabalho?**
- Ü **Quais foram as principais dificuldades encontradas no início?**
- Ü **Quais as principais mudanças que ocorreram do início da sua trajetória profissional até hoje?**
- Ü **Quais instrumentos e aviamentos utiliza para pescar?**
- Ü **Como é a sua jornada de trabalho?**
- Ü **O que determina a duração dessa jornada?**
- Ü **O que determina o local de pesca?**
- Ü **Existem dificuldades de encontrar o pescado nessas áreas?**
- Ü **Como aprendeu a conhecer os pesqueiros?**
- Ü **Qual o papel do Mestre na embarcação?**
- Ü **Como você vê o papel do mestre na pescaria?**
- Ü **Qual o destino do pescado?**
- Ü **Qual a principal atividade encontrada na comercialização?**
- Ü **Como é dividido o lucro do pescado?**
- Ü **Como é dividido o trabalho enquanto estão embarcados?**
- Ü **Quais são os principais perigos encontrados no mar?**
- Ü **Como se dá as relações com os outros companheiros (as) de embarcação quando estão no mar?**
- Ü **Como se dá as relações com os outros pescadores quando estão em terra?**
- Ü **Qual é a importância da Colônia de pescadores?**
- Ü **Qual a participação da sua família no trabalho da pesca?**
- Ü **Como seus filhos vêm a profissão de pescador?**

Sobre as tradições, ritos e ancestralidade na pesca.

- Ü Fale um pouco sobre as histórias do mar.**
- Ü Existe alguma prática religiosa, que seja usada antes de entrar no mar?**
- Ü Como o pescador pode se proteger dos perigos enquanto está no mar?**
- Ü Quais os ensinamentos dos mais velhos para evitar os perigos no mar?**
- Ü Existe alguma forma de agrado ao mar que seja usada antes, durante ou após as pescarias?**
- Ü Qual a sua opinião sobre essas oferendas?**
- Ü Qual a sua opinião sobre a festa de Yemanjá?**
- Ü O que significa o presente de Yemanjá para você?**
- Ü Qual a sua opinião sobre a participação da Colônia Z-1 na festa de Yemanjá?**
- Ü Participa da festa? Se sim como?**
- Ü O que significa Yemanjá para você?**
- Ü Como é a imagem de Yemanjá para você?**

Figura 38

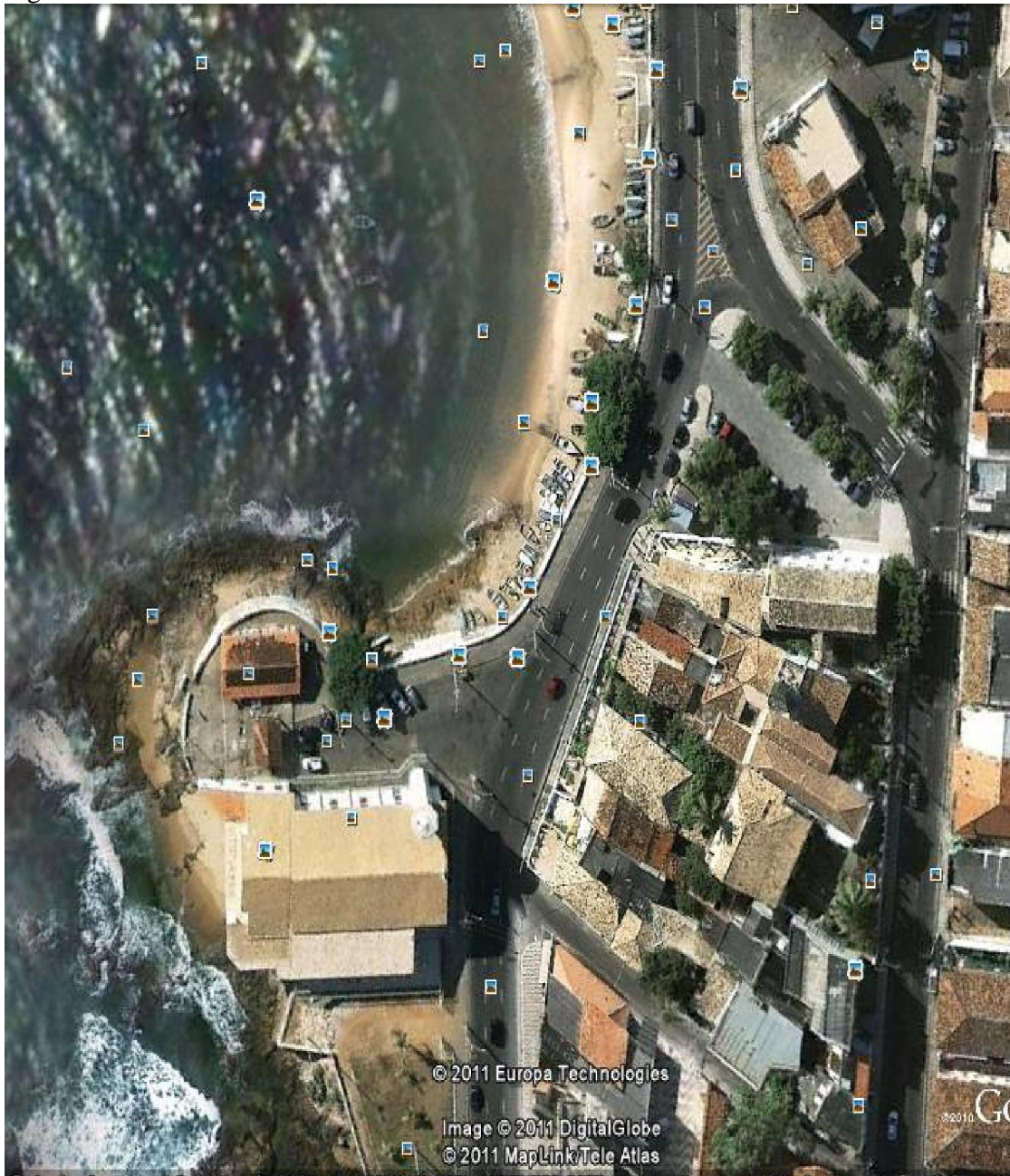


Imagem de satélite da casa dos Pescadores do Rio Vermelho, tendo ao lado esquerdo os barcos aportados na Praia de Santana e a direita a Igreja de Santana.

Fonte: Google Earth

Figura 39



Foz do Rio Camurujipe 1930
Fonte: Biblioteca Juracy Magalhães Junior

Figura 40



Festa de Yemanjá 1980
Fonte: <http://www.acirv.org>

Figura 41



Yalorixá com folhas sagradas
Fonte: Alex Sander

Figura 42



Festa de Yemanjá
Fonte: Arquivo da autora

Figura 43



Pescadores preparando o almoço
Fonte: Arquivo da autora

Figura 44



Boxes de venda de pescados, da Casa dos Pescadores
Fonte: Arquivo da autora

Figura 45



Descrição: Casa dos pescadores
Fonte: Arquivo da autora

Figura 46



Casa de Yemanjá
Fonte: Arquivo da autora

Figura 47



Pescador Vavá
Fonte: Arquivo da autora

Figura 48



Pescador Fernando
Fonte: Arquivo da autora

Figura 49



Limpeza do barco
Fonte: Arquivo da autora

Figura 50



lateral da Casa dos Pescadores
Fonte: Arquivo da autora